



**Igor Lucas Damasceno**

**SOMOS TRANSPARENTES PORQUE SOMOS POBRES:  
A LUANDA CONTEMPORÂNEA EM *OS TRANSPARENTES*, DE ONDJAKI**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS:  
TEORIA LITERÁRIA E CRÍTICA DA CULTURA**

**São João del-Rei**

**2016**

**Igor Lucas Damasceno**

**SOMOS TRANSPARENTES PORQUE SOMOS POBRES:  
A LUANDA CONTEMPORÂNEA EM *OS TRANSPARENTES*, DE ONDJAKI**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teoria Literária e Crítica da Cultura.

Área de concentração: Teoria Literária e Crítica da Cultura

Linha de Pesquisa: Literatura e Memória Cultural

Orientadora: Profa. Dra. Eliana da Conceição Tolentino

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS:  
TEORIA LITERÁRIA E CRÍTICA DA CULTURA**

**São João del-Rei**

**2016**

Dissertação intitulada “Somos transparentes porque somos pobres: a Luanda contemporânea em *Os transparentes*, de Ondjaki” de autoria de Igor Lucas Damasceno, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Profa. Dra. Eliana da Conceição Tolentino – Orientadora

---

Profa. Dra. Suely da Fonseca Quintana – UFSJ

---

Profa. Dra. Maria Luiza Scher Pereira – UFJF

---

Prof. Dr. Anderson Bastos Martins

Coordenador do Programa de Mestrado em Letras da UFSJ

São João del-Rei, 26 de agosto de 2016

Para minha vó,  
minha preta veia,  
minha infinitude de amor e sabedoria.

## Agradecimentos

Aos meus avós, Maria de Lourdes e José Luiz, pela serenidade em seus olhares, por todo afeto e por todo sorriso que eu carregue pela vida.

À minha mãe, Mára Lúcia, pelo amor em sua plenitude incondicional, por fazer me faltar palavras para expressar tamanha gratidão.

Ao Tibem, meu tio Bené (*in memorian*), pelas orações e pela alegria de viver.

Aos meus tios, Jane, Luiz, Mirian e Tiago, por me encherem de orgulho e por construírem a melhor família que eu poderia desejar.

Aos meus primos, Thales, Thúlio e Thaís, pelos laços muito além dos sanguíneos.

À minha irmã Grazielle e meu sobrinho Rafael, pelas mais gratas surpresas da vida.

À minha família são-joanense, Dora, Tânia e Tia Elza, pelos almoços de domingo e pelo carinho da boa prosa.

A todos que ajudaram a tornar São João del-Rei lugar da arte dos encontros.

Ao Zé, norte-camarada, pela sabedoria compartilhada.

Ao Robert, sempre sóbrio, por viver poesia.

Aos amigos Pedro, Saulo e Lucyan, pelas cervejas e alegrias divididas.

Ao Salmerón, pelas nossas inaptidões no mundo.

À Thaisinha, pelas utopias que nos conduzem.

À Rosana, pelo tempo que rodou num instante.

À Diana, pelo apoio e pelas inquietações literárias.

À Lucielle, pela leveza de sua cumplicidade.

À Fernanda, minha kamba kaluanda, por me apresentar Luanda além das palavras.

À Polyana, por tornar mais belo o cotidiano e pelas horas de estudo compartilhadas na biblioteca.

À Stefânia, pelo amor pela África, pelas conversas e besteiras diárias.

Aos amigos do Mestrado, companheiros práticos e teóricos, em especial, à Eloísa, Richardson, Camila e Priscila.

Aos inesquecíveis companheiros de morada, Wesley, Leopoldo, colegas da República Cangaço e da República Divina Comédia.

Aos amigos de Divinópolis, espalhados pelo mundo, mas sempre juntos pelas boas lembranças: Sthéffano, Menderson, Leo e Daniela.

A todos os professores, da educação básica, da graduação em Letras e do Mestrado em Crítica da Cultura e Teoria Literária da UFSJ que afirmaram em mim a paixão pela literatura. Em especial, à Maria Ângela, Cláudio, José Antônio, Luiz Manoel e Gustavo.

Aos alunos da Escola João Pio, por renovarem minhas esperanças na Educação.

À Capes, pela bolsa de estudos concedida para a realização da pesquisa.

E, finalmente, à professora e orientadora, Eliana Tolentino, meus agradecimentos pela dedicação e orientação pontual.

Obrigado.

Enquanto os homens exercem  
Seus podres poderes  
Índios e padres e bichas  
Negros e mulheres  
E adolescentes  
Fazem o carnaval

Queria querer cantar afinado com eles  
Silenciar em respeito ao seu transe num êxtase  
Ser indecente  
Mas tudo é muito mau

[...]

Enquanto os homens exercem  
Seus podres poderes  
Morrer e matar de fome  
De raiva e de sede  
São tantas vezes  
Gestos naturais

Caetano Veloso em *Podres Poderes* (1984)

## Resumo

Na presente dissertação, realizamos uma leitura da obra *Os transparentes* (2013), romance do escritor angolano Ondjaki, sob a ótica das relações entre cidade, sociedade e literatura, dando ênfase a estudos que contemplam as singularidades contemporâneas e pós-coloniais. A discussão abrange, principalmente, as relações entre a cidade de Luanda *fictícia* de *Os transparentes* e a cidade *real* de Luanda, capital federativa da República de Angola. Visto que os estudos sobre Luanda e a literatura angolana já são, há muito, tema de diversos estudos literários, esta pesquisa enfatizou as idiossincrasias da cidade imaginada de *Os transparentes* e no recorte temporal de uma Angola contemporânea e pós-guerra civil. Dessa forma, pretendemos propagar a ideia de que Ondjaki não é apenas um escritor que narra sua infância na Luanda dos anos de 1980. Neste romance, o autor angolano amplia ainda mais seu lugar enquanto informante de Luanda e, respectivamente, de Angola. Assim como suas obras autobiográficas (ou ainda suas memórias inventadas) apresentam aos leitores painéis sócio-históricos de um passado recente em Angola e suas obras infanto-juvenis apresentam elementos da oratura angolana, em *Os transparentes*, entramos em contato com um mundo afetivo e heterogêneo de uma Luanda contemporânea.

**Palavras-chave:** Os transparentes. Ondjaki. Luanda. Literatura Angolana. Contemporâneo.



## **Abstract**

This dissertation performs a reading of the book *Os transparentes*(2013) (*The transparent ones*), a romance by Angolan writer Ondjaki, in view of the relationships between city, society and literature, with an emphasis on studies that contemplate the singularities of the contemporary and the post-colonial. The present discussion's focus is in the relationships between the *fictional* city of Luanda, portrayed in *Os transparentes*, and the *real* Luanda, the federal capital of the Republic of Angola. Since studies on Luanda and Angolan literature are already theme of several literary studies, this research emphasized the idiosyncrasies between the imagined city of *Os transparentes* and the contemporary, post-civil war Angola. Hence, we intend to advance the understanding that Ondjaki is not just a writer who presents memories from his childhood in 1980's Luanda. In this romance, the Angolan writer further expands his role as one who informs of Luanda and, respectively, Angola. In the same way that his autobiographic works (or, yet, his created memories) present their readers with socio-historical panels of a recent past in Angola, and his juvenile works present elements of Angolan oral literature, in *Os transparentes* we are introduced to the affective and heterogeneous world of contemporary Luanda.

**Keywords:** The transparent ones. Ondjaki. Luanda. Angolan Literature. Contemporary.

## Sumário

Introdução .....	9
Capítulo 1. A cidade inscrita .....	15
1.1. Tempo da cidade, tempo do escritor .....	15
1.1.1. Capital literária angolana .....	18
1.2. (Ka)Luanda(s) de Ondjaki .....	21
1.2.1. Ondjaki de Luanda .....	27
1.3. Governo Eduardista e Período Pós-guerra .....	30
1.3.1. O Rei Sol angolano .....	31
1.3.2. O Pós-guerra porvir .....	35
1.4. A Literatura e a arte angolana como denúncia: liberdade de escrita e de expressão em Angola .....	37
1.4.1. 15+2+24 milhões .....	40
Capítulo 2. <i>Os transparentes</i> : narrativa luandense contemporânea .....	47
2.1. A multidão transparente: desigualdade e representatividade social .....	47
2.1.1. Petróleo em Angola: riqueza para quem? .....	48
2.1.2. A questão da representatividade .....	54
2.2. Personagens de <i>Os transparentes</i> : habitantes de Luanda .....	56
2.2.1. Luanda sob painéis .....	56
2.2.2. O jeitinho angolano .....	58
2.3. Angola hoje: entre a memória e o não-lugar .....	65
2.3.1. As gerações e as utopias .....	68
2.3.2. Os transparentes: utópicos e distópicos? .....	70
2.4. Angola metonímica: do prédio à nação .....	75
2.4.1. O prédio que respirava como uma entidade viva .....	78
2.4.2. A nação das pessoas a mandar mais que deus .....	82
2.5. Angola metafórica: da transparência ao apocalipse .....	86
2.5.1. O kota transparente .....	87
2.5.2. Gomorra à <i>la</i> Luanda .....	90
Considerações finais .....	95
Referências bibliográficas .....	100
Anexos .....	108

## Introdução

De acordo com Terry Eagleton (2006), “Dom Quixote não é uma obra “sobre” o personagem de mesmo nome: o personagem é apenas um artifício para se reunirem diferentes tipos de técnicas narrativas” (p. 4). Desta forma, consideramos o romance *Os transparentes* (2013), de Ondjaki, como uma obra que pode dizer muito mais do que carrega seu título. O romance escrito pelo autor luandense pode ser lido como um painel de Luanda, cidade tantas vezes representada em sua literatura.

Em *Os transparentes*, destaca-se inicialmente a tênue linha entre a ficção e os relatos de uma Luanda contemporânea, representada entre as memórias e o cotidiano de personagens de uma cidade que se moderniza amalgamada entre a globalização, tradições autóctones e os efeitos dos séculos de colonialismo e décadas de guerra civil. A construção narrativa se alicerça na realidade dos dramas cotidianos mesclada com elementos de fantasia circunstancial, perpassada pelos olhares de vários personagens que representam, em sua maioria, angolanos com pouca representação social. Assim como o título da obra sugere, Ondjaki dá voz aos “transparentes”, personagens por muito tempo desvozeados e invisíveis. No Edifício do LargoDaMaianga, lócus principal da narrativa, são encontrados personagens comuns, repletos de humor e coragem, marcados pela memória dos tempos de guerra e com novas utopizações do futuro em meio a histórias íntimas e coletivas que compõem uma sociedade contemporânea de uma Angola cheia de contrastes.

Tomando licença para se usar a primeira pessoa, o fascínio inicial pelo romance se deu logo em sua primeira leitura, à época de seu lançamento no Brasil, pela editora Companhia das Letras, ainda em 2013, durante minha graduação no curso de Letras da UFSJ e o desenvolvimento de uma pesquisa de Iniciação Científica. Nessa pesquisa inicial, meu primeiro contato mais profundo com a obra de Ondjaki foi relativo aos seus livros “anos 80”, com panos de fundo

autobiográficos, a saber, *Bom dia camaradas* (2001), *Os da minha rua* (2007) e *AvóDezanove e o segredo do soviético* (2008). Os temas abordados neste trabalho<sup>1</sup> foram, sumariamente, as discussões sobre a relação entre memória e recriação na narrativa ondjakiana, focando-se em estudos sobre memória, autoficção e autobiografia na literatura.

Ainda no percurso das pesquisas iniciais sobre a obra de Ondjaki, também desenvolvi o Trabalho de Conclusão do Curso de Letras, intitulado *Para a escuridão ficar mais bonita: exploração e beleza sensorial em Uma escuridão bonita, de Ondjaki*. Posteriormente, descobri que nos estudos acadêmicos brasileiros sobre as obras de Ondjaki ainda predominavam os que abordavam as questões da autobiografia e de uma memória específica – a do garoto de classe média vivendo em Luanda durante a guerra civil angolana nos anos 1980. Em virtude disso, concomitantemente com a curiosidade e o fascínio pela obra do escritor, cresceu em mim vontade de estudar sobre temas relacionados ao autor dantes pouco pesquisados na academia. Dada a capacidade do escritor de estar sempre se renovando em diversos tipos de manifestações artísticas e literárias, busquei ter acesso a outras obras do autor, algumas ainda inéditas no Brasil, com a finalidade de conhecer as “outras facetas” de Ondjaki.

Por isso, o *corpus* desta pesquisa (*Os transparentes*) e o recorte espaço-temporal das discussões (Luanda contemporânea), vieram ao encontro à vontade de se pesquisar temas importantes e ainda, infelizmente, pouco debatidos no âmbito literário. Particularmente, como estudante da cultura e da literatura angolana e africana, sempre me senti incomodado com as ênfases dadas aos períodos de guerras e à miséria de suas respectivas sociedades. Isso não se trata, porém, de ignorar esses períodos, nem de desqualificar os trabalhos que abordam esses temas. Por outro lado, sempre busquei me afastar de uma demagogia que ignorasse a realidade sócio-histórica e cultural desses lugares. Acreditando sempre que o povo é o bem mais precioso de cada nação e de que a arte pode ser transformadora e representante desse, encontrei em *Os transparentes* uma literatura que, antes de qualquer prerrogativa, tenha me identificado.

---

<sup>1</sup> DAMASCENO, I. L.; TOLENTINO, E. C. . Memória e recriação na narrativa de Ondjaki. In: XII Congresso de Produção Científica da UFSJ, 2014, São João del-Rei. Anais do XII Congresso de Produção Científica da UFSJ, 2014.

A meu ver, Ondjaki, em sua literatura, e mais especificamente em *Os transparentes*, demonstra um enorme cuidado ao retratar seu povo, longe da hipocrisia de se focar apenas na miséria e nas guerras e da demagogia de demonstrar somente o lado mais bonito de seu país. A maneira que o escritor projeta seu povo na literatura está, primariamente, ligada a uma proximidade humana, ou seja, personagens repletos de vícios e virtudes, em contramão a definições rasas e maniqueístas.

Dada à definição do recorte temporal a ser estudado – o contemporâneo – muitas dificuldades foram encontradas no percurso da pesquisa, o que não me desanimou, porém, de continuar com o tema. Pelo contrário, a preocupação em buscar compreender o tempo presente sempre me fez, cada vez mais, ir em busca do conhecimento de um passado. Acreditando ser impossível se separar o pesquisador do sujeito, eu, enquanto afrodescendente, mais do que ter raízes fincadas em África, tenho ainda uma enorme proximidade com seu tempo presente. As verossimilhanças imediatas com minha leitura de *Os transparentes* foram um dos principais motivos para dar continuidade a um estudo mais apurado sobre a obra, e, por conseguinte, mais do que aprofundar meus conhecimentos sobre o romance, acabei também por adquirir um conhecimento sobre mim mesmo. Este trabalho é, portanto, parte de um conhecimento adquirido através dos anos como estudante de literatura, segundo as discussões desenvolvidas por diversos críticos da teoria literária e da cultura e, muito, como sujeito que se enxerga particularmente representado nas páginas de *Os transparentes*.

Sendo assim, a leitura de *Os transparentes* neste trabalho é mais uma possibilidade dentre tantas outras, tal como a representação de Luanda no romance é apenas mais uma dentre a riquíssima literatura angolana. Não buscou-se, aqui, de maneira alguma, estabelecer-se dogmas incontestáveis. Pelo contrário, sabendo que o conhecimento acadêmico e a crítica literária são pautados em uma diversidade de perspectivas, esta dissertação pretende não mais do que ser mais uma parte dessa multiplicidade.

Essa pesquisa teve como objetivo geral analisar a representação da Luanda contemporânea e das condições de sua população no romance *Os transparentes*, de Ondjaki, numa interface entre estudos literários e socioculturais que abrangem a

literatura pós-colonial. E, como objetivos específicos, pretendeu discutir: i) Intersecções entre Luanda (cidade) e Luanda (cidade literária de *Os transparentes*); ii) A relação de Ondjaki com Luanda “além das páginas da literatura”, como em entrevistas e considerações disponíveis na internet; e, iii) A presença da memória como representante do passado e da utopia como projeção de um futuro.

No que se refere à divisão de partes do trabalho, inicialmente, no primeiro capítulo, intitulado *A cidade inscrita*, procurei estabelecer um panorama crítico, teórico e sócio-histórico da cidade de Luanda e a sua representação na literatura. O qual foi desdobrado em quatro tópicos como apresentados a seguir.

Em *Tempo da cidade, tempo do escritor*, busquei demarcar o espaço-tempo a ser apresentado no trabalho, com considerações teóricas sobre o contemporâneo e a relação de Ondjaki como um escritor de seu tempo. Já no subitem seguinte, *Capital literária angolana*, ganham destaque as considerações sobre Luanda enquanto cidade literária de Angola, baseadas principalmente nos estudos dos teóricos brasileiros Antonio Candido (2008) e Tania Macêdo (2008).

Em *(Ka)Luanda(s) de Ondjaki*, é apresentada e debatida a presença de Luanda e da sociedade luandense na obra de Ondjaki além de *Os transparentes*, a fim de se expandir o conhecimento sobre a representação da cidade como a “obsessão literária” do artista e a multiplicidade de seus meios para isso. Também é debatida, nesse trecho, uma revisão de literatura baseada em outros trabalhos acadêmicos sobre a obra do escritor. Por conseguinte, em *Ondjaki de Luanda*, são apresentadas algumas questões sobre a biografia do escritor, além de um resumo sobre suas obras e um quadro sobre a presença da cidade em alguns de seus principais trabalhos.

Já em *Governo eduardista e período pós-guerra*, tem-se uma maior consideração sobre o espaço temporal a ser discutido no trabalho. *O Rei Sol Angolano* traz considerações sobre o período do governo de José Eduardo dos Santos, presidente angolano desde 1979. São discutidas nesse trecho algumas das diversas acusações de corrupção e má administração política do presidente, bem como os reflexos que isso causa na população angolana. *O Pós-guerra porvir* trata-se de considerações sobre o “pós-pós-guerra”, ou seja, de um período após 2002 e

das dificuldades e dos desafios a serem enfrentados pelo povo e pelos políticos de Angola.

Em *A Literatura e a arte angolana como denúncia: liberdade de escrita e de expressão em Angola* são tratados temas como o percurso histórico da literatura angolana como veículo de protesto social e a influência exercida em Angola por parte dos intelectuais e dos artistas angolanos residentes fora do país. Ainda sob o mesmo viés da liberdade de expressão, destaque para *15+2+24 milhões*, trecho em que se salienta o caso presente caso dos 15+2 (Quinze mais duas), que teve início em 2015 e se arrasta como significativa demonstração de censura à liberdade de expressão e de divergência política no país, governado há quase quatro décadas por José Eduardo dos Santos.

O segundo capítulo, *Os transparentes: narrativa luandense contemporânea*, pretende se aprofundar nas interpretações do romance enquanto possibilidade representativa da Luanda contemporânea e de sua respectiva sociedade. Em *Petróleo em Angola: riqueza para quem?* são tratadas as questões relativas à exploração petrolífera, principal condutora da economia angolana e de suma importância na ficção de *Os transparentes*. Já em *A questão da representatividade*, o enfoque teórico é dado a partir das considerações da indiana Gayatri Spivak (2010) e busca estabelecer relações entre os personagens do romance com as questões que se tangem à representatividade dos sujeitos subalternos.

Dando continuidade, em *Personagens de Os transparentes: habitantes de Luanda*, são sumariamente apresentadas em *Luanda sob painéis* as aproximações de um documentário audiovisual produzido por Ondjaki em 2006 e o romance publicado posteriormente. A seguir, em *O jeitinho angolano*, são tratadas as adaptações e idiosincrasias dos principais personagens do romance em virtude dos mais diversos fins.

Em *Angola hoje: entre a memória e o não-lugar* cabem as discussões fundamentadas sobre as influências do passado e do futuro dentro da contemporaneidade angolana. *As gerações e as utopias* busca apresentar um panorama sobre a presença da utopia através nas diferentes gerações de escritores

da literatura do país. Já *Os transparentes: utópicos ou distópicos?* pretende apontar elementos de utopia e de distopia nos personagens do romance.

*Angola metonímica: do prédio à nação* busca relacionar as micro e macro comunidades do romance pelas indicações metonímicas. *O prédio que respirava como uma entidade viva* é trecho que esmiúça o principal espaço comunitário do romance. *A nação das pessoas a mandar mais que deus* trata-se de uma perspectiva sobre a influência do poder das grandes esferas governamentais e da elite do país na vida dos subalternos angolanos, pelo viés dos personagens do romance.

*Angola metafórica: da transparência ao apocalipse* apresenta algumas considerações teóricas sobre metáforas e em seguida dialoga com as principais metáforas da obra. *O kota transparente* estende-se sobre a transparência figurativa do personagem Odonato, um dos principais da história. Finalmente, *Gomorra à la Luanda* é o espaço de discussão sobre as referências bíblicas e metafóricas sobre o caos e a destruição que perpassam a Luanda de *Os transparentes*.



## Capítulo 1. A cidade inscrita

### 1.1. Tempo da cidade, tempo do escritor

*Eu vos digo:  
é preciso ter ainda caos dentro de si,  
para poder dar à luz uma estrela dançante.  
Eu vos digo:  
tendes ainda caos dentro de vós.*

Friedrich Nietzsche

Luanda, capital e maior cidade de Angola, desde sua fundação em 1576 pelo português Paulo Dias de Novaes se estabeleceu como uma das cidades mais importantes da África. De suma relevância para o comércio escravista português durante os séculos de colonização, a cidade, ainda nos dias de hoje, continua como o mais importante polo econômico da região, entretanto, isso não se reflete em igualdade social pautada numa distribuição de renda justa.

Os tempos de Luanda são muitos. Mostraram-se válidos diversos estudos que buscaram um recorte da história da cidade a fim de se estabelecerem relações diretas com sua sociedade e sua relação com seu tempo. No campo da literatura, por exemplo, tornaram-se fundamentais as relações dos escritores de Luanda/Angola com os tempos de colonização, de luta pela independência, de pós-independência e do período da Guerra Civil Angolana. Mais do que referências que influenciaram escritores de gerações posteriores em Angola, o próprio estudo da literatura nacional do país, deve passar, indubitavelmente, sobre um conhecimento coerente sobre esses períodos anteriores para uma compreensão mais ampla da produção atual da arte em Angola.

Dada a grandiosidade da história de uma cidade como Luanda e de uma civilização como a angolana, não caberá, aqui neste trabalho, extensas imersões que se remetam aos tempos mais idos da história angolana, africana e colonial portuguesa. Conforme já mencionado, o tempo a ser focado neste trabalho será o contemporâneo.

Sobre o conceito de contemporâneo, servirá principalmente como norte as ideias basilares do filósofo italiano Giorgio Agamben, em seu ensaio *O que é o contemporâneo* (2009). Para Agamben

Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e entender o seu tempo (AGAMBEN, 2009, p. 58).

Acreditamos que Ondjaki, autor de *Os transparentes*, seja representante desse sujeito que é capaz de perceber e entender o seu tempo partindo de certo deslocamento. Posteriormente, no mesmo ensaio, Agamben ainda ressalta que

Essa não-coincidência, essa discronia, não significa, naturalmente, que contemporâneo seja aquele que vive num outro tempo, um nostálgico que sente em casa mais na Atenas de Péricles, ou na Paris de Robespierre e do marquês de Sade do que na cidade e no tempo que foi lhe dado viver. Um homem inteligente pode odiar o seu tempo, mas sabe, em todo caso, que lhe pertence irrevogavelmente, sabe que não pode fugir ao seu tempo.

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. (AGAMBEN, 2009, p. 59)

Tratando-se de Ondjaki, torna-se relevante a consideração sobre suas obras publicadas sob um caráter autobiográfico. As questões já bastante analisadas em suas obras que remetem à sua infância na Luanda dos anos 80, a saber, *Bom dia camaradas* (2001), *Os da minha rua* (2007), *AvóDezanove e o segredo do soviético* (2008), *A bicicleta que tinha bigodes* (2011) e *Uma escuridão bonita* (2013), podem indicar traços saudosistas em sua obra. Entretanto, reduzir a literatura do escritor ao aspecto apenas autobiográfico seria ignorar grande parte de sua tão ampla produção como artista que, além da prosa, produziu poesia, teatro, roteiro, arte plástica, dentre outros. Ademais, o tempo ido a ser “revisitado” por Ondjaki é principalmente um tempo que lhe é familiar; um tempo do qual participou como

sujeito ativo enquanto criança, diferente de uma volta à Atenas de Péricles ou à Paris de Robespierre.

Sobre a literatura angolana e a relação do literato em escrever literatura/escrever história, ressaltamos Russel Hamilton (1999), que, discutindo a literatura dos Palop (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) e a teoria pós-colonial, evidencia a importância do processo de reescrever a África colonizada:

Re-escrever e remitificar o passado é, de certo modo, uma estratégia estético-ideológica que tem em vista protestar contra as distorções, mistificações e exotismos executados pelos inventores colonialistas da África. (HAMILTON, 1999, p. 18)

Mais do que reescrever a África colonizada contra as distorções históricas dos colonialistas, a literatura angolana atual, incluindo-se aqui Ondjaki, parece buscar também diminuir os abismos de uma ignorância contemporânea em relação aos países pós-colonizados. O recente crescimento pelo interesse das literaturas africanas e pós-coloniais vem sendo demonstrado através do aumento considerável de publicações dessas literaturas em grandes editoras brasileiras, bem como o aumento de estudos acadêmicos nessas áreas.

Dentro dessa *onda*, Ondjaki aparece como um dos autores angolanos mais publicados e estudados no Brasil. Entretanto, acreditamos que no Brasil, o estudo sobre suas obras autobiográficas (ou com vestígios de autobiografia) tenha predominado em virtude das influências das publicações das editoras brasileiras. É considerável o número de estudos acadêmicos e/ou literários sobre suas obras *Bom dia camaradas*, *Os da minha rua* e *AvóDezanove e o segredo do soviético*, publicadas por editoras como Agir, Língua Geral, Companhia das Letras, dentre outras. Por conta disso, talvez se possa criar uma falsa impressão de que Ondjaki, inscrito, assumido e orgulhosamente um escritor de sua cidade, não seja também um escritor de seu tempo, tendo se fincado apenas em seu tempo de infância e de suas memórias autobiográficas. Por essa razão, parte deste trabalho será tentar demonstrar que apesar de não residir em Luanda há certo tempo e de suas obras que remetem a um passado de sua infância, Ondjaki, além de um escritor de sua cidade, é um escritor de seu tempo.

### 1.1.1. Capital literária angolana

Os estudos da Literatura e da sociedade estão, desde há muito tempo, sendo complementares numa relação mútua. Para Antonio Candido (2008), teórico literário brasileiro, “o fator social é invocado para explicar a estrutura da obra e o seu teor de ideias, fornecendo elementos para determinar a sua validade e o seu efeito sobre nós” (p. 24). Tratando-se do estudo da Literatura Angolana sobre/em Luanda, devemos pensar nas características de uma literatura urbana e nas peculiaridades de uma urbanidade específica, que se difere, por exemplo, dos conceitos da Paris benjaminiana do século XIX.

Aldo Paviani (1998), geógrafo brasileiro, caracteriza os mecanismos de exclusão/segregação das grandes cidades, incluindo-se aqui, Luanda nos dias de hoje.

Nas grandes cidades, as periferias são a materialização de mecanismos de exclusão/segregação, tais como: habitações insuficientes e de má qualidade, inexistência de infra-estruturas básicas, baixa possibilidade de acesso rápido e confortável aos lugares de trabalho, malha viária e equipamento de transporte coletivo deficientes etc.

Acresça-se a estes problemas a disseminação de práticas administrativas acentuadamente incrementalistas, pontualizadas, assistencialistas e paternalistas, que fragmentam a atuação governamental. [...]

A falta de acesso por parte dos despossuídos aos equipamentos e infra-estruturas nas áreas metropolitanas está intimamente ligada às estruturas que criam, mantêm e perpetuam a segregação urbana e, por esta via, às diversas formas de periferização. (PAVIANI, 1998, p. 183)

As diversas formas de periferização de Luanda não são temas apenas da literatura contemporânea angolana. É desde os tempos da colonização portuguesa que, com a chegada da cultura da literatura escrita, a cidade em suas mais diversas subdivisões tem sido contada por e através da literatura. Essas subdivisões geográficas e sociais obviamente já existiam nos tempos pré-coloniais, porém, com a chegada dos colonizadores e com a tentativa destes de construir uma cidade africana aos moldes europeus, a segregação entre povos e classes se torna ainda mais evidente e prejudicial aos mais pobres.

Segundo Tania Macêdo (2008), em *A cidade colonizada*, a exclusão passa a ser uma regra arquitetônica de Luanda.

Com o advento de uma posse efetiva do solo africano, nos fins do século XIX, as cidades africanas europeizadas começam a surgir, constituindo-se em um duplo perverso das urbes européias. Nelas, os colonos procuram refletir o *modus vivendi* da Europa, copiando-lhe a arquitetura e o traçado, mas tendo para isso de tentar, inutilmente, abstrair a população nativa ou, no mínimo, efetuar uma brutal segregação para tentar seu apagamento. Surgem, dessa forma, os “bairros indígenas”, a “cidade” do colonizado, que se contrapõe à cidade do colono (MACÊDO, 2008, p. 87).

Pautada na segregação e atenta ao seu espaço-tempo, a literatura angolana urbana passa a apontar, descrever e debater os locais, os temas e as personagens que compunham essa parcela significativa segregada. Ainda que Luanda seja cenário e temática da literatura angolana há tempos, “desde *Nga Mutúri*<sup>2</sup> [...], texto precursor da ficção angolana, aos nossos dias, os intelectuais angolanos se vêm mostrando extremamente sensíveis aos encantos do gênero [romance]” (CHAVES, 1999, p. 24), é nas décadas de 1950 e 1960 que o movimento político que buscava a independência passa a influenciar fortemente a literatura com viés nacionalista.

Nesse momento, verifica-se o esforço efetivo e coletivo dos escritores no sentido de dar forma artística a um projeto nacionalista que iniciava sua organização política e ao qual aqueles autores, como militantes ou simpatizantes, estavam ligados.

A materialização artística do projeto nacionalista redundará na criação de um novo espaço ficcional na literatura do país. É dessa maneira que, insistentemente na ficção angolana a partir desse momento, as marcas do imaginário urbano recriado conformam os textos. Luanda surge, assim, como uma cidade cuja “fronteira do asfalto”, a dividir os bairros da Baixa e os musseques. (MACÊDO, 2008, p. 114).

Posteriormente, Tania Macêdo, ainda em *Luanda, cidade e literatura* (2008), estudo basilar deste trabalho, traz importantes considerações sobre o que se classificaria como “prosa dos musseques”.

Ao examinar a produção dos fins dos anos 50 até os inícios dos anos 80, verifica-se que em termos quantitativos a ficção tematizando os musseques luandenses, seus habitantes, e seus sonhos é tão expressiva – mais de uma centena de textos – que se pode mesmo falar de uma “prosa do musseque” para designar essa produção (MACÊDO, 2008, p. 122).

Romancistas como Luandino Vieira, Pepetela, Boaventura Cardoso, Pepetela, Manuel Rui, João Melo, entre outros, juntamente com os poetas Agostinho Neto, Viriato da Cruz, António Jacinto e Ndunduma wé Lépi estão entre os grandes escritores angolanos que buscaram retratar a vida nos musseques pela literatura.

---

<sup>2</sup> *Nga Mutúri* (Senhora Viúva), obra de Alfredo Troni, português que passou a maior parte da sua vida em Luanda, foi publicado em folhetins na imprensa lisboeta em 1882, mas só em 1973 teria uma segunda edição. Nessa obra, Luanda é focalizada como local em que a colisão de culturas deixa espaços de desgaste ou instaura os de sincretismo. (SANTILLI, 1985, p. 10)

Todavia, ainda que a quantidade de textos sobre os musseques faça predominar esse ambiente periférico na literatura nacional, há ainda outras ambientações, em diferentes graus de periferização, que ganham destaque em Angola.

É o caso, por exemplo, das obras situadas nas regiões da *Cidade Baixa* (região antiga de Luanda) de *Os cães e os calus* (1984) de Pepetela, o edifício de *Quem me dera ser onda* (1982) de Manuel Rui e tantas outras obras da literatura angolana que tomam parte da cidade como um microcosmo a representar Luanda. Caso também do próprio Ondjaki ao ambientar seu romance *AvóDezanove e o segredo do soviético* (2008) na *PraiaDoBispo*, referente a Praia do Bispo, região litorânea de Luanda na qual residia sua avó Agnette e marcou sua infância. Além do ambiente da Praia do Bispo, várias outras regiões da cidade são referenciadas em suas diversas obras entre romances, contos e poesias.

Tomar Luanda como capital literária angolana aqui neste trabalho não é, de maneira alguma, tratar a cidade como única possibilidade de representação de Angola. É justamente pelo contrário, por compreender que são inúmeras as possibilidades e regiões do país que são representadas na rica cultura angolana, que um recorte sócio-histórico dentro da Luanda de *Os transparentes* torna-se tão necessário. Além do mais, a própria obra de Ondjaki está repleta de diferentes referências às mais diversas singularidades do povo angolano de várias regiões do país.

Nesse caso, é necessário reconhecer que são múltiplos os fatores que levam Luanda a se estabelecer também como *capital literária*. É na cidade que, além das maiores empresas e maior circulação de renda, que estão estabelecidas as principais universidades, escolas, editoras, a União dos Escritores Angolanos e ainda é lugar das sedes dos maiores veículos de imprensa e comunicação. Luanda é onde mais se produz, organiza, circula e se discute literatura no país, entretanto, isso não significa que a literatura luandense seja, de alguma maneira, hermética, ensimesmada e ignorante da realidade e da ficção do restante do país.

## 1.2. (Ka)Luanda(s) de Ondjaki

Mais do que cenário, Luanda, na literatura de Ondjaki, é definitivamente, um tema. Autor de várias obras que se dividem principalmente nas tradicionais categorias de poesia, contos, novela, teatro, estória e romance, seus trabalhos são frequentemente *em* e *sobre* Luanda. Tendo a cidade como “obsessão literária”, conforme dito em entrevista<sup>3</sup>, Ondjaki explora literariamente a capital de Angola, sua cidade de origem, como um lugar convidativo a pesquisas sobre o espaço, a cidade e a sua relação com a literatura. Para Rita Chaves (1999)

“dada a importância que, desde muito cedo, assumiu no processo de construção do sentimento nacional, a produção literária angolana revela-se um excelente material para que se conheçam elementos fundamentais na formação do país – como realidade concreta e como imagem” (CHAVES, 1999, p. 29).

Partindo desse pressuposto, buscaremos analisar as intersecções entre *realidade concreta* – a Luanda “física” e sua *imagem* representada na obra de Ondjaki.

Em uma de suas várias entrevistas presentes na internet<sup>4</sup>, Ondjaki fala mais uma vez sobre um tema recorrente em quase todas as suas entrevistas, a relação de Luanda e sua obra. O escritor defende sua visão da pluralidade da cidade que hoje é considerada uma das maiores megalópoles do mundo. Se para o mineiro Guimarães Rosa “Minas são muitas”, digamos que para Ondjaki, “Luanda são muitas”.

Luanda é plural. Dentro dessa pluralidade das inúmeras possibilidades, encontros e interpretações é que a cidade carrega consigo tantas histórias. Também devido a tantas modificações no decorrer dos anos e por ser tão populosa, Ondjaki mostra que Luanda em sua obra pode ser “apenas” mais uma dessas possibilidades. Dada a imensidão da cidade e ainda de acordo com a própria fala de Ondjaki<sup>5</sup>, essa

---

<sup>3</sup> **Entrevista com o escritor angolano Ondjaki.** Programa Imagem da Palavra. Rede Minas. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/imagemdapalavratv>>. Acesso em 06/10/2013.

<sup>4</sup> **Umas Palavras 2013 Ep. 06: Ondjaki.** Programa Umas Palavras. Canal Futura. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Yqi3LpAtZc>>. Acesso em 06/10/2013.

<sup>5</sup> Em entrevista ao Programa *Leituras* da TV Senado, o escritor deixa claro que sua literatura ambientada e *tematizada* em/sobre Luanda é apenas a sua visão sobre a mesma, baseada em suas vivências e em sua percepção artística sobre sua cidade e seu país, conforme em: “Hoje Luanda é uma cidade com 6 milhões de habitantes. Tudo que cada um, cada escritor escreve sobre Luanda,

pesquisa busca interpretar essa(s) *Luanda(s) literária(s)* e suas respectivas referências ao espaço-tempo da *Luanda real* através das intersecções que os estudos literários juntamente com os estudos culturais e sócio-históricos podem construir.

Conforme já visto anteriormente, as referências de/sobre Luanda na literatura de Ondjaki são muitas. A título de exemplo, destaquemos aqui as obras que no site oficial do escritor<sup>6</sup> estão intituladas como “anos 80”: *Bom dia camaradas* (2006, romance), *Os da minha rua* (2007, contos) e *AvóDezanove e o segredo do soviético* (2008, romance). Além desses, Luanda também é, principalmente, cenário/tema em *Quantas madrugadas tem a noite* (2010, romance) e, obviamente, no romance/corpus deste trabalho, *Os transparentes* (2013).

Entre as obras classificadas pelo próprio escritor como “anos 80”, destaca-se principalmente o caráter autobiográfico de cada uma. Nesses romances, contos e histórias ambientadas na Luanda dos anos 1980 as visões de um narrador menino (ou quase adolescente) sobre a vida na cidade dentro dos tempos da infância e, paralelamente, da guerra civil angolana, já foram tema de diversos trabalhos acadêmicos entre artigos, dissertações e teses.

Uma detalhada revisão de literatura feita durante os anos de estudo sobre a literatura e a fortuna crítica sobre Ondjaki indicou uma significativa quantidade de pesquisas, trabalhos e publicações sobre, principalmente, o caráter autobiográfico das obras do autor e as relações entre a sua literatura e a história angolana nos anos de guerra civil. A fim de estabelecermos aqui uma importante consideração aos trabalhos já realizados na área e de como alguns estudos foram fundamentais para a realização deste, apresentaremos breves resumos sobre os mais relevantes. Ressalta-se também que é com base nestes principais estudos que este trabalho buscou delimitar novos espaços a serem tratados pelos rumos da pesquisa e obter resultados, possivelmente, de um caráter inovador.

---

está a escrever uma pequena parte da sua Luanda. É preciso ver isso. É que Luanda são muitas Luandas”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GeZWIIIPJwuU>>. Acesso em 20/05/2016.

<sup>6</sup> [www.kazukuta.com/ondjaki](http://www.kazukuta.com/ondjaki)



Começamos aqui com o destaque para a dissertação de mestrado de Laurene Veras (2011) intitulada *Ondjaki e a memória cultural em Bom dia camaradas, Os da minha rua e AvóDezanove e o segredo do soviético*. De acordo com o resumo da dissertação

Este trabalho é uma análise de três obras do escritor angolano Ondjaki, a saber: *Bom dia camaradas, Os da minha rua e AvóDezanove e o segredo do soviético*. Exponente da literatura angolana contemporânea, nestas três obras, Ondjaki apresenta o mesmo narrador – um menino de classe média que vive em Luanda. Embora sejam obras independentes, em todas o narrador explora as possibilidades (*sic*) dos textos a partir do tempo mítico da infância. (VERAS, 2011, p. 07)

Para analisar as obras em sua dissertação, Veras (2011) parte do conceito de “memória cultural”<sup>7</sup> desenvolvido pelo egiptólogo alemão e teórico da cultura Jan Assmann. “O objetivo desse trabalho é determinar de que modo as três obras de Ondjaki se coadunam com as teorias desenvolvidas por Assmann e como a memória cultural está presente nas narrativas do escritor angolano”. Já na conclusão de seu trabalho, Veras afirma que

Se fizermos uma retrospectiva acerca das três obras analisadas, veremos que o elemento que elas partilham com mais frequência não é, em absoluto, nenhum dos mais evidentes, como personagens e episódios. O elemento presente nas três obras é onipresente e latente, tal qual uma melodia triste a servir de fundo para as três narrativas: trata-se da guerra. Por diversas vezes referimo-nos à guerra civil angolana como mencionada nas entrelinhas, não diretamente descrita. Isto se dá porque a proximidade histórica do autor com o fenômeno da guerra faz com que o tema, traumático, ainda esteja em período de latência. Não é possível falar diretamente daquilo que ainda é uma ferida aberta na memória afetiva do sujeito. Mas a memória da guerra, em vez de desaparecer, fortalece-se através da memória cultural se lembrarmos que um dos pressupostos nietzscheanos utilizados por Assmann é o de que “só o que não cessa de doer permanece na memória”. A questão do trauma faz com que o escritor não se refira ao fato traumático tão diretamente, mas a latência do trauma na memória faz com que ela seja um moto-contínuo por trás na narrativa. (VERAS, 2011, p. 95)

Ora, ainda que consideremos o quanto que as análises baseadas nos conceitos de Assmann possam ser relevantes para a leitura das obras “anos 80” de Ondjaki, acreditamos que essa conclusão possa ser considerada deveras simplista e *bélico-centrada*. Obviamente, as inúmeras memórias de uma guerra civil tão longa

---

<sup>7</sup> Segundo Assmann, a memória cultural é a memória que conduz a história a partir de uma perspectiva narrativa, não oficial. Assim sendo, a memória cultural se insere nas esferas da tradição e do mito, passada de geração em geração através das mais diversas instâncias narrativas, tais quais as literaturas escrita e oral, a música, as lendas, a dança, as artes pictóricas e tudo aquilo que é parte de uma comunidade. A memória cultural difere da História na medida em que a primeira é dada pela história que narra, e a segunda pela história que investiga. (VERAS, 2011, p. 07).

quanto a angolana cerceia em diferentes graus as páginas da literatura nacional. Mais do que isso, as análises de uma literatura pós-colonial com a temática da guerra há muito já fazem parte dos estudos acadêmicos e são exploradas por diversas editoras que procuram vender uma imagem de uma África imersa na desgraça. Ondjaki, enquanto divulgador de sua literatura e, de certa maneira, representante do povo angolano e de uma nova geração de escritores pós-coloniais, claramente se posiciona contra essa exploração acadêmico-mercadológica da literatura dos países recém-libertos de guerras civis e, conseqüentemente, da inserção de suas obras nesses contextos.

Aqui, concordamos com o próprio escritor, considerando que suas obras “anos 80”, a saber, *Bom dia camaradas*, *Os da minha rua* e *AvóDezanove e o segredo do soviético*, são, antes de tudo, sobre infância. Assim como a vida pessoal do escritor, está claro que as obras são rodeadas pelos contextos históricos em comum, a saber, a guerra civil angolana. Porém, argumentamos que a tentativa de redução dessa literatura como um “relato de guerra” deve ser bastante problematizada e combatida.

Veras (2011), na ausência de uma materialidade linguística a ser indicada na obra de Ondjaki, faz inferências bastante contestáveis, como “o elemento presente nas três obras é onipresente e latente, tal qual uma melodia triste a servir de fundo para as três narrativas: trata-se da guerra” e ainda, o mais grave achismo, quando tenta atestar um trauma, uma “ferida aberta” em Ondjaki:

Isto se dá porque a proximidade histórica do autor com o fenômeno da guerra faz com que o tema, traumático, ainda esteja em período de latência. Não é possível falar diretamente daquilo que ainda é uma ferida aberta na memória afetiva do sujeito. (VERAS, 2011, p. 95)

Além dessa constatação, por si só já se tratar de uma afirmação periculosa, uma sumária pesquisa feita em várias entrevistas do escritor na internet indicaria a posição contrária de Ondjaki para com a classificação de suas obras como “literatura de guerra” e o seu cuidado/respeito para retratar um período que ele, enquanto criança e pertencente a uma classe média luandense urbana, não presenciou e compreendeu a guerra em sua plenitude nos anos 1980. De acordo com suas palavras, em entrevista ao Correio Braziliense no lançamento de *Os da minha rua* em Brasília, 2007

Eu sou daqueles que têm a felicidade de crescer longe da guerra. Sempre digo isso com toda franqueza. Cresci em Luanda, que teve combates apenas durante quatro dias, em 1992. Eu nasci em 1977 e não assisti aos combates de 1975, entre o FNLA, a Unita e o MPLA. A guerra que todo cidadão luandense sofreu é uma guerra colateral: falta d'água, de luz e dificuldades, como aparecimento dos musseques, diretamente relacionados com o êxodo causado pela guerra. Mas agora há uma coisa interessante: a visão pura, limpa das crianças. Nós ouvíamos as notícias de que o país estava em guerra, a Unita, MPLA, dos sul-africanos, mas nós éramos simples crianças. Para qualquer criança, um fato é um fato normal. Como até esses quatro dias de guerra, na altura eu tinha 14 anos, mas era uma criança, era uma coisa natural. Não foi visto como um dramalhão. (ONDJAKI, 2007, p. 01).<sup>8</sup>

Além das já bastante estudadas e analisadas obras “anos 80”, recentemente vem surgindo na academia trabalhos acadêmicos que ampliam a fortuna crítica sobre a literatura de Ondjaki. É o caso, por exemplo, da dissertação de mestrado de Aline Van Der Schmidt (2013) intitulada *Entre leões, coelhos, tranças e guerras: dilemas contemporâneos na literatura infantil angolana de Ondjaki*. De acordo com o resumo

Esta dissertação analisa os dilemas da literatura infantil angolana na obra de Ondjaki, tomando, para análise, dois livros publicados no Brasil, **O leão e o coelho saltitão** (2008) e **Ynari, a menina das cinco tranças** (2010). A investigação busca abordar a complexidade da literatura infantil angolana em vários aspectos. Primeiramente volta-se para questões mais gerais acerca das problemáticas em torno do termo “literatura infantil”. [...] Discute-se a abordagem da guerra em livros infantis angolanos, em especial na obra de Ondjaki [...]. Abordam-se os diálogos da obra de Ondjaki com a cultura brasileira e a importância de iniciativas de publicação de autores africanos no Brasil assim como o “estudo da história da África e dos africanos” nas escolas brasileiras [...] (SCHMIDT, 2013, p. 08).

Contrapondo o trabalho de Veras (2011) ao de Schmidt (2013), percebemos que esse último, ainda que também dedique parte de sua análise para as discussões sobre as metáforas bélicas e sobre a guerra civil angolana, busca ampliar interpretações e distintas possibilidades provenientes das obras. Schmidt (2013), ao tratar da temática da guerra angolana, trabalha de uma maneira mais sutil e embasada na biografia do autor e “suas autobiografias ficcionalizadas”

As três narrativas, apesar de não comporem uma trilogia, têm como narrador e personagem principal Ndalú, menino de classe média, que vive em Luanda, longe dos conflitos armados no interior, em uma rua de asfalto, longe da pobreza dos bairros periféricos, os *musseques*. Ndalú não vai ser uma criança-soldado, ou uma criança abandonada nas ruas, não presenciará o conflito direto nem a perda de membros de seu núcleo familiar central por conta da guerra, mas mesmo assim sofrerá com os efeitos colaterais da guerra que permeará seu imaginário infantil. Esses

---

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://umnegro.blogspot.com.br/2007/12/escritor-angolado-lana-obra-no-brasil.html>>. Acesso em 13/04/2016.

reflexos também estarão presentes em alguns de seus livros para as crianças. (SCHMIDT, 2013, p. 75).

Ainda nos recentes trabalhos sobre a obra de Ondjaki, mencionemos também aqui a dissertação de Surian Seidl (2013), intitulada *A bicicleta que tinha bigodes: para uma (re)significação de Angola através da leveza do olhar infantil*. A leitura do livro infanto-juvenil *A bicicleta que tinha bigodes* (2011) também conta com as já tradicionais interpretações na relação entre autobiografia do autor e a história recente angolana, passando por inferências sobre a guerra civil. O *corpus* da pesquisa, entretanto, se diferencia dos “anos 80”, não na medida em que a estória se passe em outro lugar e outra época, mas por classificação editorial, já que *A bicicleta que tinha bigodes* é considerado um livro infanto-juvenil.

Destacamos também aqui o capítulo “A rua que é um país: a luta colonial” da dissertação de Seidl (2013), por se tratar da relação metonímica em uma obra de Ondjaki, algo a também ser feito no nosso trabalho. Guardadas as devidas proporções e diferenças entre os tipos de literatura (infanto-juvenil e romance, *A bicicleta que tinha bigodes* e *Os transparentes*), o cuidado para se tratar as relações metonímicas dentro das idiossincrasias da díade autor/personagem apresentada por Seidl (2013) é algo a também ser feito neste trabalho, conforme afirma:

Ondjaki não retrata em suas obras a realidade de todas as crianças. É a sua subjetividade que vem à tona. São as suas experiências, são as suas inventices que diferenciam muito este menino narrador das outras tantas crianças que viviam naquela mesma época em Angola. O olhar infantil, esse sim, é muito categórico na hora de lembrar, de retomar as vivências individuais e trazer para a coletividade mostrando que, apesar de todos viverem a mesma realidade, alguns, as crianças daquela rua, sentiam e viviam de forma diferente o trágico momento que se desenhava na Angola dos anos 80. (SEIDL, 2013, p. 43)

Ampliando a pequena apresentação acerca dos trabalhos acadêmicos sobre a obra de Ondjaki, expomos outros trabalhos com temáticas diferentes, como a dissertação de Hérica Pinheiro (2011), intitulada *Os deslimes da poesia: diálogos interculturais entre Manoel de Barros e Ondjaki*, um estudo de literatura comparada entre o poeta brasileiro e o angolano. Além da área dos estudos de pós-graduação em literatura, temos a dissertação de Paula Santana (2010), intitulada *Um ar de cinema em Ondjaki: interferências e interlocuções em prol de uma modernidade angolana*, estudo feito na área de Sociologia. Acreditamos que esses trabalhos,

mais do que ampliar a fortuna crítica acadêmica acerca da obra de Ondjaki, são capazes de ampliar visões sobre a riqueza da diversidade de sua literatura.

### 1.2.1. Ondjaki de Luanda

Para além da arte da literatura, Ondjaki também se destaca em outras áreas. Além de romancista, poeta e contista, também tem trabalhos como roteirista, pintor e artista plástico. Na área do cinema, trabalhou na produção de *Oxalá cresçam pitangas – histórias de Luanda* (2006) junto com Kiluanje Liberdade, considerado um dos maiores expoentes do cinema angolano. Já no cinema brasileiro, foi assistente de direção do diretor Tabajara Ruas no filme *Netto e o domador de cavalos* (2008). Dentre as suas produções audiovisuais ainda aparecem *Essa palavra sonho* (2005), *Estocolmo 10/2010* e *Faenas de amor* (2005), todos disponíveis em seu sítio pessoal e categorizados como “video-poesia”.<sup>9</sup> Escreveu o roteiro de *A canoa* (1998) e produziu a performance *sobre o mar: poesias* (2012)

Na música, foi parceiro de composição de Aline Frazão - artista angolana - de Marcello Magdaleno - músico do Rio de Janeiro -, sendo que com esse também produziu *Sobre o mar*, concerto visual musical com a participação do ilustrador português António Jorge Gonçalves. Na fotografia, expôs juntamente com o fotógrafo português Jordi Burch o trabalho *O rosto da paisagem: uma estrada, dois olhares*, que mais tarde viria a ser publicado em livro (2010). Na área acadêmica, aqui já sob seu registro civil (Nдалu de Almeida), destacamos suas produções na Graduação em Sociologia pela ICS e ISCTE (Lisboa, Portugal) *'Dar Voz ao Silêncio' aspectos sociológicos na obra Nós, os do Makulusu de Luandino Vieira (uma hipótese interpretativa)* (2002) e a tese de doutorado *Uma Luanda urbana: da cidade discursiva aos discursos sobre a cidade* (2010), pelo Doutorado em Estudos Africanos na Università degli Studi di Napoli L'Orientale, Itália.

Entre literatura e outras artes, seus trabalhos são numerosos. Sua obra literária publicada é ampla, a saber: *Actu sanguíneo* (2000), *Há prendisajens com o xão* (2001), *Bom dia camaradas* (2001), *Momentos de aqui* (2001), *O assobiador* (2002), *Quantas madrugadas tem a noite* (2004), *Ynari: a menina das cinco tranças*

---

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://www.kazukuta.com/ondjaki/videos.html>>. Acesso em 03/05/2016.

(2004), *E se amanhã o medo* (2005), *Os da minha rua* (2007), *AvóDezanove e o segredo do soviético* (2008), *O leão e o coelho saltitão* (2008), *Materiais para a confecção de um espanador de tristezas* (2009), *Os vivos, o morto e o peixe-frito* (2009), *O voo do golfinho* (2009), *Dentro de mim faz sul seguido de acto sanguíneo* (2010), *O rosto da paisagem: uma estrada, dois olhares* (2010), *Os olhos grandes da princesa pequenina* (2011), *A bicicleta que tinha bigodes* (2011), *Ombela, a origem das chuvas* (2011), *Uma escuridão bonita* (2013), *Os transparentes* (2013), *Sonhos azuis pelas esquinas* (Portugal) / *O céu não sabe dançar sozinho* (Brasil) (2014), *O carnaval da Kissonde* (2015), *Os modos do mármore* (2015) *Verbetes para um dicionário afetivo* (co-autoria com Ana Paula Tavares, Manuel Jorge Marmelo e Paulinho Assunção) (2015).

Está traduzido para diversos idiomas em diferentes países, como Itália, Uruguai, Suíça, Espanha, Inglaterra, Canadá, México, Argentina, Sérvia, Suécia, Cuba e Polónia. Em reconhecimento à sua literatura, já recebeu prémios nacionais e internacionais, como Menção Honrosa no Prémio António Jacinto (Angola, 2000) com *Actu sanguíneo*. Prémio Sagrada Esperança (Angola, 2004) com *E se amanhã o medo*. Prémio Literário António Palouro (Portugal, 2005) também com *E se amanhã o medo*. Grande Prémio APE (Portugal, 2007) com *Os da minha rua*. Grinzane For Africa Prize – Young Writer, (Etiópia/Itália, 2008). Prémio Caxinde do Conto Infantil (Angola, 2011) com *Ombela, a estória das chuvas*. Prémio Bissaya Barreto (Portugal, 2012) com *A bicicleta que tinha bigodes*. No Brasil, foi agraciado como finalista do Prémio Portugal Telecom em 2007, com *Bom dia camaradas*, em 2008 com *Os da minha rua* e em 2010 com *AvóDezanove e o segredo do soviético*. Foi vencedor do Prémio FNLIJ em 2013 com *A bicicleta que tinha bigodes* e em 2014 com *Uma escuridão bonita* e do Prémio Jabuti na categoria juvenil em 2010. Além desses prémios, destacamos também aqui os concedidos ao livro/*corpus* deste trabalho, *Os transparentes*. Com ele, o autor recebeu o Prémio José Saramago (Portugal, 2013) e o recente Prix Littérature-Monde (França, 2016).

Como é extensa a presença de Luanda nos trabalhos de Ondjaki, a fim de sistematizar a cidade e suas referências em alguns de seus principais trabalhos na área das artes, elaboramos o seguinte quadro:

## Quadro 1: Presença de Luanda na obra de Ondjaki

Trabalho (Ano)	Gênero	Como Luanda se apresenta/destaca
<i>Actu sanguíneo</i> (2000)	Poesia	Sugestões ao ambiente de Luanda, como cenários, comidas típicas etc.
<i>Bom dia camaradas</i> (2001)	Romance	Cenário/tema
<i>Momentos de aqui</i> (2001)	Contos	Em alguns contos aparecem referências a localizações espaciais de Luanda, como a Praia do Bispo, o bairro de Kinanga e Mussulo.
<i>Quantas madrugadas tem a noite</i> (2004)	Romance	Cenário
<i>Oxalá cresçam pitangas</i> (2006)	Documentário audiovisual	Cenário/tema
<i>Os da minha rua</i> (2007)	Contos	Cenário/tema
<i>AvóDezanove e o segredo do soviético</i> (2008)	Romance	Cenário
<i>Materiais para a confecção de um espanador de tristezas</i> (2009)	Poesia	Cenário/tema de poemas como “Confissões”, “Noite Caluanda” e “Escrevo a palavra Luanda”.
<i>Dentro de mim faz sul seguido de Acto Sanguíneo</i> (2010)	Poesia	Sugestões ao ambiente de Luanda, como cenários, comidas típicas, a infância do autor, etc.
<i>A bicicleta que tinha bigodes</i> (2011)	Juvenil	Cenário
<i>Os transparentes</i> (2012)	Romance	Cenário/tema
<i>Uma escuridão bonita</i> (2013)	Juvenil	Cenário
<i>Sobre o mar</i> (2013) (com Marcello Magdaleno)	Concerto visual musical	Tema. Exposição de imagens da cidade durante a performance. <sup>10</sup>
<i>Sonhos azuis pelas esquinas</i> (2014) / <i>O céu não sabe dançar sozinho</i> (2014) <sup>11</sup>	Contos	Cenário referência do conto “Mussulo”. Mussulo é uma ilha ao sul de Luanda.
<i>No sul</i> (2014) (com Marcello Magdaleno)	Letra de música	Luanda como um dos lugares-tema.
<i>O rosto da paisagem: uma estrada, dois olhares</i> (2010) (com Jordi Burch)	Exposição fotográfica e Livro de fotografias	Luanda como uma das províncias angolanas a servir como material visual e de escrita.

<sup>10</sup> Na performance, enquanto Ondjaki recita o poema *Sábado nos musseques*, do poeta e primeiro presidente angolano Agostinho Neto, são apresentadas imagens da cidade de Luanda ao fundo do palco. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nZWJcnZXj9Q>>. Acesso em 25/05/2016.

<sup>11</sup> Trata-se da mesma obra. Em Portugal, foi lançada pela Editora Caminho com o nome de *Sonhos azuis pelas esquinas*. No Brasil, pela Editora Língua Geral, com o nome de *O céu não sabe dançar sozinho*.

### 1.3. Governo Eduardista e Período Pós-guerra

Contextualizar a contemporaneidade de Luanda e, por conseguinte, a de Angola, passa, necessariamente, por considerações sobre o período de governo de José Eduardo dos Santos (1979-presente) e o período pós-guerra (desde 2002). Pautados nisso, tomamos aqui emprestadas as palavras de Franz Fanon (2008) em *Peles negras, máscaras brancas*, obra basilar dos estudos da negritude e pós-coloniais, “a arquitetura do presente trabalho situa-se na temporalidade. Todo problema humano exige ser considerado a partir do tempo.” (p. 29)

Sabemos que a abordagem desses períodos ainda vigentes em Angola exige enorme cautela devido a muitas dificuldades encontradas no percurso da pesquisa. Como, por exemplo:

1. A carência de dados oficiais e a discrepância dos poucos existentes frente aos dados oficiosos.
2. A falta de acesso a estudos e livros, principalmente angolanos, sobre o período.<sup>12</sup>
3. O processo de reconstrução física ainda vigente em Angola, o que dificulta o recolhimento de dados.
4. Denúncias de censura por parte do governo de Eduardo dos Santos, acusado de perseguir ativistas e intelectuais.

Contudo, não poderão estes empecilhos privar a contextualização destes períodos em um trabalho que prima sumariamente pela discussão sobre a representação da Luanda contemporânea em um romance angolano. Além disso, a literatura pós-colonial, mais do que “ponto de chegada” para as discussões sócio-históricas, será também um “ponto de partida”. A relação entre história/literatura de Angola está há muito marcada por uma intersecção e continua assim sendo no presente. Ondjaki, em entrevista, fala sobre essa dupla função dos escritores pós-coloniais de países como Angola e Moçambique: “nós estamos a fazer, em parte, o papel dos historiadores. Claro, com ficção, com um toque personalizado. Mas, tu

---

<sup>12</sup> Um dos recentes e principais livros sobre a História Angolana, *História de Angola* (2016), do historiador português Alberto Oliveira Pinto, por exemplo, aborda o período da Pré-História até o fim da guerra civil.



vais ver: daqui uns anos estes livros vão servir também como referência para questões históricas”.<sup>13</sup>

### 1.3.1. O Rei Sol angolano

José Eduardo dos Santos é, sem dúvidas, não só uma das figuras mais marcantes e controversas do presente angolano, mas de toda a história do país. O sítio português *Expresso*, em matéria crítica à política do presidente angolano, chega a designá-lo como “O Rei Sol angolano”<sup>14</sup>, referência a Louis XIV, que reinou na França por longos 72 anos (1643-1715). Segundo o *Expresso*, José Eduardo dos Santos controla grande parte das peças do tabuleiro onde se joga a política angolana. Se ao monarca francês é atribuída a frase “*L’État c’est moi*” (O Estado sou eu), em Angola “*L’État c’est Eduardo*”.

Com as consequências da Primavera Árabe, Dos Santos passa a ser, juntamente com seu homólogo, o equato-guineense Teodoro Obiang, o presidente há mais tempo no poder. O ditador de Guiné Equatorial suplanta Dos Santos em apenas um mês em alguns dias a mais no poder, porém, em termos de críticas nacionais e internacionais, ambos se assemelham bastante.

A perpetuação do poder de Eduardo dos Santos sempre é “justificada” pelo mesmo como um motivo de força maior. Em entrevista à brasileira TV Bandeirantes, ele reconhece que está no poder há “demasiado tempo”, entretanto, afirma que “razões conjunturais” o obrigaram a isso.

O país esteve em guerra cerca de 40 anos desde que começou o processo de libertação nacional, mas, depois da independência, acho que foram trinta e tal anos de guerra, em que o país ficou adiado, portanto não pôde consolidar essas instituições do Estado, nem sequer pôde tornar regular o funcionamento do processo de democratização, por isso, muitas vezes as eleições tiveram que ser adiadas.

As “razões conjunturais” citadas por Zédu (como é popularmente conhecido o presidente angolano) parecem sempre ser justificadas de acordo com os períodos da história angolana. Durante os anos de guerra civil, têm-se no país as primeiras

---

<sup>13</sup> **Umas Palavras 2013 Ep. 06: Ondjaki.** Programa Umas Palavras. Canal Futura. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Yqi3LpAtZc>>. Acesso em 06/10/2013.

<sup>14</sup> **José Eduardo dos Santos: O Rei Sol angolano.** Disponível em: <<http://expresso.sapo.pt/internacional/2016-01-02-Jose-Eduardo-dos-Santos-O-Rei-Sol-angolano>>. Acesso em 31/05/2016.

eleições gerais em 1992. Nas eleições presidenciais é obtida a vitória do partido governista, MPLA, de José Eduardo dos Santos, com 49% dos votos válidos contra a Unita de Jonas Savimbi, com 41%. Acusando o governo do MPLA de fraude no processo eleitoral, a Unita restabelece a guerra civil contra o MPLA. José Eduardo dos Santos, então, usava da “razão conjuntural” de não poder abandonar a presidência com o país em guerra.

Com a morte de Savimbi em 2002 e o cessar-fogo, a esperança de novas eleições ganha força. Desta vez, se realizam as legislativas, que, após vários adiamentos, acaba por ocorrer apenas em 2008. O partido governista vence por larga vantagem, com 82% dos votos, conquistando 191 dos 220 lugares da Assembleia Nacional. Novamente, as críticas ao processo eleitoral foram muitas, devido a um possível domínio do MPLA nos meios de comunicação do governo e pela falta de liberdade de imprensa.<sup>15</sup>

As segundas eleições “presidenciais”<sup>16</sup> do país ocorreriam apenas em 2012. Sendo assim, no período de 1979 a 2012, José Eduardo dos Santos governou Angola sem nunca ter sido eleito democraticamente. Além disso, de acordo com a mudança constitucional, o atual presidente poderá governar o país, caso seu partido vença a eleição, até 2022, completando 43 anos de poder e 80 de idade.

Os resultados da eleição presidencial de 2012 parecem ter sido o esperado: vitória do MPLA com 71% dos votos e diversas polêmicas, como uma repressão brutal às manifestações populares de protesto e falta de liberdade de imprensa. As próximas eleições presidenciais estão marcadas para 2017. Dos Santos já se manifestou dizendo que não concorrerá mais a partir de 2018. Entretanto, suas tantas promessas não cumpridas despertam a descrença no povo angolano quanto ao fim de seu mandato interminável. A “razão conjuntural” de “não poder deixar o poder durante uma guerra-civil”, após a paz estabelecida deu lugar a “não poder deixar o poder durante o processo de reconstrução” e que, após uma considerável

---

<sup>15</sup> Disponível em: <<http://www.dw.com/pt/elei%C3%A7%C3%B5es-de-2012-em-angola/a-16070052>>. Acesso em 06/06/2016.

<sup>16</sup> “Presidenciais” se encontra em aspas, pois, de acordo com uma alteração constitucional feita pelo MPLA em 2010, as eleições presidenciais foram abolidas. A partir de 2012 o candidato que ocupa o primeiro lugar na lista do partido mais votado nas eleições legislativas será automaticamente eleito presidente. Deste modo, José Eduardo dos Santos já não corre o risco de receber menos votos do que o seu partido MPLA, como aconteceu em 1992.

reconstrução do país agora é sucedido por “não poder abandonar o país durante uma crise econômica”.

Nem só por possíveis fraudes eleitorais, manobras constitucionais para se manter no poder, repressão a pensamentos contrários, aparelhamento dos meios de comunicação e censura à liberdade de imprensa é marcado negativamente o período do governo eduardista. O atual governante angolano tem seu duradouro período de governo também marcado por denúncias de má administração, corrupção e nepotismo, sendo considerado pela revista americana *Forbes* como o segundo pior presidente em África.<sup>17</sup> É atribuído a seu governo o insucesso da distribuição de renda, contrariando o crescimento econômico de Angola e intensificando as denúncias de corrupção governamental. Ainda de acordo com a revista, a porcentagem da população que vive no limiar da pobreza chega a 68%, das crianças subnutridas a 30%, a expectativa média de vida de apenas 41 anos e as taxas de desemprego são altíssimas.

Segundo outro estudo, o *Africa Progress Report*, Angola é o país onde há a mais poderosa divergência entre recursos e bem-estar social, onde uma elite usa os rendimentos do petróleo para comprar activos no estrangeiro enquanto as crianças passam fome.<sup>18</sup> Apesar de ser um dos três países que mais cresceram economicamente no mundo entre 2000 e 2011, Angola conta com altíssimos níveis de mortalidade infantil (116 mil mortes por ano) e de pobreza, a exemplo de Luanda, onde metade de sua população vive com menos de US\$1,25 por dia.

Sobre as denúncias de possível nepotismo por parte do presidente, destacam-se as investigações sobre o seu filho José Filomeno dos Santos, tido por alguns observadores como potencial sucessor à chefia do Estado e a falta de transparência da exuberante riqueza de sua filha, Isabel dos Santos, considerada a mulher mais rica da África, além de ser a primeira, a mais jovem e a única bilionária do continente. Além desses, todos os outros cinco de seus sete filhos ocupam lugares na economia angolana.

---

<sup>17</sup> Disponível em: <<http://www.brasil.rfi.fr/africa/20130610-forbes-considera-chefe-de-estado-de-angola-o-segundo-pior-presidente-em-africa>>. Acesso em 26/06/2015.

<sup>18</sup> Disponível em: <<http://www.publico.pt/mundo/noticia/angola-e-o-pais-onde-riqueza-natural-e-pobreza-social-estao-mais-distantes-1594089>>. Acesso em 26/06/2015.

A enorme riqueza patrimonial de Isabel dos Santos vem sendo um dos principais alvos de crítica ao governo de seu pai na comunidade internacional. Segundo a *Forbes*, em artigo publicado pela jornalista estadunidense Kerry A. Dolan e o jornalista e ativista angolano Rafael Marques, a origem de sua fortuna vem de ficar com uma parte das empresas que querem estabelecer-se em Angola ou da assinatura do pai numa lei ou decreto.

Isabel dos Santos recusou conversa com a *Forbes* sobre o artigo publicado em 2013, porém, em resposta às acusações de enriquecimento patrimonial ilícito, seus representantes disseram que ela é uma empresária independente e investidora privada, e, ainda, acusaram Rafael Marques, jornalista contrário ao governo Dos Santos, de ser um ativista político patrocinado por interesses escondidos.

Isabel dos Santos recusou-se a falar com a FORBES sobre este artigo. Seus representantes falharam em responder detalhadamente as questões enviadas meses atrás, porém, semana passada, emitiram essa declaração: “Sra. Isabel dos Santos é uma empresária independente e uma investidora privada que representa apenas seus próprios interesses. Seus investimentos nas companhias angolanas e/ou portuguesas são transparentes e têm sido conduzidos através de transações lícitas envolvendo entidades externas como renomados bancos e escritórios de advocacia. Por sua vez, o porta-voz acusa o co-autor deste artigo, um jornalista investigativo angolano, de fazer ativismo com uma agenda política. O governo angolano prendeu (Rafael) Marques de Morais em 1999 por uma série de artigos críticos ao regime, além de uma nova acusação criminal por seu livro de 2011, *Diamantes de Sangue: corrupção e tortura em Angola*.<sup>19</sup>

Ainda de acordo com a *Forbes*, o fato de José Eduardo incluir Isabel em todos os grandes negócios feitos em Angola é uma forma de extrair dinheiro de seu país e ainda garantir que sua família continue endinheirada.

Para o presidente Dos Santos é uma maneira infalível de extrair dinheiro de seu país, mantendo uma suposta distância legítima. Se o presidente de 71

---

<sup>19</sup> Tradução livre de: “Isabel dos Santos declined to speak with FORBES for this article. Her representatives failed to respond to detailed questions sent months ago but last week issued this statement: “Mrs. Isabel dos Santos is an independent business woman, and a private investor representing solely her own interests. Her investments in Angolan and/or in Portuguese companies are transparent and have been conducted through arms-length transactions involving external entities such as reputed banks and law firms.” In turn, the spokesman accuses this article’s coauthor, an Angolan investigative journalist, of being an activist with a political agenda. The Angolan government jailed Marques de Morais in 1999 over a series of articles critical of the regime and has brought new criminal defamation charges against him over his 2011 book, *Blood Diamonds: Corruption and Torture in Angola*”. Disponível em: <<http://www.forbes.com/sites/kerryadolan/2013/08/14/how-isabel-dos-santos-took-the-short-route-to-become-africas-richest-woman/#6550e2c179fe>>. Acesso em 09/06/2016.

anos for derrubado, ele pode recuperar os ativos de sua filha. Se ele morrer no poder, ela mantém a fortuna na família.<sup>20</sup>

O jornal português *Público*, em matéria sobre as publicações da estadunidense *Forbes* e do angolano *Jornal de Angola*, rechaça a construção da imagem de Isabel dos Santos como heroína da meritocracia angolana.

Contas feitas, o objectivo do regime é apresentar Isabel dos Santos como uma heroína angolana. Depois de a *Forbes* a ter declarado uma bilionária, em Janeiro, o *Jornal de Angola*, “porta-voz do regime, declarava ‘estamos maravilhados por a empresária Isabel dos Santos se ter tornado uma referência do mundo das finanças. Isto é bom para Angola e encher os angolanos de orgulho.’”. Mas não é caso para isso, diz a revista: “Os angolanos deviam ficar envergonhados. Não orgulhosos.”<sup>21</sup>

### 1.3.2. O Pós-guerra porvir

Com a assinatura do Acordo de Luena entre MPLA e Unita, em 2002, é estabelecido o fim do período de 27 anos de guerra civil. Após uma guerra tão longa e com tantas perdas humanas, políticas e econômicas, Angola passa a enfrentar mais um grande desafio: o da reconstrução do país por vias de justiça social.

Apesar dos já apresentados problemas devido às acusações de corrupção e má administração do presidente angolano, o país vem conseguindo inegáveis melhoras significativas na redução da pobreza absoluta. O percentual da população que vive com menos de US\$ 2 por dia caiu de 92%, em 2000, para 54%, em 2014. Desde 2002, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do país tem crescido em torno de 2% ao ano, a terceira maior taxa de expansão do Continente Africano.<sup>22</sup> Contudo, apesar dos índices animadores, ainda há muito a ser feito para que a infraestrutura do país seja plena e alcance uma diversidade econômica que favoreça a população mais pobre.

---

<sup>20</sup> Tradução livre de: “For President Dos Santos it’s a foolproof way to extract money from his country, while keeping a putative arm’s-length distance away. If the 71-year-old president gets overthrown, he can reclaim the assets from his daughter. If he dies in power, she keeps the loot in the family”. Disponível em: <<http://www.forbes.com/sites/kerryadolan/2013/08/14/how-isabel-dos-santos-took-the-short-route-to-become-africas-richest-woman/#6550e2c179fe>>. Acesso em 09/06/2016.

<sup>21</sup> Disponível em: <<https://www.publico.pt/mundo/noticia/e-o-presidente-de-angola-que-faz-da-sua-filha-uma-milionaria-acusa-a-forbes-1603123>>. Acesso em 09/06/2016.

<sup>22</sup> Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2014-11/em-reconstrucao-angola-enfrenta-desafio-de-crescer-com-justica-social>>. Acesso em 09/06/2016.

De acordo com Eduardo Arantes Ferreira<sup>23</sup>, presidente da Câmara de Comércio Angola-Brasil,

A diversificação da economia é urgente e inadiável para garantir a independência econômica. Por isso, a estratégia de crescimento de Angola passa pela modernização e pelo desenvolvimento da infraestrutura econômica e social, a promoção do investimento público e privado e a formação, qualificação e gestão adequada dos recursos humanos.

O investimento da melhora dessa infraestrutura (revalidação das estradas, das estradas de ferro e a desminagem das zonas agrícolas) seria capaz, por exemplo, de contribuir no urgente processo de diversificação da economia angolana. Por conseguinte, contribuiria também no fortalecimento econômico do interior do país, criando oportunidades para que a população refugiada em Luanda pudesse voltar aos seus lugares de origem.

A dependência angolana do mercado petrolífero vem atualmente causando efeitos negativos à economia nacional. Os rendimentos petrolíferos em Angola representam 42% do PIB, 90% das exportações e 75% das receitas do Estado. A consequência de tal dependência aliada à queda do preço revelou a fragilidade da economia angolana. O preço do barril de petróleo, que caiu em quase 50% (considerando os períodos de 2014-2016) foi responsável pela diminuição de cerca de 22 bilhões de dólares nas receitas previstas para o ano de 2015.

Considerando os indicativos econômicos desfavoráveis, percebemos que o desafio angolano de reconstrução e crescimento pautado em uma justiça social (que já era enorme) passa a ser ainda maior. Dado a tendência de agravamento da crise política (insatisfação com o regime do atual presidente) e das consequências econômicas do baixo preço do petróleo, a perspectiva para um futuro próximo de Angola não poderá conter a mesma euforia da primeira década do pós-guerra.

---

<sup>23</sup> Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2014-11/em-reconstrucao-angola-enfrenta-desafio-de-crescer-com-justica-social>>. Acesso em 09/06/2016.

#### **1.4. A Literatura e a arte angolana como denúncia: liberdade de escrita e de expressão em Angola**

Passados os anos de uma euforia literária e de utopias espalhadas pelas poesias dos escritores-militantes angolanos, a literatura angolana (leia-se aqui também as diversas produções dos escritores angolanos) continua exercendo um papel fundamental nas lutas pelos direitos civis da população de Angola. Seja fazendo oposição ao governo de José Eduardo dos Santos, aos efeitos de uma extrema globalização e mercadologização impostos pelo sistema capitalista, seja em termos que concernem a uma visão pan-africana e terceiro-mundista, os escritores, jornalistas, artistas, blogueiros e ativistas angolanos vêm se utilizando do poder da escrita para denunciar e combater as mais diversas situações.

A censura ao pensamento e às suas manifestações, dantes nos tempos de colonização exercida por órgãos portugueses como a PIDE<sup>24</sup>, continua cerceando e tentando reprimir a atividade artística e literária de Angola, mas, dessa vez, já sem a presença direta dos europeus. A pensar nos tempos da colonização e repressão da atividade literária, talvez o maior exemplo a ser lembrado seja o de Luandino Vieira, considerado um dos maiores escritores angolanos e cuja obra viria a influenciar a dita nova geração de escritores angolanos, incluindo-se aqui Ondjaki.

Luandino, militante clandestino do MPLA (já que nunca chegou a se filiar), foi preso pela PIDE pela primeira vez em 1959, ano em que a polícia portuguesa chegou a prender inúmeros militantes do MPLA. Apesar de solto ainda em 1959, voltou a ser preso em 1961, dessa vez, transferido para o campo de concentração em Tarrafal, Cabo Verde. Condenado a 14 anos de prisão por atividades subversivas contra a segurança do Estado, cumpriu oito anos da pena e foi liberto em 1972 em regime de liberdade vigiada. É durante os anos de cárcere que Luandino escreve a maior parte de sua obra como *A vida verdadeira de Domingos Xavier* (1974) romance escrito em 1961; *Nosso musseque* (2003) escrito no fim de 1961/início de 1962; *Vidas Novas* escrito em 1962; *Luuanda* (1964) escrito no pavilhão prisional da PIDE, em 1963; *Nós, os do Makulusu* (1975) escrito em 1967;

---

<sup>24</sup> Polícia Internacional de Defesa do Estado, polícia política criada pelo governo de Salazar na década de 1960.

*João Vêncio: os seus amores* (1979) dentre tantos outros que se tornaram clássicos da literatura angolana. (POZZATO, 2013, p. 53)

Tendo como base o fundamental exemplo de Luandino Vieira, os intelectuais e escritores angolanos perceberam que desde há muito tempo o exercício da militância política aliada com a literatura poderia ser uma atividade, além de muito importante para sociedade, perigosa. Se foi durante os anos do cárcere em Cabo Verde que Vieira escreveu e até mesmo publicou a maioria de suas obras, é também fora do país que alguns dos principais escritores angolanos da atualidade conseguem “viver de sua literatura” e, conseqüentemente, tomar posicionamentos políticos considerados arriscados para as pessoas “comuns” que vivem em Angola.

Povo marcado pela diáspora e por inúmeras deslocções internas, os angolanos, ainda que distantes da banda<sup>25</sup>, não têm como hábito abandonar os costumes de sua cultura, tal como as preocupações sociais acerca do país, pelo menos se tomarmos como base os exemplos da grande produção literária angolana desde os anos 1950. Sobre os diversos movimentos humanos, Darko Suvin (2005) estabeleceu quatro conceitos que buscam categorizar, em meio a tantas diferenças, tais movimentos. Suvin (2005), parafraseado por Martins (2010), afirma que tais categorias são os *exilados*, os *expatriados*, os *refugiados* e os *emigrados* (*émigrés*).

De acordo com Suvin, a primeira categoria de distinção é regida pelo aspecto quantitativo do deslocamento. A segunda categoria diz respeito às causas da partida, e, finalmente, o terceiro critério aponta para a possibilidade e/ou desejo de retorno ao país de origem. A partir daí, Suvin estabelece que o *exilado* é aquele que deixa sua terra individualmente, por razões políticas, e raramente retorna a seu país de origem. Já o *refugiado* se diferencia do exilado pelo caráter coletivo de sua partida, que também tem razões políticas e normalmente não prevê o retorno. À semelhança do exilado, o *expatriado* parte individualmente, embora o faça por razões ideológicas e econômicas e tenha a liberdade de retornar a seu país de origem sempre que deseje ou quando tenha adquirido as condições materiais para tanto. Por fim, os *emigrados* diferem da categoria anterior pela partida em grandes grupos, causada normalmente por razões econômicas e envolvendo uma possibilidade apenas remota de retorno. (MARTINS, 2010, p. 13)

Ainda que seja difícil a categorização de escritores angolanos que vivem/viveram fora do país, aproximaremos aqui alguns desses escritores, como Ondjaki, ao conceito de Suvin (2005) para *expatriados*. Dentro desses moldes, se tornaria impossível classificar o movimento de escritores por “razões

---

<sup>25</sup> Palavra angolana para se referir a Angola.



ideológicas/econômicas” ou ainda “se pretendem voltar ou não para o país de origem”, por, obviamente, essas razões serem ligadas a um âmbito tão pessoal e intimista.

Entretanto, é certo que, ainda que individualmente cada sujeito tenha suas idiossincrasias para tais, esses *movimentos* dos escritores angolanos continuam a se repetir desde a década de 1950, tendo então não se findado com a independência em 1975 e o fim da guerra civil em 2002. Ilustrando tais exemplos, temos figuras bastante representativas da literatura angolana, como Luandino Vieira, José Eduardo Agualusa, Ana Paula Tavares, Ondjaki, dentre outros. Embora, como já supracitado, para esses escritores, viver geograficamente fora de Angola não corresponde a deixar de pensar e escrever o país.

Côncios de que escritores dedicados exclusivamente à atividade literária são, em diferentes graus, regidos pelo mercado editorial, devemos considerar que o pequeno número de editoras em Angola pode ser responsável por essas *expatriações literárias*. Sendo assim, é comum encontrar até mesmo os mais reconhecidos escritores angolanos vivendo, principalmente, em países como Portugal e Brasil, os maiores mercados da literatura lusófona. Todavia, se por um lado esses escritores encontram dificuldades para se viver da literatura em Angola, é também através de um mercado internacional que os mesmos talvez encontrem maior liberdade para expressar opiniões sobre os problemas de um governo angolano marcado por denúncias de censura.

Se, durante as décadas de luta armada contra colonização portuguesa e posteriormente durante a guerra civil que assolou o país, os escritores se utilizaram principalmente da poesia para levar bandeiras e mensagens adiante, nos tempos do pós-guerra, a produção escrita e ativista se ampliou bastante em termos de gênero. Atualmente, não só a poesia tem ocupado espaço nas discussões e indagações sobre a realidade angolana. É, similarmente, através do romance, dos contos, das crônicas e das postagens em redes sociais que reconhecidos escritores angolanos vêm se posicionando de uma maneira ativa frente aos problemas sociais do país.

A insatisfação do povo angolano com o governo do presidente José Eduardo dos Santos vem crescendo cada vez mais e atualmente conta com uma maior

possibilidade de ser demonstrada e divulgada. Se durante a luta pela independência e unificação do país sob uma mesma ideologia política a poesia foi aliada das armas, atualmente a “nova luta” é expressa, justificada e interpretada pelos gêneros artísticos e literários diversos e híbridos.

#### **1.4.1. 15+2+24 milhões**

Exemplo marcante dos reflexos do governo opressor de José Eduardo dos Santos e da falta de liberdade de expressão em Angola, o caso que ficou conhecido midiaticamente como *15+2* (*Quinze mais duas*) ou ainda *Liberdade para os presos políticos de Angola* vem se arrastando como um dos ápices da revolta do povo angolano e de sua concomitante atonia.

Tendo seu início em junho de 2015, o caso dos *15+2* é marcado pela prisão de 12 cidadãos angolanos detidos sem mandato de captura numa residência em Vila Alice, bairro central de Luanda por elementos da Direcção Nacional de Investigação Criminal (DNIC). De acordo com nota dos Serviços de Investigação Criminal do Ministério do Interior, os ativistas “se preparavam para realizar actos tendentes a alterar a ordem e a segurança pública do país”.<sup>26</sup>

Os pedidos de liberdade para os considerados presos políticos vêm se intensificando com forte apelo popular, artístico e intelectual desde junho de 2015. Já o julgamento dos réus se arrastou desde novembro do mesmo ano até março de 2016, devido à ausência de declarantes. Em 28 de março de 2016, finalmente, o caso dos *15+2* foi julgado, tendo a justiça angolana condenado os ativistas a penas entre 02 e 08 anos de prisão.<sup>27</sup>

Os motivos (ou a falta deles) dados pelos órgãos competentes pela segurança e pela política em Angola para justificar a prisão dos ativistas servem para aumentar ainda mais a indignação da parte da população que é contra a prisão dos mesmos e para intensificar as acusações de Angola sofrer com um regime de

---

<sup>26</sup> Disponível em: <<https://www.publico.pt/mundo/noticia/ativistas-detidos-numa-casa-em-luanda-por-perturbacao-da-ordem-publica-1699733>>. Acesso em 14/03/2016.

<sup>27</sup> Disponível em: <<http://www.dw.com/pt/ativistas-angolanos-condenados-a-penas-entre-2-e-8-anos-de-pris%C3%A3o/a-19146663>>. Acesso em 29/03/2016.

falsa democracia no governo de Dos Santos. Para o jornalista Domingos da Cruz, em prisão domiciliar desde dezembro de 2015, Angola vive sob o regime ditatorial de José Eduardo dos Santos. O ativista diz peremptoriamente que Angola é uma ditadura: "se não fosse, não estaríamos presos pelo simples facto de alguém ter escrito um livro." O livro de Domingos da Cruz, intitulado *Ferramentas para Destruir o Ditador e Evitar Nova Ditadura*, era uma das obras que estavam a ser estudadas pelos jovens ativistas angolanos quando da sua detenção em junho de 2015.<sup>28</sup>

Além do jornalista e professor universitário Domingos da Cruz, e do engenheiro e *rapper* Luaty Beirão<sup>29</sup>, ambos com certo reconhecimento dentro do território angolano, foram também presos outros jovens que, em sua maioria, vivem nos bairros periféricos de Luanda. De acordo com o sítio português *Público*

São estudantes universitários, jovens dos musseques de Luanda, músicos e *rappers*, intelectuais de blogues e sites, que querem fazer ouvir a sua voz muito além da capital angolana. Em 2011, desejaram uma Primavera Árabe que fosse deles. Quiseram chegar, com a sua mensagem, a outros jovens de Angola – representativos da grande maioria da população. Jovens que só conheceram um Presidente no poder e não têm memória do terror, como ainda têm os pais, dos massacres do 27 de Maio de 1977. Também em nome dos mais velhos que, como dizem, sofreram com a guerra sem nunca beneficiarem da paz, falaram alto – no activismo de rua, em manifestações ou vigílias. [...] Nasceram em Luanda, como Luaty Beirão, ou vieram do Bengo, Malanje, Moxico, Uíge, Huambo e Luanda Norte, como os muitos angolanos que convergiram para a capital, durante a guerra ou depois de alcançada a paz em 2002.<sup>30</sup>

Entre os detidos, além de Henriques Luaty Beirão e Domingos José da Cruz, estão: Manuel Chivonde Batista "Nito Alves", Afonso Matias "Mbanza-Hamza", José Gomes Hata, Hitler Jessy Chivonde, Inocêncio António de Brito, Sedrick Domingos de Carvalho, Albano Evaristo Bingocabingo, Fernando António Tomás "Nicola", Néelson Dibango Mendes dos Santos, Arante Kivuvu Lopes, Nuno Álvaro Dala, Benedito Jeremias, Osvaldo Caholo e José Marcos Mavungo. A maioria desses jovens possui origem humilde, diferentemente de Luaty Beirão, filho de João Beirão, falecido amigo do presidente angolano, filiado ao MPLA e ex-diretor da Fundação José Eduardo dos Santos.

---

<sup>28</sup> Disponível em: <<http://www.dw.com/pt/vamos-ser-condenados-diz-ativista-angolano-domingos-da-cruz/a-19098376>>. Acesso em 15/03/2016.

<sup>29</sup> Também conhecido no cenário musical como *IkonoKlasta* e *Brigadeiro Mata Frakuzs*.

<sup>30</sup> Disponível em: <<https://www.publico.pt/mundo/noticia/os-filhos-do-musseque-juntaram-se-ao-filho-do-regime-em-angola-1712176>>. Acesso em 15/03/2016.

A prisão desses jovens simboliza não apenas uma enorme repressão ao pensamento político diferente ao vigente em Angola, demonstra, ainda, uma perseguição a jovens de baixa renda que se organizam, individual ou coletivamente, para protestar contra a má distribuição de renda e do abuso de poder. Tendo inclusive alguns desses já relatado prisões e perseguições anteriores, há também denúncias de tortura e de receio para com retaliações às suas respectivas famílias.

Sobre a atual situação da liberdade de expressão e, conseqüentemente, o caso dos 15+2, a brasileira *Agência Pública* de jornalismo investigativo sem fins lucrativos produziu um relevante documentário intitulado *É proibido falar em Angola*<sup>31</sup>. Inicialmente previsto para retratar sobre a influência da empreiteira brasileira Odebrecht em Angola, as câmeras das jornalistas Elisa Capai e Natália Viana acabaram “se virando para o outro lado”. Seguindo com as propostas da *Agência Pública*, a equipe de reportagem buscou apresentar sempre as grandes questões do país do ponto de vista da população. Apesar do excelente trabalho de reportagem investigativa e das jornalistas terem conseguido a façanha de recolher importantes depoimentos dos familiares dos ativistas dos 15+2, é sabido que em Angola pouco se pode (e poucos se arriscam a) falar acerca do governo eduardista.

José Eduardo Agualusa, certamente um dos mais reconhecidos escritores angolanos internacionalmente, em entrevista à rádio portuguesa *Renascença*<sup>32</sup>, falou sobre o atual cenário político, literário e ativista angolano. O escritor nascido na província angolana de Huambo em 1960 já vivenciou diferentes momentos da história angolana e, talvez por hoje residir em Lisboa e por seu prestígio no cenário intelectual/artístico internacional, sintase menos ameaçado para discorrer abertamente sobre o momento angolano. Sobre a questão de sua liberdade pessoal para fazer oposição ao governo, Agualusa explica a sua singularidade em relação a outros angolanos

*Renascença*: Nestes anos em que tem sido uma das vozes críticas do regime, já foi alvo de represálias?

---

<sup>31</sup> Disponível na íntegra no canal oficial do YouTube da Agência Pública em: <https://www.youtube.com/watch?v=lfqoISH1Dhg&list=PLmkLHWZfMzPF06jzwCg0A9UrD19T-yHym>. Acesso em 15/03/2016.

<sup>32</sup> Disponível em: [http://rr.sapo.pt/noticia/39171/jose\\_eduardo\\_agualusa\\_ nao\\_conheco\\_alguem\\_que\\_em\\_privado\\_def enda\\_o\\_regime\\_angolano](http://rr.sapo.pt/noticia/39171/jose_eduardo_agualusa_ nao_conheco_alguem_que_em_privado_def enda_o_regime_angolano)>. Acesso em 28/03/2016.

*José Eduardo Agualusa:* Acontece comigo o mesmo que acontece a todas as pessoas envolvidas neste processo de democratização do país e que manifestam opinião sobre o assunto. O regime tenta alcançar essas pessoas de todos os pontos de vista. Comigo também. Através da família, através de rendimentos da vida pública, etc.. Comigo é um pouco mais difícil, sou escritor, não dependo de Angola para sobreviver, é um pouco mais difícil exercer pressão económica sobre mim. Mas há outras formas de exercer pressão. Sobre a família, etc...

Já acerca da função social dos artistas e intelectuais angolanos que se opõem ao sistema vigente em Angola, o escritor destaca principalmente a função dos *rappers* angolanos, como, por exemplo, Luaty Beirão.

*Renascença:* Foi um rapper que pôs, de novo, os olhos do mundo em Angola. Os escritores também têm um papel na luta pela democratização de Angola?

*José Eduardo Agualusa:* Os artistas de forma geral sim. O movimento começou por música, este movimento é iniciado nas ruas por vários rappers. Mas o movimento de solidariedade que se fundou a seguir e que se generalizou teve por base também jovens artistas angolanos – de todas as áreas: do cinema, das artes plásticas, da música, da literatura.

*Renascença:* Os rappers têm impacto directo noutros jovens através das suas letras.

*José Eduardo Agualusa:* A música tem um impacto mais geral na sociedade, em particular numa sociedade como a angolana, que não tem muito acesso ao livro. Não são os escritores que têm grande impacto, quem tem maior impacto são os músicos. Sobretudo estes rappers, que têm presença nos musseques, nas zonas mais desfavorecidas, e que fazem da luta por uma maior justiça social o seu próprio trabalho enquanto artistas. Os rappers têm uma presença maior e uma capacidade maior de mobilização social.

A importância da música, mais particularmente o *rap*, no impacto social angolano é uma interessante questão levantada por Agualusa. Ainda que o número de analfabetos em Angola venha caindo consideravelmente desde a independência do país em 1975 – mais de 68%, segundo Pinda Simão, Ministro da Educação angolano<sup>33</sup>-, e atualmente atinja “apenas” 30% da população<sup>34</sup>, a maioria da população ainda carece de acesso aos livros.

De acordo com os dados apresentados e com as observações de José Eduardo Agualusa, salientamos, mais uma vez, que as “funções sociais” dos escritores angolanos, principalmente as dos que se opõem aos sistemas políticos

---

<sup>33</sup> Disponível em: <[http://24.sapo.pt/article/lusa-sapo-pt\\_2015\\_09\\_08\\_410499205\\_numero-de-angolanos-analfabetos-caiu-mais-de-68--desde-1975](http://24.sapo.pt/article/lusa-sapo-pt_2015_09_08_410499205_numero-de-angolanos-analfabetos-caiu-mais-de-68--desde-1975)>. Acesso em 29/03/2016.

<sup>34</sup> Disponível em: <[http://www.rtp.pt/rdpafrica/noticias-africa/angola-diminui-taxa-de-analfabetos\\_4172](http://www.rtp.pt/rdpafrica/noticias-africa/angola-diminui-taxa-de-analfabetos_4172)>. Acesso em 29/03/2016.

vigentes no país – atualmente o governo de Eduardo dos Santos, passam a ser consideradas “muito além dos livros”. Escritores angolanos com reconhecimento internacional como José Eduardo Agualusa, Ondjaki, Pepetela, Luandino Vieira, Ana Paula Tavares, dentre outros, acabam se tornando porta-vozes nacionais tendo suas obras traduzidas para diversos idiomas e publicados em inúmeros países. Entretanto, se de um lado a “internacionalização” da literatura angolana ultimamente atinja leitores globais, a falta de acesso dos próprios angolanos aos livros de seus conterrâneos causa ainda incômodo e frustração também aos escritores. Sendo assim, mais do que produtores de romances, crônicas, contos e poesias, os escritores angolanos passam a se tornar figuras ativas no exercício de “pensar Angola” por outros veículos de informação.

É na internet, por exemplo, que encontramos várias entrevistas, vídeos e textos desses escritores que se posicionam numa relação mais direta com os angolanos. Seja por suas atividades em redes sociais como *Facebook* e *Twitter* ou em blogs/sítios oficiais, o contato direto com o leitor, principalmente o angolano, possibilita um diálogo plural e abrangente. Além disso, lembramos também as colunas dos escritores Ana Paula Tavares, João Melo e José Eduardo Agualusa no portal angolano de internet *Rede Angola* e também da coluna de Agualusa no brasileiro *O Globo*.

Sobre a relação da escrita e da liberdade de expressão em Angola, Ondjaki, em entrevista ao periódico *Expresso*, fala sobre o que considera o grande problema de seu país

Expresso: Há uma falta de ligação do poder à sociedade?

Ondjaki: A democracia não é só podermos falar, depende de as pessoas que estão no poder escutarem o que as outras estão a dizer. Este é o grande problema de Angola. Podemos falar, imprimir tudo nos jornais, mas que efeito é que isso tem? Quem ouve atentamente essas pessoas, as suas opiniões, os alertas? (ONDJAKI in EXPRESSO, 2012, p. 28)

Se na época de publicação da entrevista, em 03 de novembro de 2012, logo após a publicação de *Os transparentes* em Portugal, o escritor levanta a hipótese do “poder falar, imprimir tudo nos jornais” e da falta de efeito disso mediante às pessoas que estão no poder não escutarem, atualmente, em 2016, isso parece ter mudado. Dialogando com *Os transparentes*, perceberemos o exemplo do personagem Carteiro, que busca de várias maneiras ter suas reivindicações trabalhistas

atendidas escrevendo cartas e entregando para diversas autoridades, mas suas solicitações enquanto proletário nunca são atendidas.

Já na Angola real, a condenação de Domingos da Cruz a mais de oito anos de prisão pela escrita do livro *Ferramentas para destruir o ditador e evitar nova ditadura* é prova das dificuldades de se expressar em Angola.

Além de Domingos, os demais integrantes do caso 15+2 também foram condenados. Para Ana Monteiro, coordenadora de campanhas da Anistia Internacional (AI) em Portugal: "não deveria ter existido sequer um julgamento. Estamos a falar de cidadãos angolanos que estavam reunidos, a falar sobre liberdade e democracia. Estavam a discutir um livro." Ainda sobre o caso, logo após a condenação dos ativistas, o escritor José Eduardo Agualusa considerou que as sentenças dos ativistas são "políticas" e irão "reativar" a onda de solidariedade para com os jovens.<sup>35</sup> Já Ondjaki, continua manifestando indignação ao desfecho do caso em suas redes sociais como *Twitter*, *Facebook* e *Instagram*.<sup>36</sup>

Dado o (atual)<sup>37</sup> desfecho do significativo caso dos 15+2, em meio a tantas denúncias da sociedade civil angolana, de seus escritores e de jornalistas internacionais, não podemos considerar que a liberdade de expressão e de literatura seja uma realidade no país. Pelo contrário, a condenação de um cidadão devido à escrita de um livro mostra que, embora os anos de colonização portuguesa sob o domínio da censura e de órgãos repressores como a PIDE tenham ficado para trás, a atual política de estado de José Eduardo dos Santos tem se mostrado como bastante repressora e violenta.

Conforme já referido, além da condenação do jornalista Domingos da Cruz, autor do livro, todos os outros membros do grupo 15+2 foram condenados e acusados de atos preparatórios de rebelião e de organização de malfeitores. Atualmente, devido à revolta da população com a condenação, o governo tem ido

---

<sup>35</sup> Disponível em: <<http://www.dw.com/pt/ativistas-angolanos-condenados-a-penas-entre-2-e-8-anos-de-pris%C3%A3o/a-19146663>>. Acesso em 29/03/2016.

<sup>36</sup> <[www.twitter.com/ondjaki](http://www.twitter.com/ondjaki)>; <[www.facebook.com/ondjaki](http://www.facebook.com/ondjaki)> e <[www.instagram.com/ondja\\_ki](http://www.instagram.com/ondja_ki)>.

<sup>37</sup> Aqui, tratamos este desfecho como "atual" (março/abril de 2016), uma vez que com a quantidade de protestos e indignação da população angolana e da comunidade internacional, o caso ainda pode se estender por mais tempo e o resultado das condenações pode ser revisto, prolongado ou anulado.

além, repreendendo inclusive outros grupos que protestam em apoio à libertação dos 15+2, como o caso dos 12 ativistas de Benguela, interior do país, repreendidos por agentes da Polícia da Ordem Pública e de Intervenção Rápida.<sup>38</sup>

Asseveramos que a política de estado a realizar ações como essas, a condenação dos 15+2 e a violenta repressão a pessoas e grupos oponentes à atual forma de administração do país, apenas contribui para afirmarmos que há em Angola uma política agressiva de censura à liberdade de expressão e, por conseguinte, de que há uma ditadura “disfarçada de democracia”.

---

<sup>38</sup> Disponível em: <<http://www.dw.com/pt/12-ativistas-do-autodenominado-movimento-revolucion%C3%A1rio-detidos-em-benguela-j%C3%A1-foram-libertos/a-19163390>>. Acesso em 10/04/2016.



## Capítulo 2. *Os transparentes*: narrativa luandense contemporânea

*Eu gosto do caos.  
A ordem só prejudicou meu povo.*

Ferréz

### 2.1. A multidão transparente: desigualdade e representatividade social

Pensar sobre África, mais especificamente de uma maneira pan-africanista, remete-nos logo ao problema sobre desigualdade e representatividade social. O continente é marcado por invasões, saqueamentos e violentas guerras causadas pelas colonizações europeias desde o século XV. Por conta disso, durante muitos anos, em termos globais, o continente e o povo africano tiveram suas histórias a serem contadas e discutidas apenas por não-africanos.

Todavia, segundo o ganês Kwame Appiah (1997),

os intelectuais da África têm-se empenhado, há muito tempo, numa conversa entre si e com europeus e norte-americanos sobre o que significa ser africano. No cerne desses debates sobre a identidade africana encontram-se as obras fecundas de políticos, escritores e filósofos da África e de sua diáspora (APPIAH, 1997, p.13).

Cabe então aos escritores, estudiosos e intelectuais africanos, desde a emergência dos Estudos Culturais e dos estudos sobre a diáspora, um diálogo intercultural com os estudos ocidentais sobre o continente africano. Neste trabalho, procuramos destacar parte desse diálogo, uma interseccionalidade que abranja não somente o trabalho do escritor Ondjaki com os estudos europeus e estadunidenses, mas também que contemple na discussão as considerações de intelectuais africanos e pós-coloniais.

### 2.1.1. Petróleo em Angola: riqueza para quem?

Ainda que de acordo com o imaginário popular e preconceituoso sobre a África se remeta a uma imagem de um continente marcado por extrema miséria e sanguinolentas guerras sem motivos, o território africano é rico também em recursos naturais valorizados pelo sistema capitalista. No caso de Angola, o país destaca-se principalmente pela imensa reserva de petróleo e também pela exploração de diamantes. Todavia, veremos (também através da literatura angolana) que nem sempre a exploração desses recursos capazes de gerar grandes progressos monetários irá significar uma melhoria qualitativa na vida da maioria da população.

Enquanto a economia mundial luta contra a escassez de recursos, vários países da África, na contramão à tendência global, seguem registrando altíssimas taxas de crescimento. A título de exemplo, além da já citada Angola que recentemente chegou a registrar taxa de crescimento de 20% ao ano com sua produção de petróleo e diamante, destacam-se outros países africanos que similarmente contam com altíssimo investimento de capital estrangeiro para a exploração de seus recursos. Apesar de tantos investimentos e tantos retornos econômicos, nem sempre a exploração desses recursos se confirmam como uma melhora significativa para a parte da população africana que sofre com a miséria e a desigualdade social. Procurando demonstrar um pouco da tal realidade, a rede alemã *DW* publicou em seu site uma série de reportagens sobre os países que contrastam desenvolvimento econômico com desenvolvimento social.<sup>39</sup>

No caso da Nigéria, assim como Angola, também se destaca o petróleo. À frente de Angola, que ocupa a segunda posição no *ranking* africano de exploração de petróleo, a Nigéria é considerada mundialmente o oitavo maior país exportador do recurso. Porém, os expressivos números de barris de petróleo bruto produzidos diariamente dos quais se orgulham órgãos governamentais e a NNPC (Nigerian National Petroleum Association) parecem não refletir em uma melhora de vida significativa para a população e para os operários das refinarias. Várias organizações de direitos humanos estimam que cerca de 70% dos 160 milhões de

---

<sup>39</sup> Disponível em: <<http://dw.com/p/16sY1>>. Acesso em 21/03/2016.

nigerianos vivem abaixo da linha de pobreza, isto é, com 1,25 dólares por dia.<sup>40</sup> Com os altos índices de desemprego e a falta de empregos formais, muitos trabalhadores nigerianos são forçados a trabalhar em condições precárias em meio às refinarias e às gravíssimas consequências causadas pela enorme poluição da queima de gás associado ao petróleo.

Outro exemplo interessante a ser considerado é o de Moçambique, país na costa leste da África e também pertencente à comunidade dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa. O país que, assim como Angola, contou com a colonização portuguesa ainda é considerado miserável e ocupa incômodas posições em índices mundiais de desenvolvimento humano. Em 2012 ocupava a posição número 184 entre 187 países no Índice de Desenvolvimento Humano da ONU, à frente apenas dos países africanos Burundi, Níger, e República Democrática do Congo. No início dos anos 1990, durante a guerra civil moçambicana, chegou ainda a ser considerado o país mais pobre do mundo.

Se em Angola e Nigéria a economia nacional é impulsionada principalmente pela a abundância e exploração do petróleo, o recurso natural explorado responsável pelo “boom econômico” em Moçambique é o carvão. Na região de Tete, província do interior moçambicano, a euforia com o início da exploração das jazidas de carvão metalúrgico e térmico trouxe esperança para um povo marcado pela extrema pobreza, incluindo-se aqui a fome. As jazidas, que podem ser consideradas as maiores do mundo, começaram a ser exploradas pela empresa brasileira Vale em 2007, que juntamente com outras empresas internacionais como a anglo-australiana Rio Tinto e outras de menor porte, integram mais um grupo de capital estrangeiro injetado em África em busca de exploração de recursos naturais em países economicamente menos desenvolvidos.

Apesar das relações entre as grandes empresas multinacionais, governo e população serem repletas de promessas, utopias e esperanças, mais uma vez, no caso de Moçambique, percebemos que a melhoria da qualidade de vida da população é irrisória. A prometida “cadeia econômica” capaz de repercutir na sociedade local com capacitação técnica, educação, alimentação e moradia mostra-se ineficiente como realidade que alcance considerável número de nativos e

---

<sup>40</sup> Disponível em: <<http://dw.com/p/16ozB>>. Acesso em 21/03/2016.

proporcione um real progresso social qualitativo e quantitativo. Com a grande mudança geopolítica do espaço moçambicano que uma exploração nos colossais moldes, impostos pela empresa Vale, também são feitas grandes promessas. “Entre final de 2009 e início de 2010 a Vale reassentou, ao todo, cerca de mil famílias, em troca fez muitas promessas: novas casas, novos empregos, novas escolas e hospitais, comida gratuita”.<sup>41</sup> Entretanto, houve várias reclamações da parte dos reassentados de que muitas das promessas não foram cumpridas.

Percebemos com esses principais exemplos, de Nigéria e Moçambique, que nem sempre as elevadas taxas de crescimento econômicos apresentadas nos últimos anos por alguns países africanos, principalmente impulsionadas pelas grandíssimas explorações de recursos naturais, se refletem conseqüentemente como melhorias para a maioria da população destes países. Também destaquemos aqui outros países africanos que passam por situações semelhantes, como a Tanzânia e sua exploração aurífera; a Guiné-Conacri e a exploração de bauxita; Camarões e a exploração de madeira e a extração de manganês no Gabão. Todos esses países africanos, além de tantos outros casos espalhados pelo resto dos continentes, principalmente em países subdesenvolvidos, são exemplos de como o entusiasmo e a esperança da população mais pobre que espera por uma melhora significativa de vida quase sempre dá lugar à frustração e à indignação. De acordo com a série de reportagens produzidas pela *DW-Rádio “Recursos naturais – bênção ou pesadelo?”*,

São poucos os países que conseguiram diminuir os índices de pobreza através da exploração de matérias-primas. Em muitos casos o dinheiro da venda destas matérias-primas não chega à população. Em muitos casos a exploração dos recursos naturais é feita de uma forma insustentável, beneficiando apenas uma pequena elite e destruindo o meio ambiente.<sup>42</sup>

Em *Os transparentes*, o extrativismo primário (extração de conchas) que o VendedorDeConchas promove difere desse (extração de petróleo) no sentido de não haver o Estado como intermediário entre o cidadão e os recursos naturais, mas assemelha a ele pelo valor monetário de seu produto. Vale problematizar o quanto a exploração da Natureza em benefício próprio está presente na obra de Ondjaki, como DomCristalino que lucra com a exploração da água. Em termos gerais,

---

<sup>41</sup> Disponível em: <<http://dw.com/p/16kQ8>>. Acesso em 25/03/2016.

<sup>42</sup> Disponível em: <<http://dw.com/p/BMp2>>. Acesso em 25/03/2016.

poderíamos deduzir que Ondjaki apresenta um embate Natureza *versus* Cultura, permeado pelo capitalismo. Enquanto que a Cultura (de acordo com o conceito proposto por Edward Tylor durante o século XIX, “cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade”) (SILVA; SILVA, 2006, p. 85), para sobreviver e reproduzir-se, invade a Natureza de forma impiedosa, a Natureza – que é desprovida de conteúdo moral – manifesta-se através de suas forças – o fogo – que consome as obras da Cultura, a saber, o Edifício, lócus de *Os transparentes*.

Levando em consideração esses casos de outros países africanos que se assemelham a Angola, apresentamos aqui, neste trabalho, algumas das semelhanças que podem ser encontradas e representadas no romance *Os transparentes*. É através da promessa dos poderosos – grandes empresários e governantes – e da esperança dos *transparentes* – a população pobre e pouco representada – que acontecem vários eventos significativos no romance. É devido à ambição da “alta sociedade” que se ocasionam muitos dos desastres e é através da esperança que percebemos a vontade e a necessidade de uma mudança de vida que busca o povo mais pobre de Angola, representado pelos personagens *transparentes*.

Obviamente, deve-se ter bastante cuidado nos termos que se concernem a comparações entre ficção – a literatura em *Os transparentes* – , e a realidade – cenário geopolítico de Luanda/Angola contemporânea. Entretanto, é inegável que um conhecimento mais profundo sobre a realidade econômica e geopolítica angolana não seja enriquecedor para a interpretação de possíveis críticas tecidas pelo escritor Ondjaki em sua obra.

Autor de diversos livros de ficção que se mesclam entre os gêneros romance, conto e autobiografia, Ondjaki já foi e continua sendo tema de diversos trabalhos acadêmicos focados principalmente na relação entre ficção/autobiografia e história angolana – essa representada principalmente pela década de 1980 e pelos anos de guerra civil angolana. Sendo assim, se o estudo dessas obras passe primariamente sobre um conhecimento mais aprimorado da história angolana desse período (Guerra Civil) e até mesmo sobre a biografia do autor, propomos que este trabalho, focado no romance *Os transparentes*, se exima de um detalhamento maior da biografia de Ondjaki, mas, em contraproposta, se amplie no sentido do estudo da

contemporaneidade angolana e da história do país, tendo em vista que, obviamente, o presente seja resultado de um passado.

Consoante aos nossos objetivos, a contextualização do fator “petróleo” em Angola torna-se fundamental para um estudo mais abrangente acerca da contemporaneidade angolana e, conseqüentemente, das referências no romance *Os transparentes*. É através dos eventos relacionados à virtual descoberta de petróleo em Luanda e os desdobramentos sociais e econômicos de sua exploração que podemos observar as diferentes reações em vários personagens do romance. Os personagens “transparentes” se mostram divididos entre a euforia e esperança de “achar petróleo” no próprio quintal, conforme é sugerido para Odonato que mude do prédio para uma casa devido à possibilidade de lucrar com uma possível descoberta

- estão a dizer que, com as escavações, quando encontrarem petróleo, o dono do quintal também recebe lá uma parte. mas eu, como alugo os anexos, quero saber como é que fico que fico na minha situação, só por causa disso a minha renda já subiu. o paizinho vive num quintal também?

- não, vivo num prédio

- epá... no prédio a divisão já é mais complicada. eu se fosse o paizinho mudava para uma casa ou mesmo uns anexos, é um “investimento”, como diz um amigo meu (p. 228).

Ou, ainda, com certo teor crítico e incrédulo, conforme a desconfiança apresentada pela visão crítica de Esquerdista:

- há que ler nas entrelinhas, meus amigos... tá todo mundo distraído e convencido de que vai encontrar petróleo no seu próprio quintal... mas eu não ando a dormir, ando a beber, mas não ando a dormir...(p. 236).

Já a respeito das opiniões dos “poderosos” (políticos e empresários), o lucro monetário é sempre posto em primeiro lugar. DomCristalino, grande empresário do ramo da água, em suas conversas com o homem público (Ministro) procura se aproveitar da euforia trazida pelas buscas de petróleo em Luanda para tentar lucrar privatizando a água.

- tá a ver como é bom ouvir? – Cristalino serviu-se mais de whisky – , ouça, senhor Ministro... com tantos canos novos a serem instalados, e tantos outros a serem removidos, vai-se instalar no subsolo de Luanda um labirinto de canos de petróleo, de gás e de água... não podemos correr o risco de essa canalização ser pública! não se esqueça, quem determinar o preço do transporte da água, determina o preço da água... (p. 180)

DomCristalino parece ser um transparente às avessas: por trás de suas “inocentes” e cristalinas ações – mais cristalinas que a água que pretende fornecer –

há assuntos escusos em jogo, embotados pelo seu desejo de lucro. Lucro este que o negro do petróleo – não tão transparente assim – já jorra para o Estado. Petróleo este que, além de fazer parte dos projetos futuros de DomCristalino, o próprio Presidente de Angola anuncia orgulhosamente seu primeiro jorro encontrado em Luanda e é ovacionado pela população sedenta por progresso.

- caros cidadãos, como já foi noticiado pelos órgãos de informação nacional
- começou o Presidente – na madrugada de ontem, finalmente, Luanda foi testemunha do primeiro jorro de petróleo encontrado sob o solo desta cidade
- a multidão gritou, bateu palmas (p.368)

Por outra via, fazendo “oposição” aos pensamentos e planejamentos dos eufóricos habitantes de Luanda desfavorecidos e dos ambiciosos políticos e empresários do país, estão os angolanos PauloPausado, jornalista; DavideAirosa, cientista e do estadunidense Raago, também cientista e especialista em petróleo. O cientista angolano, por exemplo, já avisara (ainda na parte inicial do romance) dos perigos que poderiam ocasionar a exploração do petróleo para o seu amigo Paulo, inclusive citando que o prédio do LargoDaMaianga seria um dos mais prejudicados.

- puta que pariu... e a cidade? as consequências?
- posso te mandar o relatório detalhado de três conferências que fiz sobre isso, não há como a cidade aguentar, nem é possível tirar o petróleo que há debaixo de Luanda. é simplesmente não concretizável
- e como é que vão fazer? - perguntou Paulo
- vão tentar fazer. haveria algo muito, muito sofisticado, arriscado e caro: substituir o vácuo que vão deixar por um qualquer tipo de material, mas é praticamente impossível retirar o petróleo e fazer esse enxerto ao mesmo tempo
- e então?
- então vocês têm que se preparar – sorriu Davide
- nós, quem?
- vocês que vivem em prédios. e aqui na Maianga deve ser um dos primeiros lugares a sentir as consequências (p. 117, 118)

É através das “previsões” feitas por Davide que entramos “oficialmente” em contato com a tragédia que se apresenta de maneira cíclica no início e no final do romance. Davide mostra que, apesar de seus estudos e até mesmo uma pequena dose de “bom senso”, a tragédia anunciada não é evitada. É por conta da ambição de se achar petróleo em Luanda e de seu conseqüente lucro monetário que o caos e

a destruição são instaurados quando a possibilidade do lucro é posta como prioridade em relação ao bem estar do povo.

“- sim, talvez – Davide terminou o seu gin ruidosamente - , talvez se preocupem daquele jeito angolano, tipo depois logo se vê o que acontece, primeiro vamos ainda encher os bolsos.” (p. 118)

### **2.1.2. A questão da representatividade**

Gayatri Spivak (2010), em sua consagrada palestra, publicamente publicada como livro, *Pode o subalterno falar?* traz à tona importantes questionamentos acerca da (in)capacidade do subalterno conseguir se expressar. Estudo basilar em muitas análises literárias acadêmicas e em campos da crítica da cultura, o ensaio da autora indiana busca discutir o cerne da questão da representação do sujeito subalterno. Segundo as definições da autora, o sujeito subalterno é aquele pertencente “às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem plenos no estrato social dominante” (SPIVAK, 2010, p. 12)

A partir da definição de Spivak (2010) para “subalterno”, faremos aqui neste trabalho a analogia entre transparente/subalterno. Uma vez que o romance de Ondjaki é inclusive intitulado com o termo-adjetivo (os *transparentes*), trataremos como crucial a representação dos mesmos através da obra.

O estudo de Spivak (2010), consagrado pela crítica pós-colonial e pela crítica feminista, tem entre suas idiossincrasias a mensuração em determinados graus para o sujeito subalterno. No quarto capítulo de seu livro, por exemplo, a autora atenta-se para a questão da mulher negra e pobre. Esse sujeito (mulher-negra-pobre) seria triplamente marcado por processos de uma exclusão social, carregando os estigmas de gênero, de pobreza e de raça. Ainda que essa singularidade feita pela autora seja importantíssima dentro dos contextos sociais e do exercício da atividade intelectual que busca pensar a sociedade, traremos, nesta dissertação, principalmente de considerações que buscam relacionar os *transparentes* e o estigma da pobreza.



Ressaltamos aqui, mais uma vez, a fala do personagem Odonato (personagem “principal” do romance e marcado pela transparência física) “- a verdade é ainda mais triste, Baba: não somos transparentes por não comer... nós somos transparentes porque somos pobres.” (p. 190) e também a passagem sobre a relação metonímica entre Luanda e o corpo transparente do personagem “- não, não é todo o povo. há alguns que são transparentes. acho que a cidade fala pelo meu corpo...” (p. 265).

A partir disso, embasaremos as definições de transparentes/subalternos como parte de um povo luandense/angolano e pobre. Conquanto, no romance encontraremos personagens “triplamente marcados” pelos estigmas categorizados por Spivak (mulher-negra-pobre), como, provavelmente, as personagens Xilibaba, Amarelinha, AvóKunjikise, AvóTeta, dentre outras, até mesmo a pouca frequência e o caráter antagonista de todas essas nos levará a uma aglutinação dessas em diluição do grupo maior: *transparentes/subalternos marcados pela pobreza*. Além disso, poucos personagens do romance são descritos pela raça, todavia, ressaltamos que a maioria dos angolanos, principalmente os pertencentes às classes mais pobres, são pessoas negras ou mestiças.

Conforme Spivak (2010) sugere, a fala dos sujeitos subalternos deve ser preferencialmente representada por um *quase-outro*, em via que, de acordo à conclusão da pergunta principal de seu estudo “pode o subalterno falar?” é negativa, ou seja, o subalterno seria mesmo incapaz de falar, abrindo-se assim uma necessidade/preferência de ser representado pelo *quase-outro* ou ainda *menos-outro*. Nessa questão, Spivak se mostra em concordância com o pensador argelino Jacques Derrida afirmando:

É no interesse de tais preocupações que Derrida não invoca que “deixe o(s) outro(s) falar por si mesmo(s)”, mas, ao invés, faz um “apelo” ou “chamado” ao “quase-outro” (*tout-autre* em oposição a um outro autoconsolidado), para “tornar *delirante* aquela voz interior que é a voz do outro em nós”. (SPIVAK, 2010, p. 83)

A partir de tal pressuposto, tornam-se necessárias algumas considerações acerca da biografia do autor, Ondjaki. Apesar de suas características pessoais indicarem uma personalidade marcada pela diferença de seus personagens subalternos, leia-se aqui o escritor como *homem, branco, jovem, pertencente à classe-média angolana, com emprego e estudos formais concluídos em importantes*

*instituições europeias*, destacaremos sua *angolanidade* presente na maioria de suas obras e seus esforços para a divulgação da cultura, da literatura e da realidade do povo angolano ao decorrer de sua vida internacional como escritor, intelectual e formador de opinião.

Uma vez considerada tal condição, contextualizamos também a importância dos escritores pós-coloniais que passam a escrever a história e a literatura de seus países de origem por uma perspectiva interna na contramão aos antigos estudos e relatos sobre esses países que eram formados unicamente por visões estrangeiras e/ou eurocêntricas. Rita Chaves (2004) sobre a literatura contemporânea angolana, afirma que “instrumento de afirmação da nacionalidade, a literatura será também um meio de conhecer o país, de mergulhar num mundo de histórias não contadas, ou mal contadas, inclusive pela chamada literatura colonial” (p. 154).

## **2.2. Personagens de *Os transparentes*: habitantes de Luanda**

### **2.2.1. Luanda sob painéis**

Pensar em uma total representação de um país é tarefa praticamente impossível. Seja estatisticamente, socialmente ou por meio da arte, essa representação é comumente feita de uma parte por um todo. Como já defendido, a representação de Luanda na arte de Ondjaki vai além da literatura. Destacamos aqui o documentário *Oxalá cresçam pitangas* (2006), produzido por Ondjaki juntamente com o cineasta angolano Kiluanje Liberdade (co-direção) e Inês Gonçalves (imagem). De acordo com o próprio Ondjaki, em entrevista ao *Programa Umas Palavras* (2013),

Esse filme tá muito relacionado com isso [um painel de Luanda, referência ao romance *Os transparentes*]. [...] Há coisas que são sobre a cidade, sobre Angola, sobre os angolanos que não dá pra dizer em formato escrito, seria bom fazer um documentário.

No referido documentário, a presença da pluralidade dos “personagens”<sup>43</sup> luandenses é capaz de construir um amplo painel da contemporaneidade da Luanda

---

<sup>43</sup> A saber, as dez pessoas de destaque no documentário são: Keita Mayanda Revú, José Luís Mendonça, Joel Dorivaldo, Indira Mateta “Olissassa”, Catarina da Costa “Manucha”, Cornélio Caley, Francisco Luís Adão “Chicão”, Mc K, Leonardo Wawuti e Irmã Domingas.

pós-guerra, assim como Ondjaki viria, mais tarde, retratar na arte escrita de *Os transparentes*. Ainda sobre o documentário, a crítica feita Waldir Araújo, do sítio *Carta Maior* define que

O filme pretende revelar a realidade por detrás da permanente fantasia luandense. Dez personagens mostram formas diferentes de viver e interpretar a cidade de Luanda, capital de Angola. Essas vozes vão expondo, com ritmo, dignidade e coerência, um espaço ocupado por várias gerações e dinâmicas sociais complexas. Luanda ainda não havia sido filmada sob esta perspectiva realista e humana: conflitos entre a população e a esfera política, a proliferação do setor informal, as desilusões e as aspirações, o questionamento do espaço urbano e do futuro de uma Angola em acelerado crescimento.

Estas dez personagens falam também das suas vidas, do seu modo de agir sobre a realidade, da música que não pode parar. Aparece uma Luanda onde “a imaginação e a felicidade defrontam as manobras de sobrevivência. Onde a Língua é mexida para se adaptar às necessidades criativas de tantas pessoas e tantas linguagens”.<sup>44</sup>

Voltando à literatura, sabemos que essa representação passará diretamente pelas visões do escritor e sua construção das personagens, dos cenários, dos enredos, das referências históricas e sociogeográficas. A literatura angolana, desde seu início até os dias atuais, sempre se destacou pela presença de seu povo. As singularidades e semelhanças desse povo são encontradas de diversas formas dentro dessa literatura. Conforme já visto anteriormente neste trabalho, Luanda se destacou como a cidade escrita do país, porém, não é apenas a capital que serve de lócus para o povo angolano e respectivamente sua representação na literatura.

Ainda que a literatura angolana seja rica e diversa nessas representações sobre as inúmeras diferenças culturais e geográficas componentes do país, reitera-se aqui, mais uma vez, que o corpus se utilizará do recorte de representações no romance *Os transparentes* (2013) e a Luanda contemporânea (pós-independência e pós-guerra civil). Em *Os transparentes* ainda que o personagem Odonato possa ser lido como um protagonista devido à sua peculiaridade de tornar-se transparente, ou ainda o próprio Edifício LargoDaMaianga de maneira prosopopeica, muitos outros personagens são apresentados e, juntos, constroem uma enorme variedade de personalidades capazes de representar a pluralidade dos habitantes de Luanda/Angola.

---

<sup>44</sup> Disponível em: <<http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia/Oxala-Crescem-Pitangas-%96-Historias-de-Luanda-/12/11842>>. Acesso em 31/05/2016.

O edifício LargoDaMaianga é ao mesmo tempo um personagem ativo e passivo da obra. Um lócus no qual é representado e por onde passam, se cruzam e vivem angolanos e estrangeiros das mais diferentes personalidades. Talvez a ampla capacidade de um ambiente em Luanda proporcionar esses encontros seja uma das maiores representações das diversas possibilidades da cidade, da metrópole e da globalização.

No edifício se encontram empresários, desempregados, prestadores de serviço, autônomos, funcionários públicos, donas de casa. Jovens, idosos, crianças e adultos. Angolanos de passagem, angolanos de assimilação ou angolanos de nascença. São estrangeiros e autóctones de diversas partes do país que se encontram em Luanda e têm a suas vidas regidas pelo ritmo e o modo de vida luandense.

Luanda pode ser vista como ponto de convergência de Angola. Desde os tempos da colonização a cidade já era considerada a capital do país. Aliada a isso, contribui também para o “progresso” de Luanda a vitória do MPLA em detrimento do FNLA e principalmente da Unita (movimento sul-angolano). Apesar das desigualdades, Luanda é o lugar com mais “oportunidades”, a pensar pelo sistema capitalista.

### **2.2.2. O jeitinho angolano**

Em nossa leitura, percebemos que os personagens do romance são marcados pelas suas respectivas capacidades de adaptação, perpassados pelo cotidiano da Luanda contemporânea e suas idiossincrasias na vida da classe subalterna e a hegemonia das classes dominantes. Pensando nos conceitos gramscianos sobre classes subalternas, luta de classes e hegemonia, Simionatto (2009) aponta a utilização contemporânea sobre estes conceitos:

“a categoria ‘subalterno’ e o conceito de ‘subalternidade’ têm sido utilizados, contemporaneamente, na análise de fenômenos sociopolíticos e culturais, normalmente para descrever as condições de vida de grupos e camadas de classe em situações de exploração ou destituídos dos meios suficientes para uma vida digna.” (SIMIONATTO, 2009, p. 42).

Considerando a diferença entre classes, tomaremos como base uma classe subalterna que busca *uma vida digna* e a outra classe, a dominante, que busca

manter ou alcançar uma hegemonia sobre a primeira. Para que isso aconteça, cada sujeito/personagem se utiliza de seus mais diversos meios de adaptação. Tais adaptações vão desde o poder da sobrevivência até o poder de se manter no poder. Nesse subcapítulo do trabalho, analisaremos e dividiremos os personagens de acordo com essas adaptações.

- 1) *Adaptação para sobrevivência*: adaptação em meio às dificuldades financeiras, como no caso de Odonato. Refém da falta de empregos formais na cidade, Odonato sofre por ser o pai de família que busca sustentar seus dependentes, sua mulher Xilisbaba (Baba) e seu casal de filhos, Amarelinha e CienteDoGrã (Ciente).

[...] veio a falta de emprego, e de tanto procurar e sempre a não encontrar trabalho... um homem para de procurar a ficar em casa a pensar na vida e na família. no alimento da família. (p. 187)

- 2) *Adaptação às condições de trabalho*: Carteiro, apesar de possuir as garantias de um emprego formal, batalha para conseguir uma motocicleta, que segundo ele, amenizaria o cansaço proveniente de tantas caminhadas comuns à sua profissão. Mesmo que seus outros companheiros de profissão não contem com tal regalia, o personagem busca ser inovador e ser o primeiro a contar com tal benefício. Para isso, passa boa parte de seu tempo escrevendo e enviando cartas pessoais para autoridades que supostamente poderiam lhe ajudar a conseguir uma motocicleta. A reação de outros personagens ao desejo do Carteiro, quase sempre é de estranhamento e de esnobismo, como a de seu chefe que chega a ameaçá-lo com a perda do emprego:

o Carteiro suava e usava um lenço completamente molhado para enxugar o suor, há meses que requisitara ao seu chefe, um mulato gordo de Benguela, uma moto para o seu árduo trabalho de distribuição  
- uma moto? não me faças rir. se te dermos uma trotineta<sup>45</sup> já vais com sorte. se não queres o emprego, tem quem queira. uma moto... olha que esta! (p. 23)

- 3) *Adaptação em meio aos trabalhos informais*: VendedorDeConchas, Cego e Paizinho são alguns dos representantes do grande número de trabalhadores informais angolanos presentes na obra. VendedorDeConchas, como sua

---

<sup>45</sup> Trotineta: patinete.

própria alcunha sugere, ganha a vida vendendo conchas que encontra no mar.

- você vende conchas?
- vendo, sim
- então você faz negócio de uma coisa que você apanha só assim no mar?
- camarada, desculpe, mas eu não apanho “só assim” no mar. eu mergulho de ir buscar as mais bonitas, por isso é que todo mundo gosta
- você mergulha e apanha bué de conchas, sem pagar nada. e depois vem aqui vender na casa dos muatas? você é muito esperto
- você também pode ir lá mergulhar – falou o Cego (p. 60)

Seu inseparável companheiro Cego está sempre junto a zungar<sup>46</sup>, tornando-se assim, praticamente, um assistente de um vendedor informal. Já Paizinho se utiliza da água em abundância do primeiro andar do LargoDaMaianga para lavar carros e manter outras atividades informais de renda. Estes profissionais são comumente visto de maneira estranha por outros habitantes de Luanda, devido ao oportunismo e pelo caráter distinto de suas profissões. Conforme já vimos, o caráter desse extrativismo da Natureza ocorre de maneira análoga à atividade de DomCristalino e suas intenções de comercializar petróleo e até mesmo de privatizar a água. Embora as intenções de DomCristalino tenham o poder de causar um dano à Natureza e ao Povo muito maior, os que são enxergados com “maus olhos” são justamente os pequenos extrativistas e comerciantes, como Paizinho e VendedorDeConchas.

Além dos “transparentes, outros personagens também estão sempre tentando “dar um jeito” em busca de oportunidades financeiras ou de poder:

- 4) *Adaptação em busca do lucro e da vantagem*: Se pensarmos os personagens de *Os transparentes* como dois grandes grupos (*Transparentes x Outros/Visíveis*) ou ainda (*Pobres/Desimportantes x Ricos/Poderosos*) teremos uma boa base para a análise de uma luta de classes dentro da obra. Porém, alguns personagens problematizarão essas divisões antagônicas. É o caso, principalmente, do pequeno empresário JoãoDevagar, personagem híbrido, com características dos dois grupos. Suas adaptações e suas ideias buscam, na maioria das vezes, a obtenção de lucro financeiro. Típico

---

<sup>46</sup> Zungar: andar a vender na rua. Glossário de *Os transparentes* (p. 403).

malandro oportunista, JoãoDevagar é o criador do CineCamões, cinema no terraço do LargoDaMaianga. O cinema que passa ocupar um espaço dantes não aproveitado no edifício conta com muitos problemas, se compararmos com a tradicional concepção de cinema. O problema da falta de som, logo se torna no discurso de JoãoDevagar um ponto positivo, quando o mesmo tenta convencer seus clientes de que isso seria “o regresso à arte do cinema” (p. 149). Além disto, é com o sucesso das exhibições dos filmes pornográficos nas sessões adultas que o empresário percebe mais um ramo a ser explorado, o da prostituição, e, sendo assim, contrata duas prostitutas suecas para trabalharem em Luanda. Em busca de diversificar e ampliar seus negócios, JoãoDevagar cria uma igreja evangélica, a IgrejaDaOvelhinhaSagrada. Fruto de sua ambição e de sua ganância, JoãoDevagar contrata um pastor brasileiro para liderar a igreja e, ao visar benefícios, tenta lucrar com os ritos funerários de CienteDoGrã.

- 5) *Adaptação em meio à criminalidade*: Dentre os “pequenos bandidos” presentes no romance, contrastando com os grandes bandidos que são amparados pelo poder, destacam-se principalmente ZéMesmo, bandido mais velho e mais experiente na vida dos pequenos crimes, e CienteDoGrã, filho de Odonato que acaba sendo assassinado.

CienteDoGrã havia ficado, por recomendação de ZéMesmo, doze horas sem consumir liamba nem álcool, para estar minimamente pronto para a missão. era simples: outros dois homens de ZéMesmo faziam a entrada, neutralizando sem ferir os guardas que faziam o turno da noite, quando os visse sair com o chapéus do éme na cabeça, CienteDoGrã devia entrar, procurar o cofre, usar a combinação previamente decorada e trazer na mochila tudo o que lá encontrasse, simplesmente isso (p. 85)

Destacamos aqui algumas considerações acerca da alcunha do personagem filho de Odonato, *CienteDoGrã*. O desejo dele - não realizado - de ter um Grand Cherokee, mostra, mais uma vez, a disseminação do capitalismo em Angola com suas promessas de riquezas e bases sociais frágeis. O personagem entra para o mundo do crime para atender ao chamado do capitalismo de que só se torna sujeito com a posse do objeto do desejo.

- 6) *Corrupção empresarial*: Ainda que João Devagar possa ser considerado como um médio empresário, ocupando um *entrelugar* entre os “transparentes” e os “visíveis”, no romance também encontramos figuras representativas da alta sociedade angolana, como políticos, empresários milionários e militares de alta patente. Ribeiro Secco, conhecido como Dom Cristalino, é um empresário que enriqueceu com suas funções no Partido e passou a exercer grande influência em todo país, inclusive no próprio Partido.

entre os boatos que já corriam há algum tempo estava a informação de que parte da recente crise no fornecimento de água era um complô feito por gente muito graúda, na tentativa vanguardista de privatizar o bem que, no futuro, seria o mais precioso dos recursos naturais no continente africano e no mundo, nesse aspecto, e noutros. Dom Cristalino estava muito além do seu próprio tempo e há anos que vinha fazendo movimentações políticas e jurídicas e tinha já conseguido privatizar montanhas com nascentes de alta qualidade e volumoso caudal, comprou vastas porções de terra justamente pensando no número de rios e riachos que as banhavam, sendo que assim, aos poucos, sem grande alarido, foi acumulando tantas ilhas de terreno que já se calculava que uma significativa parte do país, rica em água, estava em seu nome ou no nome de familiares que viviam sob o seu nepótico domínio (p. 155).

A surreal intenção de Dom Cristalino e outros empresários de privatizar a água pode ser vista como um certo exagero da parte do autor para demonstrar a falta de limites dos grandes empresários (não só angolanos) para a obtenção de lucro a qualquer custo. Dom Cristalino, “homem de estudos”, adapta sempre seu discurso a fim de se acreditar que está sempre fazendo um bem à população “eu só quero transportar a água. toda a canalização de Luanda! privatizada, barata, a funcionar em condições” (p. 180). Destacando os sobrenomes por trás da alcunha de Dom Cristalino, Ribeiro + Secco, podemos ainda perceber certa ironia de Ondjaki. “Rio Seco”, pode identificar o comerciante que deseja negociar as águas, ou seja, “sugar” as águas do rio até fazê-las desaparecer.

- 7) *Corrupção governamental*: o personagem Ministro e seu assessor Santos Prancha (Assessor) aproveitam de suas posições políticas e são condescendentes para com as vontades do poderoso Dom Cristalino em busca da permanência e da ampliação de seus privilégios políticos. O nome do Assessor (Santos Prancha) pode ainda se tratar de uma referência a



Sancho Pança (em castelhano, *Sancho Panza*) fiel escudeiro de outro “Dom”, Dom Quixote, personagem do clássico romance do espanhol Miguel de Cervantes, *Don Quixote de la mancha*, publicado em 1605 e muito popular no século XVII.

- 8) *Corrupção burocrática*: Os irmãos fiscais DestaVez e DaOutra representam, possivelmente, os maiores símbolos da corrupção burocrática no romance. A começar pelos seus nomes, que podem remeter a certa perenidade de fiscalização da sociedade luandense e chegando até as claras ameaças e tentativas de extorsão. Ao se utilizar de ameaças, mentiras e de supostas burocracias, procuram sempre se aproveitar de suas funções e conseguir algum benefício, principalmente em relação aos mais pobres e/ou desconhecidos dos sistemas angolanos de fiscalizações. Dentre as tentativas de recepção de suborno aplicadas pelos irmãos estão a cobrança de documentos inexistentes para a criação do CineCamões e do funcionamento da IgrejaDaOvelhinhaSagrada. Destaca-se também o exemplo da tentativa de extorsão dos fiscais para com a jornalista da BBC a trabalhar em Angola

os fiscais DestaVez e DaOutra aceitaram, mas sem pagar, a cerveja que MariaComForça lhes ofereceu, deambularam pela festa, miraram de longe o recolhido galo, trocaram breves palavras com Edú e dirigiram-se intencionalmente à jovem jornalista

- a jovem está munida de respetiva autorização?
- como?
- a jovem faz-se acompanhar da necessária documentação?
- como assim?
- estamos em Angola, minha jovem, aqui os acompanhamentos da comunicação social exigem documentações várias
- não entendo
- mas já vai entender – DestaVez sorriu
- sim, já vai entender – DaOutra confirmou
- os nacionais são inerentes
- como?!
- os nacionais já são inerentes, minha senhora. a documentação para reportagens, sobretudo de teor fotográfico, custa dinheiro, espero que a senhora esteja preparada
- não sei se entendo
- por sorte nós somos fiscais de funções multifacetadas, poderemos talvez ceder algumas informações e até a respetiva autorização
- os senhores é que fornecem esses documentos? – a moça, séria, quis resolver a questão para continuar com as fotografias – trabalho para a bbc e sou credenciada (p. 210)

9) *Busca por vantagens em virtude de uma doença*: O personagem Edú, morador do edifício LargoDaMaianga, é reconhecido por ser portador de *mbumbi*<sup>47</sup> no testículo esquerdo. Embora a doença lhe atrapalhe consideravelmente, o mesmo, em virtude da raridade de sua enfermidade, procura receber alguma quantia considerável em dinheiro para que seja estudado/tratado.

[...] já fora visitado por especialistas internacionais interessadíssimos no seu caso

tinha uma gigantesca hérnia junto ao seu testículo esquerdo, aquilo que usa chamar-se de mbumbi, que alterava de tamanho conforme as tendências climatéricas mas obedecendo também a fatores psicossomáticos, motivo pelo qual era visitado por variada gama de estudiosos, desde as áreas exatas às sociais, passando também pelos metafísicos, os curandeiros e até alguns curiosos. segundo se dizia, não aceitara os convites de angolanos, suecos ou cubanos para fazer a operação porque ninguém lhe oferecera ainda uma quantia que pudesse cobrir-lhe o medo (p. 20)

10) *Abuso de poder: autoridade militar*. Figuras importantes em um país recém liberto de uma guerra civil, os militares ainda ocupam posições privilegiadas na sociedade angolana. No caso de CoronelHoffman, não apenas o próprio tenta se beneficiar de sua posição, como também serve de “falsa influência” para ZéMesmo conseguir atendimento no HospitalMilitar.

parado, no semáforo, sentiu demasiada humidade na barriga e viu nas calças uma enorme mancha de sangue, seguiu para casa, pediu a irmã que o fosse visitar ao HospitalMilitar com roupa limpa, em duas horas

- HospitalMilitar? tás maluco ou quê? – quis argumentar a irmã

- epá, você cala só a boca, eu estou aqui baleado às seis da manhã e você quer discutir, porra? tou ta dizer, vai me procurar no HospitalMilitar, diz o meu nome. se perguntarem se é o quem, diz que é GuardaAsCostas do coronel, só assim (p. 53)

Além das definições e descrições dos “jeitinhos” dos personagens aqui exemplificados, naturalmente ainda poderão se encontrar outros personagens e outras “adaptações” no romance e, indubitavelmente, em Luanda, cidade com cerca de 08 milhões de habitantes. Os “jeitinhos” demonstrados, seja pela sobrevivência, para o crime, para o abuso de poder ou pela corrupção, são apenas possibilidades significativas resultantes de uma cidade marcada pela falta de infraestrutura e a sensação de um constante processo de reconstrução.

---

<sup>47</sup> Inchaço, hérnia em kimbundu.

Os *transparentes*, além de ser um romance marcado por uma destruição caótica e trágica, é, antes de tudo, uma obra sobre personagens de Luanda e seu cotidiano. Longe de considerar-se aqui o signo “cotidiano” como negativo, sabemos que na literatura a presença do cotidiano é bastante significativa. Na literatura pós-colonial, como no caso da de Ondjaki, a afirmação do cotidiano na literatura é uma maneira de evidenciar elementos antes deixados de lado pelo colonialismo. De acordo com Homi Bhabha (2013),

Os fragmentos, retalhos e restos da vida cotidiana devem ser repetidamente transformados nos signos de uma cultura nacional coerente, enquanto o próprio ato da performance narrativa interpela um círculo crescente de sujeitos nacionais (BHABHA, 2013, p. 237).

### 2.3. Angola hoje: entre a memória e o não-lugar

Durante as últimas décadas, os estudos culturais, sociológicos e principalmente a filosofia vêm abordando discussões sobre a pós-modernidade, desde a sua completa negação até a sua mais categórica afirmação. Se a divisão desses campos do saber não estão mais tão evidentes, é também dessa maneira que se encontra as discussões sobre a pós-modernidade: teria a modernidade se findado?

Essas discussões fundamentadas principalmente por teóricos e estudiosos ocidentais ganham ainda um caráter de maior especificidade nas intersecções com o pós-colonialismo. Nos contextos de Angola, por exemplo, não só os debates sobre a pós-modernidade seriam desafiadores, como também devem ser acrescentados pensamentos sobre o pós-colonialismo e o pós-guerra civil.

Luaty Beirão, *persona non grata* do governo de José Eduardo dos Santos, em entrevista ao sítio *Público* conta sobre sua dificuldade em falar sobre um “pós-guerra”

Estou completamente desiludido com estes 13 anos de pós-calar das armas – para nós a guerra não acabou, a guerra é todos os dias, a pessoa que tem de ir buscar o salário todos os dias. Hoje muita gente não vai trabalhar, porque chove! Chove meia hora e há pessoas que já não conseguem sair de casa, porque formam-se lagos e rios com correntezas que arrastam crianças à porta de casa. As casas ficam inundadas. Tudo bem, em todos os sítios acontecem inundações. Mas aqui basta uns chuviscos para criar o caos. Não temos escoamento adequado e ainda

queremos construir prédios por cima de toda esta pressão que existe no centro da cidade.<sup>48</sup>

O ativista e *rapper* angolano, na mesma entrevista, chega a substituir o termo “pós-guerra” pelo “pós-2002”.

Tínhamos acabado de sair da guerra colonial, celebrámos a independência ao som dos canhões, ou seja, nunca houve interrupção da luta. Seria injusto fazer a avaliação dos 40 anos, quando há este período tão longo de guerra. Apegar-me-ia mais ao pós-2002, a estes últimos 13 anos, e sinceramente é completamente desencorajador e desmotivante para alguém da minha geração.

Como já sabido, mesmo com o fim da luta pela independência em relação a Portugal, continuam os conflitos bélicos em Angola em caráter de uma guerra-civil. Entretanto, seriam errôneas interpretações sobre um conflito “apenas angolano”, ou, por outro lado, “apenas de interesses internacionais”. É fato que os movimentos angolanos pela independência, MPLA, FNLA e Unita foram impulsionados por países como EUA, Cuba, União Soviética, África do Sul, China, dentre outros que mantinham interesses financeiros e políticos na região.

Também seriam equivocadas as interpretações de um passado paradisíaco em África pré-capitalismo. Obviamente os conflitos durante a guerra-civil foram influenciados e financiados por países não-africanos, porém, não foram, nem de longe, os conflitos inaugurais na luta de classes e pelo poder no continente. No caso de Angola, observamos que os movimentos pela libertação do país eram compostos por determinados grupos étnicos muito antigos, a saber: os Bakongo, os Ambundu e os Ovimbundu no FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola); os Ovimbundu e outras etnias do Leste Angolano na Unita (União Nacional para a Independência Total de Angola); e os Mbundu pelo MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola).

Não afirmamos que essas etnias sempre coexistiram em discordância e em conflitos, mas é necessário desconstruir o mito de que os povos africanos não tiveram ao longo da história inúmeras lutas de classes e sempre conviveram em plena harmonia. Conforme aponta o estudioso africano Kwame Nkrumah (1977) em seu livro *A luta de classes em África*:

---

<sup>48</sup> Disponível em: <<https://www.publico.pt/mundo/noticia/basta-tem-que-se-ir-embora-e-preciso-uma-ruptura-em-angola-1711155?page=-1>>. Acesso em 17/05/2016.

A luta de classes está no cerne do problema. Os comentadores políticos e sociais tiraram durante demasiado tempo conclusões erradas, postulando que a África constituía uma entidade distinta, à qual não se aplicavam os critérios económicos e políticos válidos para o resto do Mundo. Espalharam-se mitos tais como os do “socialismo africano” e do “socialismo pragmático”, sugerindo a existência de uma ou mais variedades de socialismo exclusivamente africano; e quanto à nossa história, escreveram-se teorias sócio-antropológicas e históricas, em termos que pareciam ignorar que a África teve um passado pré-colonial. Uma destas distorções sugeria que a luta de classes, existente noutras partes do Mundo, não se verificava em África. Nada está mais longe da verdade. A África é actualmente o cenário de uma violenta luta de classes. (NKRUMAH, 1977, p. 08)

Considerando então que a violência das lutas étnicas e de classe em Angola, embora potencializada por forças externas, já carregava um histórico pré-colonial conflituoso, também precisamos reafirmar o fim dos conflitos armados em 2002 com a morte do líder da Unita, Jonas Savimbi. Percebemos que, se os confrontos fossem tão étnicos como se pressupunha, não haveriam terminado com a morte de Savimbi. Se assim fosse, o líder abatido provavelmente teria dado apenas lugar a outro líder étnico da Unita. É o que afirma Ondjaki ao periódico *Expresso*: “para nós, é claro que aquela guerra não era étnica, era política, tinha interesses militares” (p. 26). Com o país em “tempos de paz”, as divisões étnicas então parecem se diluir em meio às divisões políticas e de classes.

Uma questão presente em Angola ao se afirmar a existência de um período pós-guerra é saber se bastam os acordos de paz e o cessar das armas para considerar uma guerra como finda. A altura dos já passados catorze anos desde 2002, ainda são inúmeros os problemas enfrentados pelos angolanos relacionados com a guerra. Em determinadas regiões do país, por exemplo, ainda estão presentes diversas minas terrestres espalhadas pelos exércitos em guerra. O alto custo, além da dificuldade, para a retirada dessas, faz com que mais do que uma memória abstrata, a guerra ainda esteja presente de uma maneira física. É elevado o número de angolanos mortos e mutilados em virtude de acidentes com minas terrestres.

Já no âmbito memorialístico dos angolanos, a guerra ainda parece ser uma ferida latente. Era também de se esperar que, após tantos anos de conflitos armados, seja pela independência, seja durante a guerra-civil, que essas memórias ainda perpetuem e assombrem o imaginário nacional. Ondjaki, em entrevista, fala sobre essa questão

O cidadão angolano é a concentração curiosa de uma certa utopia feita realidade. O fim da guerra trouxe novas questões, da desigualdade social, da política e da corrupção, que estão bem presentes. Por tudo isso, não tenho certeza de que o cidadão angolano já tenha sido capaz de ler o presente. Embora estejamos a vivê-lo intensamente (ONDJAKI in EXPRESSO, 2012, p. 27).

A hipótese levantada por Ondjaki, sobre a falta de certeza de que o cidadão angolano já tenha sido capaz de ler o presente, é uma questão importantíssima a ser levada em consideração neste trabalho. Não consideraremos aqui essa possível “não-plenitude do presente” como espécie de fuga, já que, até mesmo segundo o próprio escritor, esse presente já está sendo vivido coletivamente e intensamente por seus conterrâneos.

Defendemos que a (in)capacidade de viver o presente que desperta dúvidas é, mais do que um sentimento de percepção individual do escritor, um resultado de memórias coletivas traumáticas, utópicas e repletas de incertezas. Como não poderia deixar de ser, os violentos conflitos armados, tanto pela independência como pela disputa de poder político interno, deixaram muito além de perdas físicas militares e civis, sendo ainda perpetuado no imaginário angolano.

### 2.3.1. As gerações e as utopias

Ondjaki, escritor de seu tempo e de seu lugar, traz em seu trabalho elementos dessa memória coletiva. Principalmente em *Os transparentes*, obra que se difere consideravelmente de suas obras autobiográficas, a diversidade de personagens é capaz de demonstrar ainda mais um imaginário coletivo. Considerado pertencente à “nova geração de escritores angolanos”, Ondjaki é então etiquetado numa geração posterior à “geração da utopia”.

O termo “geração da utopia”<sup>49</sup> é principalmente cunhado pelo escritor benguelense Pepetela<sup>50</sup>, nascido em 1941. Dentro desse contexto, Pepetela

---

<sup>49</sup> Obviamente não é a chamada *Geração da Utopia* que inaugura o pensamento político da libertação angolana e muito menos se trata do primeiro momento da literatura angolana. A própria *Geração* orgulhosamente fazia menções a movimentos literários e políticos angolanos, africanos e pós-coloniais anteriores ou simultâneos.

<sup>50</sup> Pepetela é autor dos romances: *Muana Puó*, *As aventuras de Ngunga*, *Mayombe*, *Yaka*, *O cão e os calús*, *Lueji*, *Luandando*, *A geração da utopia*, *O desejo de Kianda*, *Parábola do cágado velho*, *A gloriosa família*, *A montanha da água lilás*, *Jaime Bunda - agente secreto*, *Jaime Bunda e a morte do*

classifica como pertencentes à geração da utopia principalmente escritores e intelectuais angolanos que contribuíram, além da atividade intelectual e artística, com as lutas pela e com o pensar sobre a independência angolana. Envolvidos ativamente nessas lutas, vários escritores e intelectuais angolanos chegaram inclusive a ser presos pelo regime totalitário salazarista, por exemplo, figuras importantes como os escritores António Jacinto, Luandino Vieira, Antonio Cardoso e Agostinho Neto, este último, viria ainda a se tornar o primeiro presidente da República de Angola.

Entre as utopias presentes na *Geração*, estavam principalmente, além da emancipação política, uma unificação e o progresso do povo angolano. É através da literatura, como romances e poesias, ou com a atividade jornalística que esse ideal passou a ser difundido ao povo angolano. De acordo com Carlos Ervedosa (s/d)

A história da nossa literatura [angolana] é testemunho de gerações de escritores que souberam, na sua época, dinamizar o processo da nossa libertação exprimindo os anseios profundos do nosso povo, particularmente o das suas camadas mais exploradas. A literatura angolana escrita surge assim não como necessidade estética, mas como arma de combate pela afirmação do homem angolano (ERVEDOSA, s/d, p. 153-154).

Apesar das dificuldades em se expressar ideais “por escrito” para uma população ainda muito marcada pelo analfabetismo<sup>51</sup>, é inegável a contribuição dessas atividades na construção do imaginário popular angolano de emancipação política. Dentro da Geração da Utopia encontramos muitos escritores que mais tarde viriam a fundar a CEA (Casa dos Estudantes de Angola) e que posteriormente subsidiada pelo regime salazarista passaria a se chamar CEI (Casa dos Estudantes do Império). Mais tarde, como um movimento quase natural, estes estudantes e intelectuais viriam a se juntar sob a bandeira política do MPLA, partido que até os dias de hoje governa o país após sair como “vencedor” da guerra civil.

No âmbito da literatura, couberam aos escritores os desafios de reimaginar a imagem do país em uma maneira mais ampla, tais como suas inúmeras diferenças e semelhanças culturais, políticas, geográficas e antropológicas dantes não

---

*americano, Predadores, O terrorista de Berkeley - Califórnia; e das peças teatrais: A corda e A revolta da casa dos ídolos.* (BAYER, 2008, p. 20)

<sup>51</sup> Para se ter noção do alto índice de analfabetismo, até mesmo após da evasão dos colonizadores portugueses em 1975, o número de analfabetos em Angola chegava a ser de 90% da população. De acordo com Chaves (2005, p. 48).

representadas em suas plenitudes pela atividade colonial. Com o passar do tempo, obtida a sonhada independência do jugo de Portugal, os angolanos parecem ter percebido que era necessário conquistar muito mais do que isso para ao menos amenizar a desordem social. A guerra civil que se alongou por décadas fez com que os ideais utópicos do povo também fossem destruídos. Findada também a guerra em 2002, os angolanos, já catorze anos depois, parecem também sentir a presença e a necessidade de uma nova utopia ou até mesmo de uma distopia.

A literatura de Ondjaki é marcada pela memória de uma maneira muito além de suas lembranças autobiográficas dos anos 1980 mescladas com elementos de ficção. É também através das referências a consagrados escritores angolanos que estão recheadas as páginas de seus livros. O diálogo com a tradição literária angolana pode ser um importante viés para se observar como essas utopias estão a se fundar, terminar e renascer em Angola.

### **2.3.2. Os transparentes: utópicos e distópicos?**

A palavra utopia, forjada inicialmente por Thomas Moore para nomear uma ilha ideal, como já mencionado anteriormente quando referíamos à geração da utopia, mais do que presente no imaginário pós-colonial, chegou até mesmo a nomear certa geração de escritores e pensadores angolanos. Etimologicamente, a palavra derivada do grego *tópos* (lugar) para significar “lugar nenhum”. Dado isso, imaginemos a utopia como uma fuga de um lugar para lugar nenhum. A construção dessa fuga, entretanto, não é aleatória. A utopia é baseada em alguma realidade. O não-lugar é imaginado a partir de um lugar. O futuro utópico é alicerçado em um presente real. Conforme o pensamento do escritor uruguaio Eduardo Galeano (1994), a utopia está no horizonte e nos possibilita caminhar em direção a ela.<sup>52</sup>

Os conturbados e longos períodos políticos que a sociedade angolana viveu através dos séculos parecem sempre trazer consigo movimentos de *utopização* do futuro do país. Fracassado ou findado um desses períodos, os projetos utópicos parecem se renovar, acontecendo assim a *reutopização*. Os mecanismos de criação

---

<sup>52</sup> “Ela está lá no horizonte. Aproximo-me dois passos e ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais a alcançarei. Para que serve, então, a utopia? Serve para isso, para fazer caminhar” (GALEANO, 1994, p. 310).



e difusão dessas utopias são muitos. Não é apenas a literatura, como na *Geração da Utopia*, a atividade midiática através de revistas, periódicos e jornais e os grupos de reuniões e de estudo que aglomeram ideais de uma utopia. Em Angola, tiveram também papel fundamental nesses processos alguns movimentos civis e militares armados, tais como forças de interferência internacionais. Nesses processos de utopização sempre são apresentadas leituras sobre um presente catastrófico e não ideal, ampliado também pelas injustiças do passado que levaram o presente a se tornar um momento ruim, mas que, apesar disso, seria possível partir deste presente para um futuro melhor e ideal.

A utopia nacional<sup>53</sup>, obviamente, precisa ser um projeto de ampla aceitação social da parte da população de um país. É necessário que a maioria ou grande parte dos “cidadãos comuns” seja agremiada dentro do discurso e acredite que possa lutar por essa utopia e/ou ser bem representado por uma classe política que tenha poder para isso.

É claro que os tensos períodos políticos que Angola viveu, de alguma maneira, no mínimo *exigiram* um descontentamento da população, principalmente a parte que não tinha quase nenhum benefício social. Longe de desqualificar o descontentamento e a luta dos angolanos nesses períodos, apenas tentamos ampliar o significado de uma inconformidade com o presente como uma força motriz para um futuro melhor. É a própria história angolana que mostra que nem sempre após um período conturbado a população pode contemplar um período de bonança. Dado isso, presenciamos uma constante mudança de utopias ao decorrer da história do país.

Cronologicamente, destacamos aqui os períodos de mudança de regime em Angola:

- A conquista da independência, em 1975.
- Transição para um sistema político multipartidário em 1991/92.
- Morte de Jonas Savimbi/ Assinatura do acordo de paz, em 2002.

---

<sup>53</sup> Salienta-se aqui que uma utopia nacional diferenciar-se-ia de uma utopia de um grupo que “busque o melhor para o país”, como no caso dos movimentos militares, na medida em que seja aceita por grande parte da população civil.

Intercalados entre essas datas marcantes, encontram-se em Angola tréguas de paz nos períodos de 1975-1991, 1992-1994 e 1998-2002. Sendo assim, a guerra civil angolana é correspondente a 27 anos que se arrastam durante quatro décadas, 1970-2000. Torna-se então comum esse processo cíclico de esperança, utopização, reutopização e distopia.

Dado que o fim da violenta luta pela independência em 1975 não significou um período de estabilidade política e autogestão nacional conforme imaginado pelos ideais do povo, nasce a “primeira decepção nacional” do período. Pelo contrário, inicia-se aí um longo tempo de conflitos armados que se arrastaria até 1991, um ano antes da primeira eleição a nível nacional. Com a transição para o sistema multipartidário, poder-se-ia ter nascido novamente no povo angolano a esperança de um período democrático e pacífico. Contudo, após o resultado da eleição apontar a vitória do MPLA e, consequentemente, a nomeação de José Eduardo dos Santos como presidente, a Unita de Jonas Savimbi alega fraude no processo eleitoral e reinicia a guerra civil que se estende até 2002.

Com a morte de Savimbi e do cessar-fogo em 2002, inicia-se o período de paz. Apesar disso, passados já catorze anos, ainda são comuns contestações sobre os reais significados de “paz”, “democracia” e “progresso” no país. Além das polêmicas eleições de 1992, apenas uma eleição legislativa aconteceu, em 2008, após o cancelamento das prometidas eleições de 2002, 2003, 2006 e 2007. Em 2012, através de eleições gerais (as primeiras do país), o MPLA consegue novamente a maioria dos votos, mas também é denunciado por fraude.<sup>54</sup> Por conta de tantas denúncias e incertezas sobre a transparência dos processos eleitorais, também não se pode afirmar que o povo angolano já tenha a confiança de estar vivendo sob uma democracia.

Já sobre o “estado de paz” que contempla o país, além das questões levantadas pelo ativista Luaty Beirão já citadas anteriormente, existem ainda em

---

<sup>54</sup> De acordo com notícias do sítio português *Público*: <<https://www.publico.pt/mundo/noticia/Unita2-vai-apresentar-provas-de-fraude-nas-eleicoes-de-angola-1561378>>. Do angolano *Maka Angola*: <[http://www.makaangola.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=4998:alegacoes-de-fraude-eleitoral-e-detencoes-no-bie&catid=29:politica&Itemid=268&lang=pt](http://www.makaangola.org/index.php?option=com_content&view=article&id=4998:alegacoes-de-fraude-eleitoral-e-detencoes-no-bie&catid=29:politica&Itemid=268&lang=pt)>. E do alemão *DW*: <<http://www.dw.com/pt/angola-oposi%C3%A7%C3%A3o-reage-%C3%A0-decis%C3%A3o-do-tribunal-constitucional-sobre-os-resultados-das-elei%C3%A7%C3%B5es-de-2012/a-16252828>>. Acessos em 31/05/2016.

Angola conflitos civis que envolvem antigas questões políticas que supostamente teriam se terminado com o acordo de paz. É o caso, por exemplo, do ataque de apoiantes do MPLA à caravana da Unita que resultou em três mortes, incluindo deputados.<sup>55</sup> Com base nesses acontecimentos, podemos afirmar que a guerra civil no país é mais do que uma ferida aberta e o temor de seu retorno passa a se tornar uma ingrata presença na visão angolana sobre o futuro.

Completando a referida tríade das incertezas do pós-guerra (paz, democracia e progresso), apenas relembramos as questões já levantadas anteriormente neste trabalho, a falta de uma melhora significativa na vida da população mais pobre que seja equivalente ao progresso econômico afirmado pelos órgãos públicos do país. Vimos que, apesar dos elevados índices de desenvolvimento econômico, impulsionados principalmente pela exploração de petróleo, pouco desse progresso parece chegar à população mais carente economicamente. Acreditamos que em *Os transparentes*, talvez seja esta uma das principais indagações entre os personagens. Ainda que referências a um estado de “não-paz” e a uma “democracia demagoga” estejam presentes no romance, percebemos que as condições precárias da população devido a uma distribuição de renda injusta é uma de suas características mais fortes.

Dentro da interpretação desse progresso sempre porvir (ou sempre por nunca vir) por parte dos personagens, encontramos elementos de utopia e de distopia no romance. Assim sendo, torna-se difícil categorizar a obra de Ondjaki como utópica ou distópica. O cenário caótico luandense e, principalmente, do “desastre” do desfecho da história, só pode ser considerado como distópico caso se faça uma leitura maniqueísta do caos. Segundo o autor, o fogo é o “elemento purificador”. O incêndio que destrói o Edifício do LargoDaMaianga é percebido pelos personagens de forma poética, caso, por exemplo, do personagem Cego. Mesmo com as sensações do fogo iminente, prestes a morrer, a única preocupação do Cego é não morrer sem saber a cor do fogo “destruidor”, ou, segundo o próprio autor, “purificador”.

---

55

Sabe-se que tanto a utopia quanto a distopia têm suas bases no pessimismo. A utopia é um trabalho imaginário conduzido a partir de uma insatisfação do presente, pautado numa possibilidade de se ter um futuro melhor com elementos deste próprio presente. Já a distopia, seria o contrário, a consideração da possibilidade de o que está ruim no presente pode piorar no futuro. Olhando de uma maneira mais ampla, a sociedade de *Os transparentes* apresenta mais elementos de utopia. Abaixo, um quadro demonstrativo de dois eventos importantes no romance que demonstram elementos de utopia e frustração social.

### Quadro 2: Futuro esperado e futuro acontecido

Presente	Possibilidade para transformar o presente	Futuro esperado	Futuro acontecido
Luanda contemporânea.	Descoberta e início da extração de petróleo.	Melhora da vida da população sob uma perspectiva econômica.	Ambição e descaso público que ocasionam o incêndio na cidade.
Angola contemporânea.	“Chegada” do eclipse.	Benefícios econômicos micro e macrossociais gerados devido às visitas dos estrangeiros.	Cancelamento do eclipse por parte do governo federal.

Já considerando o indivíduo, encontramos personagens que não se empolgam com as possibilidades do presente. Caso, por exemplo, dos cientistas e estudiosos no romance, que alertam para que medidas de prevenção sejam tomadas por parte do governo para evitar resultados catastróficos e, como essas medidas não são tomadas, os desastres não são evitados. Odonato, personagem-símbolo, lê o presente e o futuro de uma maneira tão pessimista que acaba por se desintegrar.

Além destes, há ainda os personagens como o Cego e o VendedorDeConchas, que em meio a um completo caos e o fogo iminente, discutem sobre a cor do fogo, em um interessante processo poético de resignificação do presente (fogo) e futuro próximo (morte pelo fogo). Não classificaremos suas atitudes como “neutras”, uma vez que essas possam sugerir certo “desprezo” dos personagens para com o próprio tempo que lhes pertence. Apenas percebemos que

o tempo poético do VendedorDeConchas e do Cego toma significação diferente do que para outros personagens.

Dada a pluralidade dos personagens também aparecer de maneira heterogênea nas concepções de utopia e distopia, uma das hipóteses iniciais deste trabalho – considerar *Os transparentes* como um romance utópico ou distópico – foi descartada. Ainda que um grupo majoritário se apresente como utópico, a dissolução deste (consideração de cada personagem de acordo com sua singularidade) é capaz de apontar personagens em diferentes níveis de distopia e neutralidade, ou seja, que não há unanimidade e homogeneidade na perspectiva utópica.

Levando em consideração a tragédia final, “Luanda em chamas” e outros elementos de “frustração popular” como o cancelamento do eclipse e a não concretização da melhora de vida da população “transparente”, inevitavelmente, a distopia “parece vencer” a utopia. Entretanto, as tantas possibilidades utópicas presentes no “otimismo pós-pessimismo” dos discursos de alguns personagens devem ser ponderadas como aspecto importante de contraposição que evite a definição do romance como apenas distópico. Sendo arbitrária a mensuração entre a destruição cíclica e a descrição do cotidiano, consideramos que *Os transparentes* é um romance sobre a Luanda contemporânea e sua multiplicidade de personagens, logo, apresenta tanto visões utópicas quanto distópicas dessa contemporaneidade.

#### **2.4. Angola metonímica: do prédio à nação**

Ao pensarmos na relação metonímica entre nação/Angola e cidade/Luanda devemos considerar que essa é uma relação comum na literatura. Por exemplo, temos na história da literatura brasileira a Salvador do século XVII, Ouro Preto no século XVIII e a cidade do Rio de Janeiro nos séculos XIX e XX. De acordo com Jorge da Cunha Lima (1996), “toda nação, quando se desenvolve, acaba confundindo o desejo nacional com alguma cidade que, no decurso do tempo e na geografia, passa a significá-la” (p. 39).

Apesar de já passados catorze anos depois do fim da guerra civil, os números exatos das consequências causadas pela guerra se apresentam em diferentes variações de acordo com instituições, estudos e pesquisas. Contudo, é inegável o quadro elevado de destruição e miséria angolana após o início da guerra em 1975. E, mesmo vivendo um período de paz desde 2002, o país ainda sofre com os inúmeros reflexos causados por uma guerra tão devastadora. De acordo com Bhabha (2013)

É para a cidade que os migrantes, as minorias e os diaspóricos vêm para mudar a história da nação. (...) É a cidade que oferece o espaço no qual identificações emergenciais e novos movimentos sociais do povo são encenados (BHABHA, 2013, p. 272).

Posto isso, para este estudo, levamos em conta os números apresentados pelo relatório da pesquisa conduzida pela *Human Rights Watch*<sup>56</sup> em março e abril de 2003, logo após o fim da guerra civil angolana em 2002. De acordo com o relatório,

Ao longo de quase três décadas, os angolanos lutaram para sobreviver em meio a um dos mais longos conflitos da história moderna. Durante esse período, aproximadamente um milhão de pessoas mortas, 4,1 milhões de deslocados e 400.000 levados aos países vizinhos da Zâmbia, Congo Brazzaville, República Democrática do Congo e Namíbia. (HUMAN RIGHTS WATCH, 2003, p. 05)

A pesquisa feita pela organização *Human Rights Watch* também se atentou para o movimento de retorno dos refugiados angolanos. Muitos destes estavam estabelecidos em países vizinhos como Zâmbia, República Democrática do Congo e Namíbia e regressaram a Angola logo após o acordo de paz assinado por MPLA e Unita, outros, até mesmo morreram tentando o retorno devido à falta de condições monetárias e acidentes com minas terrestres e afogamento nos rios que divisam os países limítrofes. Além dos países vizinhos, muitos angolanos também buscaram refúgio nos países de língua portuguesa, como Portugal e Brasil.

Dentro dos movimentos internos de migração em Angola, a capital Luanda recebeu, indubitavelmente, a maior quantidade desses deslocados que buscavam fugir de suas regiões de origem mais afetadas belicamente. De acordo com números sobre o crescimento demográfico de Luanda, a cidade que em 1970 possuía

---

<sup>56</sup>Disponível em: <[http://www.dhnet.org.br/dados/relatorios/r\\_lusofonos/r\\_angola\\_hrw\\_2003\\_a\\_luta\\_tempos\\_paz.pdf](http://www.dhnet.org.br/dados/relatorios/r_lusofonos/r_angola_hrw_2003_a_luta_tempos_paz.pdf)>. Acesso em 01/04/2016.

500.000 habitantes, em 2010 passa a contar com cerca de 07 milhões, ou seja, um crescimento populacional estimado em 1400%.<sup>57</sup>

Tendo em vista tais importantes movimentos migratórios angolanos, principalmente em função da guerra civil, percebemos que a capacidade de sintetizarmos Luanda como metáfora para a nação angolana é bastante considerável, uma vez que na cidade habitam cerca de 1/3 da população do país. Estes habitantes há muito não são formados apenas por nativos da população luandense e sim por angolanos provenientes de todas as regiões do país, além de estrangeiros de diferentes países que almejam alcançar, principalmente, progressos monetários.

Conforme já citado anteriormente, a utilização da metonímia pela literatura na relação cidade/nação é muito comum e também é encontrada na literatura angolana. Luanda é talvez a mais presente e significativa das cidades literárias de Angola. Ondjaki, ao publicar *Os transparentes*, não inaugura tal relação e acreditamos que nem sequer tenha tentado. A influência dos grandes nomes da literatura angolana, os quais já muito utilizaram espaços metonímicos para representar o país na literatura, é nítida em suas obras e pode ser encontrada, além da sua escrita, em suas entrevistas e comunicações.

Ondjaki é conhecedor da literatura de seu país, inclusive pela sua formação acadêmica. É graduado em Sociologia pelo ICS e ISCTE de Lisboa, tendo feito em seu trabalho de conclusão de curso uma leitura da obra de outro escritor angolano, Luandino Vieira<sup>58</sup>. É doutor em Estudos Africanos pela Università degli Studi di Napoli L'Orientale, UNO, Itália e cursou pós-doutorado em Estudos Africanos na USP em São Paulo.<sup>59</sup>

---

<sup>57</sup> [...] é importante observar a linha crescente da população de Luanda, saindo de 50.000 pessoas no ano de 1930 para quase 500.000 habitantes no ano de 1970, ou seja, em 40 anos a população cresceu 500%. Se incluirmos nesta sequência as estimativas da população atual de sete milhões de habitantes, observaremos que no mesmo intervalo de tempo, isto é, quarenta anos desde 1970 até 2010, Luanda teria crescido 1400% em população, mostrando quão populosa é a cidade, principalmente, com relação a sua área de 2.418 km<sup>2</sup>. (NZOVO, 2012, p. 40)

<sup>58</sup> Título: 'Dar Voz ao Silêncio' aspectos sociológicos na obra Nós, os do Makulusu de Luandino Vieira (uma hipótese interpretativa). Orientador: Pedro Vasconcelos. Ano: 2002.

<sup>59</sup> De acordo com o currículo Lattes do escritor. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/4110057145181983>>. Acesso em 09/05/2016.

A título de exemplo referente à escrita acerca de Luanda, voltemos a Luandino Vieira, um dos autores que mais influenciaram Ondjaki, como já visto, não apenas artisticamente. Considerado um dos maiores escritores angolanos de todos os tempos, o escritor que carrega Luanda em seu próprio nome artístico é autor de muitas obras que também tomam Luanda como microcosmo de Angola. Em *Nosso Musseque* (2003), por exemplo, as comunidades presentes são referentes aos famosos *musseques* angolanos. Há ainda uma enorme quantidade de obras de outros escritores angolanos consagrados que construíram a relação comunidade/Luanda/Angola através de outros pontos de partida, conforme já abordado anteriormente neste trabalho.

A Luanda de *Os transparentes* é mais uma representação urbana na literatura angolana. Valorizamos a pluralidade de olhares literários já direcionados à capital de Angola; e em relação ao texto de Ondjaki, é necessário afirmar que a possibilidade interpretativa da cidade na obra é apenas mais uma dentro da vasta e rica produção da literatura angolana. A “recontação” e “reinvenção” de Luanda por parte de cada luandense, artista ou não, é prova da enorme riqueza e pluralidade da cidade além da ficção. Conforme o escritor diz em entrevista

Luanda é como um sonho que nos persegue e se reacende para ser dito, recontado ou reinventado. E talvez seja um labirinto inesgotável de coisas sociais, políticas, históricas e surreais porque tão reais. A realidade de Luanda, com as suas estórias, conversas, personagens e “causos” existe, normalmente, além da ficção.<sup>60</sup>

É através destas considerações que, além das influências de outros escritores consagrados da literatura, mais especificadamente da angolana, a Luanda de *Os transparentes* carrega singularidades consideráveis em relação às obras canônicas e até mesmo à obra de Ondjaki.

#### **2.4.1. O prédio que respirava como uma entidade viva**

A título de comparação, outras obras da literatura e do audiovisual apresentam semelhanças com o lócus de *Os transparentes*. Na literatura é o caso, por exemplo, do clássico romance brasileiro *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo. Já

---

<sup>60</sup> Disponível em: <<http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/o-continente-africano-tem-uma-forca-cultural-gigantesca-espero-que-possamos-deixa-la-acontecer-diz-ondjaki>>. Acesso em 26/06/2015.



no âmbito do audiovisual, destacamos *El Angel exterminador* (*O anjo exterminador*, 1962), do espanhol Luis Buñuel; *Krótki film o miłości* (*Não amarás*, 1988), do polonês Krzysztof Kieslowski; *Namai* (*A casa*, 1997), do diretor lituano Šarūnas Bartas e *Dom Durakov* (*A casa dos loucos*, 2002), do russo Andrei Konchalovsky. Além destes, também destacamos *Edifício Master* (2002), do cineasta brasileiro Eduardo Coutinho.

Nas obras supracitadas, o ambiente – cortiço, prédio ou casa – tem uma função de pequeno cosmos onde relações humanas acontecem de maneira mais ou menos intensa. À semelhança de um grande útero, tais ambientes são lugares propícios às mais diversas neuroses e mostra a convivência tensa entre os humanos que disputam o mesmo lugar. Se a burguesia habita a casa de Buñuel, os proletários estão na obra de Azevedo e Kieslowski, enquanto que os *losers* habitam as casas de Bartas e Konchalovsky e uma população diversificada do edifício de Coutinho.

Já na obra de Ondjaki, o prédio que reúne boa parte dos encontros, dos acontecimentos e dos personagens do romance, além de lócus, pode também ser visto como um personagem, de acordo com seu processo de prosopopeia. É logo no início do romance que encontramos o processo descritivo que mescla as características físicas do prédio e suas características “humanas” conforme a seguir:

o Prédio tinha sete andares e respirava como uma entidade viva

havia que saber os seus segredos, as características úteis ou desagradáveis, das suas aragens, o funcionamento de seus canos antigos, os degraus e as portas que não davam pra lugar algum. (p. 14)

Ainda mais detalhadamente sobre o Prédio que viria a se acabar em chamas, temos uma contradição, já que o primeiro andar estava sempre coberto por uma incessante água a jorrar.

no primeiro andar, os canos rebentados e uma tremenda escuridão desencorajavam os distraídos e intrusos

a água abundava, incessante, e servia a finalidades múltiplas, dali saía a água para o prédio todo, o negócio de venda por balde, lavagem de roupa e viaturas, (p. 14)

Além da contradição de um prédio que estava sempre a jorrar água terminar em chamas, temos também várias interpretações por parte dos personagens sobre esse vazamento, ora visto como maldição, ora visto como bênção, uma vez que a falta de água é considerado um grave problema de infraestrutura em Luanda.

Paizinho, por exemplo, aproveitava a abundância de água para a venda externa e para prestar serviços como lavador de carros, fazendo disso seu emprego informal.

Mapeando algumas das singularidades do prédio e de seus moradores, temos:

- 1° andar: A água jorrante como “moradora”. A quantidade exorbitante de água a vazar de maneira incessante pelos canos coíbe qualquer pessoa de residir no ambiente.
- 2° andar: O casal JoãoDevagar e MariaComForça.
- 3° andar: Paizinho. O personagem que chegou a morar na rua, usar drogas e roubar roupas e comida começa, aos poucos, ganhar a confiança dos moradores do prédio aos poucos. Começa a pernoitar nas traseiras do prédio na companhia de insetos até, por deliberação coletiva dos residentes, ganhar o direito de residir no abandonado terceiro andar, completamente esvaziado e escuro, sem portas e com janelas arejadas.
- 4° andar: O casal Edú e NgaNelucha. Edú, portador de uma grande hérnia, mais do que um residente, vivia permanentemente no quarto andar, sendo o caminho mais longo percorrido por ele o trajeto que fazia entre o interior de seu apartamento até o corredor para fumar ou respirar o ar poluído de Luanda.
- 5° andar: CamaradaMudo. Ex-militar, prestável e silencioso, excelente cozinheiro. Apaixonado por jazz e por descascar batatas, cebolas e frutas com sua faca afiada.
- 6° andar: Odonato e sua família (Xilisbaba, Amarelinha, AvóKunjikise, CienteDoGrã). O maior núcleo familiar presente no romance.
- Terraço: Lugar aberto e desarrumado, frequentado por quem lá quisesse ir, pátio a céu aberto para cadeiras abandonadas, repleto de antenas e tanques de água. O local passa a ser rentabilizado com a fundação do CineCamões, espécie de cinema e teatro que passa a servir como ponto de encontro e lazer para os moradores e vizinhos além gerar um pequeno comércio de renda local para estes.

É também pautando nas semelhanças do prédio ficcional no Largo da Maianga com outras construções “reais” angolanas que consideramos que o modelo de habitação descrito retrata de maneira bem peculiar a vida de uma parcela significativa da sociedade luandense no período de reconstrução pós-guerra no qual se encontra Angola neste momento. Se anteriormente na história da literatura angolana, durante o fim dos anos 1950 até o início dos 1980, tínhamos o musseque como centro da *cidade escrita Luanda*, talvez o modelo habitacional do *Edifício* também possa carregar os significados do microcosmo de um novo período angolano a ser representado na literatura.

Como exemplo desses edifícios conhecidos como “musseques verticais” temos, na “Luanda real” o icônico “Prédio da Lagoa do Kinaxixi”, situado no Largo do Kinaxixi, no centro da cidade e que inclusive estampa a capa da versão portuguesa de *Os transparentes* pela Editora Caminho. O referido edifício (vide anexo) possuía 17 andares, mas não contava com água, luz, saneamento básico, varandas, corrimãos e ainda não possuía coleta de lixo (o destino do lixo baseava-se em jogá-lo pela janela e acumulá-lo no fundo do edifício). Assim como outras construções semelhantes, o Prédio do Kinaxixi foi construído (ou semiconstruído) pelos portugueses durante a época da colonização.

Com a saída dos portugueses de Angola em 1975, ainda em meio à guerra civil, muitos prédios como este foram “deixados para trás” ainda em construção. Com o enorme êxodo da população do interior do país para a capital, estas construções acabaram sendo ocupadas. A população das cidades mais afetadas pelos conflitos bélicos da guerra civil buscava refúgio em Luanda, mas devido à pobreza e aos problemas estruturais de organização habitacional, acabaram se estabelecendo em prédios sem a mínima condição de habitabilidade. É o caso, por exemplo, do personagem Paizinho, que sai do Sul do país em direção a Luanda em busca de uma vida melhor na capital, mas que por dificuldades financeiras chega a dormir nas ruas, usar drogas e a roubar para sobreviver até conseguir se estabelecer nas dependências precárias no terceiro andar do prédio.

Robert Pechman, em seu estudo sobre a urbanidade e sua relação com a literatura, *O chamado da cidade: ensaios sobre a urbanidade* (2014), faz uma

importante consideração sobre a díade rua/cidade e que aqui caberá a substituição da rua pelo *Edifício*

Apesar de estigmatizada, entretanto, a rua é ainda a única possibilidade de a cidade continuar a ser o lugar do convívio, da diferença, da hospitalidade, do acolhimento, e no limite, da vida em sociedade. Livre do preconceito, a rua é um convite à retomada da cidade, pois é justamente ali que se atualiza seu repertório (PECHMAN, 2014, p. 150).

Guardadas as devidas proporções da substituição da *rua* em Pechman (2014) pelo *Edifício* em *Os transparentes*, percebemos as semelhanças e contradições do prédio, que ao mesmo tempo simboliza uma edificação fechada (particular) e, devido à sua precariedade física e abandono, passa a se tornar uma espécie de “PPP”, usufruindo do termo da administração pública, uma “Parceria Público-Privada”. É através do Edifício do LargoDaMaianga que se apresentam os encantos dos encontros em Luanda, a hospitalidade e o acolhimento de seu povo, assim como além dessas virtudes, também encontramos o caos, a corrupção e tantos outros “problemas e defeitos” da cidade. O prédio, espécie de *entrelugar* entre privado/público, desenvolvimento/subdesenvolvimento, residências estruturadas/musseques é, além de ponto de chegada, um convite para a cidade.

#### **2.4.2. A nação das pessoas a mandar mais que deus**

Pensar sobre a condição de Luanda como acolhedora ou hostil é uma questão de ponto de vista. O personagem Paizinho, por exemplo, é prova literal disto. Luanda é para com ele acolhedora ou hostil? Se pensarmos em sua história, ligada a uma marginalidade completa (ex-morador de rua, ex-usuário de drogas e ex-ladrão), podemos pensar em uma acolhida “salvadora”, capaz de convertê-lo em um cidadão aceito pela sociedade, apesar de seu emprego informal causar certa desconfiança por parte de outros personagens. Por outro lado, até que ponto esse acolhimento é suficiente? Baseado na condição de “subida” de classe social de Paizinho, que era miserável e passa a se tornar pobre, podemos enxergar uma indiscutível melhora de vida. Porém, essa pouca infraestrutura oferecida por Luanda seria o bastante? Ou apenas para aqueles que se contentam com pouco por nunca terem tido nada?

Paizinho, que sai da extrema marginalidade e passa a dormir nas traseiras do prédio, no chão e em meio a baratas e outros insetos, chega a entrar em estado de graça após ser convidado para habitar o terceiro andar, sendo que o simples convite para alguém habitar o recinto, para os moradores, poderia se tratar até mesmo de uma ofensa. O completo abandono do lugar, sua escuridão e ausência de portas logo é ressignificado pelo personagem.

A visão afirmativa da vida de Paizinho pode, de certa forma, ser também ampliada e possivelmente encontrada em tantos angolanos que saíram do interior e foram se estabelecer em Luanda. Provenientes de regiões que sofreram com os conflitos bélicos e/ou com a extrema miséria, esses angolanos podem ter encontrado um “porto seguro” em Luanda. Ainda que a cidade só possa lhes oferecer problemas graves de infraestrutura como a falta de moradia, de água, coleta de lixo, acesso à saúde, ao transporte e ofereça outros inúmeros obstáculos, para quem sai de uma vida miserável ou de uma zona de guerra, esses problemas podem ser “relevados”.

Se Paizinho se alegra por ter suas necessidades mais básicas de sobrevivência supridas por Luanda, Odonato, por outro lado, tem reações contrárias. O personagem, também pobre e também “transparente” como Paizinho, se difere por absorver os problemas de seu povo. Para Odonato as migalhas recebidas pelo povo não são suficientes. Sua incapacidade de poder fazer melhorar a sua vida, da sua família e do povo pobre angolano é a metáfora que vai consumindo seu corpo e tornando-o transparente. O pouco recebido por Paizinho, para ele, é suficiente. O pouco dado ao povo, para Odonato, é insuficiente. A maneira com que cada personagem lida com as oportunidades oferecidas por Luanda é crucial para a sobrevivência de cada um.

Mais do que rotular o personagem Paizinho como egoísta ou pragmático e Odonato como altruísta e utópico, apenas queremos mostrar que diferentes visões sobre Luanda podem levar também a diferentes fins e interpretações.<sup>61</sup> O próprio crescimento demográfico de Luanda, por exemplo, pode ser enxergado das mais

---

<sup>61</sup> Durante a leitura, Paizinho pode ser considerado como personagem que pensa, a priori, somente em si. Sua luta pela sobrevivência é pautada em suprir suas necessidades mais básicas, se contentando com o pouco que lhe é dado pela sociedade, como uma residência imprópria e muitas dificuldades financeiras. Já Odonato, além de seus próprios problemas, soma as carências de sua sociedade, tornando-se assim cada vez mais “transparente”.

diversas maneiras. Para alguns órgãos do governo, isso pode simbolizar um “avanço”, uma ideia de progresso típica nos moldes capitalistas, baseando-se no aumento do número de empresas estrangeiras e atrativos financeiros. Por outro lado, se esse crescimento demográfico for contextualizado, perceberemos que a falta de investimentos na diversificação e da redistribuição geográfica da economia nacional leva cada vez mais a capital Luanda a receber ainda mais habitantes mesmo não estando preparada para absorver tamanha população.

As interpretações dos pobres e dos angolanos do interior do país que vão em busca de uma vida melhor em Luanda se diferem bastante às dos estrangeiros que vão em busca de lucro financeiro no país. Estrangeiros de várias nacionalidades que habitam Luanda, normalmente em empregos relacionados a multinacionais bilionárias do ramo petrolífero ou similares, chegam a receber salários de milhares de dólares, contrastando muito com o salário médio dos trabalhadores angolanos. O processo de globalização ainda em curso em Angola, alimentado pelo sonho neoliberal, lança suas estratégias sobre todas as partes do globo em busca de lucro. Se há uma interconexão entre tais cosmopolitas (estrangeiros e burguesia autóctone) ela pode ser baseada na ânsia pelo lucro a despeito da miséria a que vivem os seus concidadãos.

São várias as nacionalidades presentes no romance, sendo que a maioria dos estrangeiros vão em busca de oportunidades de emprego. É o caso por exemplo dos brasileiros Pastor da IgrejaDaOvelhinhaSagrada, do assistente de produção da TelevisãoNacional e do cientista gorduchinho que viaja para observar o eclipse. Também se destacam o cientista estadunidense Raago, as prostitutas suecas e pequenas referências a um nigeriano, um grupo de trabalhadores chineses e imigrantes portugueses e cabo-verdianos.

Além das referências metonímicas, a nação angolana também é muitas vezes citada diretamente no romance. As referências são as mais variadas, desde que o país produz uma *coca-cola* melhor que a do resto do mundo até a capacidade do país de cancelar um eclipse. O jeito angolano, a realidade do país e as singularidades do povo são passagens presentes no discurso de alguns personagens. Conforme a fala do cientista angolano Davide “talvez se preocupem daquele jeito angolano, tipo depois logo se vê o que acontece, primeiro vamos

encher os bolsos (p. 118)". DaOutra, dizendo que "os angolanos são mais simpáticos com as damas (p. 268)", e ainda um angolano ao responder o cientista brasileiro "aqui é Angola, meu irmão, você aguenta um pouco que as coisas se resolvem." (p. 363)

É com certa dose de humor e de ironia que Ondjaki "exagera" ao descrever o jeito angolano de ver as coisas e lidar com determinadas situações improváveis. Antonio Candido (2008) assegura que "nada mais importante para chamar a atenção sobre uma verdade do que exagerá-la." (p. 13) Dentro desses exageros literários, temos a obsessão angolana por feriados, quando Ministro busca a "adoção nacional de feriados por solidariedade" (p. 363), conforme em:

temos as irlandias com makas de bombas, as espanhas com makas separatistas, as palestinianas, olhe só, a Palestina é uma mina de ouro para o nosso mapa de feriados... os índios, massacrados pelos espanhóis... os índios americanos também, os outros... ai, como é?... aqueles dos maias, toda essa gente deve ser contemplada, a primeira guerra mundial, a segunda guerra mundial, a guerra-fria, idas à lua, primeira ida, segunda ida, e as tentativas frustradas? porquê que ninguém fala nisso? a questão não é somente quem conseguiu lá chegar... e quem não conseguiu? morreu como? são todas essas datas que nós queremos (p. 363).

Destaque também para o simbólico falecimento da senhora Ideologia e seus desdobramentos, como o cancelamento do eclipse:

o Presidente tossiu levemente – assim sendo, e dado o recente passamento da camarada Ideologia, um dos pilares morais e cívicos da nossa nação, o Partido no poder decidiu cancelar quaisquer celebrações coletivas, propondo um período de três dias de luto nacional. nesse quadro, e imbuído dos poderes que me assistem, venho por este comunicado afirmar que Angola anuncia ao país e ao mundo o cancelamento, repito, o cancelamento total do eclipse anunciado para os dias próximos. serão envidados esforços para minimizar os dados econômicos que esta decisão possa causar, mas a partir deste momento o Partido declara inteiramente cancelado o tão esperado eclipse total! (p. 338)

A situação em que o Presidente que cancela o eclipse, um fenômeno da natureza, parece ir de encontro a um trecho de início de um capítulo no romance, onde encontramos "gente superior a deus". "- mas quem manda em tudo isto? - gente muito superior. - superior... como deus? - não. superior mesmo! aqui em Angola há pessoas que estão a mandar mais que deus." (p. 305)

A presença da figura do personagem Presidente, parece, obviamente, remeter a imagem de José Eduardo dos Santos, presidente do país desde 1979. Figura símbolo do poder maior em Angola, a referência a sua pessoa dá o caráter

“nacional” ao romance. Assim, percebemos que muito além da microcomunidade do Edifício do LargoDaMaianga, as estórias, os acontecimentos e os personagens do romance vão transitando por comunidades maiores, como a região da Maianga, a cidade de Luanda e o país, Angola.

Ainda sobre a questão da representação do Presidente, podemos pensar no “comunismo superado” ou nunca alcançado em Angola e a sua relação com o Partido. O “falecimento oficial” da senhora Ideologia “um dos pilares morais e cívicos da nação” (p. 338), indica, além da ironia do autor, o fim (ou um começo nunca alcançado) de um ciclo político no país.

## **2.5. Angola metafórica: da transparência ao apocalipse**

De acordo com os linguistas Lakoff e Johnson (1980), a metáfora não é somente uma questão de linguagem, ou seja, uma questão de “meras palavras”. Para eles, os processos do pensamento são em grande parte metafóricos.

Isso é o que queremos dizer quando afirmamos que o sistema conceptual humano é metaforicamente estruturado e definido. As metáforas como expressões linguísticas são possíveis precisamente por existirem metáforas no sistema conceptual de cada um de nós. (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.48)

Os linguistas apontam então que, mais do que um processo muito presente na literatura, a metáfora está amplamente ligada ao sistema conceptual humano. Considerando o exagero como uma das características da metáfora, podemos ressaltar que, assim como Lakoff e Johnson (1980) dão um carácter universalista à presença da metáfora no sistema conceptual humano, o escritor Ondjaki fala sobre o carácter regionalista angolano da utilização do exagero por parte do locutor e da recepção deste pelo interlocutor, conforme em entrevista ao periódico português *Expresso*.

Tenho tendência para ler as coisas em termos mágicos, o aspecto surreal que acompanha a vida de Luanda todos os dias. E é verdade que também costumamos exagerar quando contamos coisas uns aos outros. E, quando se exagera, o interlocutor kaluanda sorri e não diz nada. Assume. Eu tive de conter-me para não exagerar e ainda vão dizer que não precisava ter exagerado? Angola está muito à frente, na literatura, no que diz respeito ao fantástico. O que é surreal no livro [Os transparentes] nem são tanto “os transparentes”, é o ritmo. (ONDJAKI in EXPRESSO, 2012, p. 28)



Para nosso propósito, estabelecemos aqui relações entre as considerações de Ondjaki sobre o “exagero angolano” e o “exagero” apresentado pelos linguistas Lakoff e Johnson (1980). Segundo os linguistas, “a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza.

Obviamente, se a presença das metáforas é algo inegável no sistema conceptual humano, e podemos encontrá-la (também) na linguagem, a arte, mais especificamente a literatura, também está repleta de elementos metafóricos. Aqui, neste trabalho, mais do que afirmar a presença das metáforas e das metonímias presentes na literatura de Ondjaki, a saber, em *Os transparentes*, buscamos explorar os elementos da história e da sociopolítica angolana que podem ser relacionadas com tais recursos narrativos.

### **2.5.1. O kota transparente**

Fredric Jameson (1986) invoca em seu conceito de “consciência situacional” ou alegoria nacional, “que o contar da história individual e a experiência individual não podem deixar de, por fim, envolver todo o árduo contar da própria coletividade.” (*apud* BHABHA, 2013, p. 229). Considerando isso, o personagem Odonato precisa, em *Os transparentes* e dentro do contexto da Luanda contemporânea, ser enxergado de uma maneira holística.

Odonato, que pode ser considerado se não como o principal, ou como um dos principais do romance, é o único personagem a se tornar “literalmente” transparente, podendo assim ser classificado como principal elemento de “surrealidade” da obra de Ondjaki. Entretanto, ressaltamos aqui mais uma vez os dizeres do autor sobre o caráter surreal da transparência do personagem “O que é surreal no livro nem são tanto “os transparentes”, é o ritmo” (ONDJAKI in EXPRESSO, 2012, p. 28).

Apesar da consideração do escritor em dizer que o hábito do exagero é algo característico do povo caluanda, não podemos ignorar que, de fato, a “personificação da transparência” por parte de Odonato é o principal elemento

surreal da obra. Entretanto, seria difícil classificar *Os transparentes* como um romance fantástico e/ou surreal. Além do mais, são relativamente raros esses elementos surreais em outras obras de Ondjaki. O ritmo, defendido por Ondjaki como o verdadeiro elemento surreal, pode ser considerado como tal apenas a partir de outras análises literárias que foram discutidas à parte neste trabalho. Apesar dos outros elementos que possam ser lidos como surreais<sup>62</sup>, por ora, voltamos a focar na transparência figurativa de Odonato.

Pensar em uma leitura simplesmente linear de *Os transparentes* é algo, no mínimo, complexo. A forma cíclica que compõe romance se apresenta (em seu início tem-se a mesma “cena” do final: a conversa entre o Cego e o VendedorDeConchas em meio ao caos do incêndio do prédio) e o já dito “ritmo surreal” da narrativa também podem ser lidos metaforicamente. A vasta quantidade de personagens presentes no romance - analisados pormenorizadamente neste trabalho no capítulo *2.3 Personagens de Os transparentes: habitantes de Luanda* - é algo também incomum em outras obras de Ondjaki, até mesmo em seus outros romances. Porém, como a obra traz a possibilidade de ser lida como um “retrato da Luanda contemporânea”, tratamos essa como a principal maneira a ser considerada a leitura do romance nesse trabalho. Uma cidade com tantos habitantes, que representa 1/3 da população de Angola e carrega tamanha pluralidade cultural necessita também de uma representação mais ampla se tratando da multiplicidade de personagens. Entretanto, apesar das singularidades de cada personagem, é possível se estabelecer pontos de convergência entre grande parte destes, assemelhados uns aos outros em menor ou maior grau.

Dentre esses possíveis pontos de convergência, destacamos, primeiramente, Luanda e conseqüentemente, Angola. Ainda dentro das metonímias do lócus, temos o Edifício do LargoDaMaianga como ponto de encontros e acontecimentos. Por último, destacamos a transparência de Odonato. De acordo com a fala do personagem, parte de Luanda fala por seu corpo (e sua transparência). “- não, não é

---

<sup>62</sup> Também pode ser vista como possível passagem surreal o peso do corpo de CienteDoGrã. Se por um lado seu pai, Odonato, durante sua vida vai cada vez mais se tornando mais leve e transparente, Ciente, morto, se torna um corpo pesado, causando inúmeros transtornos, inclusive abrindo um buraco do tamanho de seu corpo entre os andares do Edifício LargoDaMaianga. O falecimento oficial da senhora Ideologia, que beira a ironia personificando entidades abstratas, e a percepção do Cego também podem como passagens que, senão são, ao menos apontam elementos surreais.

todo o povo. há alguns que são transparentes. acho que a cidade fala pelo meu corpo...” (p. 265).

Percebemos que, Odonato, talvez carregue a sua peculiar condição de transparência justamente por se assemelhar demais com os outros personagens. É nele que a cidade, ou seja, os pobres, as minorias que são a maior parte da população, fala. É através de sua transparência que somos capazes de *ver através* da cidade. Segundo Homi Bhabha (2013) “a nação necessita de uma metáfora.” (p. 266) Odonato é metáfora e metonímia de Luanda, e esta, metonímia de Angola.

Assim como tantos outros, senão a maioria dos personagens do romance, Odonato é suprimido e abafado durante toda a obra. A sobreposição das histórias, dos personagens é algo bastante peculiar em *Os transparentes*. É como se o caos também fosse, de certa forma, muito bem representado pelas técnicas narrativas de Ondjaki. Os personagens ora parecem se desdobrar, ora parecem se fundir uns nos outros. Uma grande indistinção paira no ar: ser ou não ser na multidão, na confusão? (PECHMAN, 2014, p. 113).

Nos “capítulos” do livro podemos encontrar diversas histórias diferentes que se entrelaçam, se completam ou que apenas se sobrepõem umas às outras. As descrições dos acontecimentos, das histórias ou das personalidades de cada habitante de Luanda, muitas vezes podem deixar no leitor de *Os transparentes* a sensação de “inacabadas” ou ainda de “aleatórias”. Todavia, acreditamos que isso seja uma técnica muito bem elaborada por Ondjaki para descrever a megalópole de Luanda. Em uma cidade com tanta diversidade humana e com tantos problemas de infraestrutura, é comum que seus habitantes, por mais complexos e cheios de singularidades que possam ser, sejam “engolidos” pelo caos, que voltam a ser lembrados “páginas e páginas depois” ou são simplesmente esquecidos.

É através do desenvolver do romance que Odonato vai se tornando cada vez mais transparente, passando pelos estados iniciais da “translucidez que brincava de reflexo nas suas veias” (ONDJAKI, 2013, p. 49), ao “estado de semitransparência que permitia, no mesmo instante, ver e julgar não ver” (p. 139) até ao estágio final de permanecer amarrado numa antena para não se esvoaçar pelos céus de Luanda.

Odonato é, de alguma maneira, algo semelhante a um “bode expiatório”. É como se, além de progressão de sua transparência devido aos seus problemas e anseios pessoais, Odonato também carregasse em si os problemas de sua família, de sua microcomunidade e de toda sociedade pobre de Luanda.

Considerando a alegoria bíblica sobre o bode expiatório (Levítico 16: 1-23) podemos relacionar as mortes expiações de Odonato e de seu filho, CienteDoGrã, com as escrituras do Antigo Testamento. De acordo com a passagem religiosa da teologia cristã, dois bodes serviam como símbolo para expiação durante a cerimônia hebraica do Yon Kippur, porém, apenas um era sacrificado, lembrando que de acordo com Hebreus 9:22,23 “sem derramamento de sangue não há remissão”. Já o outro bode, o não sacrificado, é levado ao deserto para morrer aos poucos, “levando os pecados de todo povo”. Sendo assim, relacionaremos aqui mais uma vez a morte de CienteDoGrã e seu “derramamento de sangue” e o sumiço de seu pai, Odonato, não pelo deserto como na alegoria bíblica, mas pelos céus de Luanda a carregar em si a transparência do povo de Luanda.

### **2.5.2. Gomorra à la Luanda**

Como já tratado anteriormente, a destruição, o caos e ainda *o apocalipse* trazidos pelo fogo provocado por um incêndio no Edifício do LargoDaMaianga é a maneira cíclica de ligação entre o começo e o fim do romance. A tragédia anunciada logo no começo da obra e ainda trazida à tona e discutida principalmente pelo personagem DavideAirosa, cientista angolano, parece ser ignorada, de certa forma, por conta de uma cega ambição em se “achar petróleo” em Luanda e, conseqüentemente, na obtenção de um suposto progresso econômico.

Na entrevista ao periódico *Expresso*, Ondjaki, em resposta a uma pergunta sobre o final apocalíptico que traz Luanda em chamas graças à *maka*<sup>63</sup> do petróleo, deixa claro que muitas vezes as catástrofes “naturais” são na verdade provocadas por humanos.

---

<sup>63</sup> Maka/maca: problema.

*Expresso*: O livro termina com Luanda em chamas, a explodir por causa da maca do petróleo, por causa da ganância, dos embutes vários. Espetáculo dantesco, uma Gomorra no século XXI...

*Ondjaki*: É uma proposta de leitura: e se não fosse o incêndio, o que aconteceria? É uma entidade quase purificadora. Está tudo tão desorganizado que só um dramalhão poderia ocorrer. Era questão de ser a natureza a resolver. Foi através do fogo, poderia ser um terremoto, um tsunami. Também quero lembrar que muitas vezes as catástrofes 'naturais' são culpa nossa, é isso que as personagens estão a dizer. (ONDJAKI in EXPRESSO, 2012, p. 28)

De acordo com o autor, o fogo “purificador” é praticamente uma bênção, o final causado por uma maneira possível que a natureza encontra (e aparentemente somente ela poderia). Lembramos também que, apesar dos diversos significados relacionados à destruição, o referido fogo consegue mesmo ser “purificador” se considerarmos é que através dele que se carrega grande parte da “poesia” do romance.

Logo no início do romance, em sua primeira frase, temos a pergunta do personagem Cego à beira de uma morte iminente diante ao incêndio. “- ainda me diz qual é a cor desse fogo...” (p. 09). Destacando a utilização “pouco usual” da palavra *ainda*, advérbio que indica conotação temporal, temos já indicado uma indeterminação temporal a ser preenchida ao longo da estória e que acaba por ser completada no final do romance, em sua última página, nas últimas palavras do VendedorDeConchas para o seu amigo Cego.

A incapacidade “poética” do VendedorDeConchas no início, frente a indagação também poética de seu amigo Cego é carregada durante as páginas do livro. No início, temos o Vendedor, em meio à luta contra o fogo, admitindo sua dissonância poética, frustrando assim seu amigo

- ainda me diz qual é a cor desse fogo...

[...]

- se eu soubesse explicar a cor do fogo, mais-velho, eu era um poeta desses de falar poemas

com voz hipnotizada o VendedorDeConchas acompanhava as tendências da temperatura e guiava o Cego por entre caminhos mais ou menos seguros onde a água jorrante dos canos rebentados fazia corredor pra quem se atrevia a circular por entre a selva de labaredas que o vento açoitava

- te peço, vê você que tens vistas abertas, eu estou a sentir na pele, mas quero ainda imaginar na cor desse fogo

o Cego parecia implorar numa voz habituada a dar mais ordens que carícias, o VendedorDeConchas sentiu que era falta de respeito não responder àquela dúvida tão concreta que pedia, numa voz de carinho, uma simples informação cromática,

embora difícil e talvez impossível (p. 09-10)

A resposta para a “difícil e talvez impossível” indagação do Cego só é respondida pelo seu companheiro VendedorDeConchas no final do romance, em sua última página. No início da estória VendedorDeConchas estava a aguardar a poesia de uma voz de criança para poder dar a resposta ao amigo, “mais-velho, estou a esperar uma voz de criança para lhe dar uma resposta (ONDJAKI, 2013, p. 10). É apenas no final do romance que “a voz de criança” parece insurgir dentro de si, conforme afirma: “é um vermelho devagarinho, mais-velho... é isso: um vermelho devagarinho...”. (p. 398)

Mais uma vez, entramos em contato com a maneira cíclica pela qual a obra se apresenta. É como se durante essa espera do VendedorDeConchas em encontrar uma voz de poesia, uma voz de criança a falar dentro de si, tivéssemos contato com toda a estória de *Os transparentes*, com toda poesia imersa entre o caos e o afeto dos personagens do romance.

O fogo da destruição e do caos parece ser purificado pela poesia para tornar-se assim, purificador. De acordo com o autor, se não fosse o fogo, seria algo como um terremoto ou um tsunami, qualquer outro desastre natural ou supostamente natural. Porém, sendo o fogo o motivo da destruição, ou purificação, estabeleceremos mais uma possibilidade de leitura feita com uma metáfora de um mito bíblico, a saber, o mito da Babel.

De acordo com a alegoria bíblica, (Gênesis 11, 1-9), Babel era uma cidade construída por homens do Oriente, descendentes de Noé, que se fixaram em Sinear. Nessa cidade começou a ser construída a Torre de Babel. O empreendimento arquitetônico almejava alcançar os céus e assim seu povo não seria obrigado a se espalhar pela face da Terra. Segundo a estória, o Senhor, tendo descido à Terra para ver a cidade e a torre que estavam sendo construídas, percebeu que, já que eram um só povo que falava uma só língua, nada poderia impedir que eles alcançassem o resultado almejado de chegar aos céus. Sendo assim, ele confundiu

a língua que falavam para não mais poderem ser compreendidos uns pelos outros e, conseqüentemente, parar de construir a torre.

Renato Cordeiro Gomes (2008) em “O emblema da cidade: Babel”, ao discutir sobre a alegoria de Babel como emblema da cidade e a experiência urbana na literatura, aponta que

O mito babélico envia à crítica da urbanidade mecânica, da rapidez, do gigantismo crescente. Ilustra, além da impossibilidade de comunicação, o tempo e o espaço esfacelador; um empreendimento ligado a um permanente recomeçar. Associa-se, portanto, em sua projeção na metrópole moderna, ao espetáculo disforme da cidade fragmentada, desse universo descontínuo marcado pela falta de medida. Aí não se percebem formas definidas, contempla-se uma contínua massa amorfa, o todo caótico. (GOMES, 2008, p. 88)

Assim como no mito de Babel, muitas das edificações portuguesas como a do prédio de *Os transparentes* foram abandonadas em meio a sua construção. Na década de 1970, durante a luta pela independência de Angola, é fato que muitos portugueses, com receio de um novo governo autóctone e socialista, deixaram para trás muitas dessas construções inacabadas e que posteriormente foram ocupadas pelos angolanos de Luanda devido aos problemas habitacionais da cidade.

Além das referências à construção e ao caos da Torre de Babel, encontramos também em *Os transparentes* a destruição apocalíptica do prédio. De acordo com a tradição judaico-cristã, Deus derrubou a torre com um grande vento. Já na destruição das cidades de Sodoma e Gomorra, Deus teria feito chover fogo do céu. Em *Os transparentes* temos o fogo saído do chão “[...] para não serem engolidos pelas enormes línguas de fogo que saíam do chão a perseguir o céu de Luanda” (p. 10) e ainda a comparação do fogo com o vento “o fogo é como o vento, grita muito mas tem voz pequenina” (p. 13 / p. 393). A ressignificação do fogo por Ondjaki, elemento que ocupa um entrelugar entre destruição e purificação se torna relevante à medida em que considerarmos os supostos contrastes na vida luandense de seus personagens. A Luanda de *Os transparentes*, e mais precisamente o Edifício do LargoDaMaianga, é lócus de enorme multiplicidade de acontecimentos, sentimentos e interpretações. O fogo, seja ele causado por forças da “natureza”, por forças “sobrenaturais” como no mito bíblico, seja pela exacerbada ganância humana em se encontrar petróleo, pode sempre ser enxergado como (pelo menos) uma oportunidade de recomeço.

Consideramos que os apontamentos de Gomes (2008) vão ao encontro à obra de Ondjaki e às assimilações de uma releitura intertextual entre o mito babélico e o final apocalíptico do Edifício. A dita rapidez e o gigantismo crescente são características perfeitamente aceitáveis ao se falar na urbanidade da metrópole de Luanda. Além disso, o “permanente recomeçar” parece ser algo mais do que presente na história angolana. Os conturbados períodos de colonização portuguesa, luta pela independência, de uma extensa guerra civil e do atual período de uma democracia, tão contestada, parecem estar de uma maneira cíclica destruindo e despertando no povo angolano a esperança de um novo tempo, de um novo recomeço. O apocalipse em Angola nem sempre é o final.

Segundo Gomes (2008),

A imagem do labirinto é uma recorrência na representação da metrópole, a partir do século XIX, não só em poetas e romancistas, mas também em outros pensadores que se debruçaram sobre as questões do fenômeno urbano na modernidade. (p. 74)

A Luanda contemporânea, imensa megalópole, não poderia deixar de ser considerada como labiríntica. Nas palavras de Olgária Matos (1989) sobre a cidade como “moldura do único”, há uma linguagem secreta habitando esses lugares fugidios: “é a cidade com suas múltiplas possibilidades: intersecções, passagens, desvios, becos-sem-saída, ruas-de-mão-única, que constituem os espaços de autonomia” (p. 80).

Sendo metonímia dessa cidade, o Edifício do LargoDaMaianga também se apresenta como tal. Seu caos interno, suas portas e corredores que dão para lugar nenhum, sua escuridão e sua água incessante são conjuntos que indicam um caos completo de acordo com olhares primários e/ou uma ordem já estabelecida ou decifrada por quem está em seu interior. Conforme aponta o escritor português José Saramago (2002) em *O homem duplicado*: “o caos é uma ordem por decifrar.” (p. 71)



## **Considerações finais**

Em *O direito à cidade*, Henri Lefebvre (2008) oferece uma leitura crítica da urbanidade contemporânea. Para o recorte temático dessa pesquisa, fizemos uso de tal perspectiva para refletir acerca do direito à cidade de Luanda, que mostra-se ainda como tema a ser muito debatido, não apenas na literatura e na arte, mas em todas as esferas de poder capazes de transformar a sociedade. A perda desse direito se destaca ainda mais após a perda do direito ao campo, que durante décadas assolou milhões de angolanos autóctones do interior do país. Embora tenha mudado de patamar com o fim da guerra civil em 2002, nos dias de hoje ainda permanece como grave problema de planejamento social a ser enfrentado pelos angolanos. Os movimentos migratórios internos e externos fizeram que Luanda, capital do país, tivesse um crescimento demográfico alarmante, enquanto a população que reside no interior sofre com os vestígios de uma guerra civil tão longa. As consequências são: falta de empregos e moradias, impossibilidade de uma agricultura de subsistência e, ainda, as minas terrestres espalhadas no solo.

Assim, passado pouco mais de uma década após o fim da guerra, as marcas deixadas pela luta pelo poder político não são apenas afetivas. Em Angola, uma utopia parece sempre suceder a outra. Atualmente, com o país em “reconstrução” pós-guerra, os angolanos já podem ter percebido que a busca por uma vida decente e pautada na justa distribuição de renda é um dos principais objetivos a serem exigidos às classes que controlam o poder. Defronte a isso, a classe pobre, larga maioria da população, vem enfrentando problemas enquanto a dita “democracia” governada pelo presidente José Eduardo dos Santos há quase quarenta anos se mantém como proposta única de administração do país. Em *Os transparentes*, até mesmo o eclipse que cobre a cidade, retirando-lhe a transparência, pode ser barrado pelo Todo-Poderoso-Chefe, mostrando a influência e dominação da Cultura

sobre a Natureza. Dá-se assim, no romance, a ilusão ao Povo de que o Estado está ao lado da transparência.

Transparentes são aqueles que, além de parecerem invisíveis aos olhos do Estado, são pobres o suficiente para não ter nem o que esconder. Os ricos, os governantes e os donos dos meios de produção, por cautela de perder os seus postos, não revelam suas estratégias de dominação da Natureza, logo, estão envoltos numa opacidade que lhes é característica. Assim percebemos as denúncias de fraude durante as eleições angolanas, os contratos bilionários envolvendo transações internas e externas que negociam os bens do país, além da perseguição aos oponentes do governo e da liberdade de expressão.

O comunismo superado (ou nunca chegado) em Angola deu lugar a um projeto neoliberal que espreme as classes baixas em submoradias de condições primárias enquanto se vangloria através de cifras bilionárias geradas pela economia do petróleo e da abertura do país ao capital estrangeiro. Todavia, enquanto o caos rege Angola, o povo dança. O que não deve ser confundido, porém, como uma incapacidade do povo angolano de tomar conhecimento sobre seu lugar e seu tempo, como uma aceitação das misérias que lhe são ofertadas. Pensar sobre isso trata-se, sobretudo, de ter conhecimento sobre o povo de Angola, conhecer suas idiossincrasias em suas mais variáveis manifestações de humanidade.

Considerando os dizeres de Hamilton (1999), em contraponto ao pós-modernismo, o pós-colonialismo faz Angola parecer caminhar para o futuro, mas de costas.

[...] os antigos colonizados e os seus descendentes, mesmo com o fim do colonialismo oficial, avançam para o futuro de costas, por assim dizer. Isto é, ao contrário dos pós-modernistas, que carregam o passado nas costas mas que fixam os olhos no futuro, os pós-colonialistas encaram o passado enquanto caminham para o futuro. Quer dizer que por mal e por bem o passado colonial está sempre presente e palpável. Está presente na forma da ameaça ou realidade do neo-colonialismo, isto sendo uma dependência econômica com respeito à antiga metrópole e às multi-nacionais. Os descolonizados ainda têm que viver com a herança indelével do colonialismo. (HAMILTON, 1999, p. 16)

Caminhando de costas para o futuro, os personagens que intitulam *Os transparentes* parecem entender sobre os perigos de se considerarem *impotentes*, tal como se salvaguardam de se considerarem como *onipotentes*. O romance, que

tem como cenário espaços bem peculiares, traz noção sobre as comunidades imaginadas (como desenvolvido por Benedict Anderson, 2005) e a suas interações com as cidades e, respectivamente, com o país. É através dessas metonímias de comunidades que muito a literatura angolana, com destaque para a sobre Luanda, buscou representar e discutir o que é ser e estar em seu espaço e seu tempo.

Se durante muito tempo os musseques luandenses reinaram nas páginas da literatura nacional como a representação de uma periferia e de uma classe oprimida e marginalizada, em *Os transparentes*, Ondjaki traz à tona um outro lado periférico da cidade. Não preocupamos aqui em tratar o caráter inovador da obra (representação dos pobres angolanos além dos musseques), entretanto, devido à contemporaneidade da narrativa, muitos caminhos ainda se mostraram grandes e dignos de um acompanhamento por parte da crítica da cultura que se volta aos estudos pós-coloniais e contemporâneos.

Falar sobre o cotidiano da Luanda na atualidade parece ser sinônimo de desigualdade social e caos urbano. Apenas um profundo conhecedor da realidade luandense, como Ondjaki, poderia falar sobre o assunto de maneira não superficial e demagoga. Acreditamos que isso é feito em *Os transparentes*. Enquanto os condomínios fechados, de luxo, habitados pela classe alta das grandes cidades metropolitanas se caracterizam por possuírem relações de subjetividades ensimesmadas, o Edifício do LargoDaMaianga é marcado pela relação mais íntima, onde o que reina é a proximidade, tanto na vivência diária, profissional e desocupacional, como no cuidado para com a vida do outro. As atividades conjuntas se mostram bem mais frequentes.

Seriam essas relações uma forma de suportar a pobreza? A comida repartida, a preocupação com a vida de cada morador e a empatia enxergada em alguém que já passou por dificuldades semelhantes são modos afetivos mais diversos demonstrados no cotidiano. As sessões de cinema improvisadas no terraço do edifício, as portas e os ouvidos sempre abertos a cada morador que queira por deleite ou por necessidade de uma boa prosa, demonstram que o compartilhamento do afeto é tão presente quanto o compartilhamento de problemas sociais em comum.

Acerca das hipóteses iniciais deste trabalho, algumas considerações merecem ser levadas em conta. Primeiramente, atentávamos para uma possível classificação binária em considerar o romance como utópico ou distópico. Dada a contextualização dos períodos históricos angolanos e a presença da utopia na sua literatura nacional, uma hipótese plausível seria considerar uma “nova utopia” já vigente nos personagens do romance. Por outro lado, o “apocalipse” que enlaça a história do começo ao fim, poderia ser enxergado como elemento de uma distopia. Entretanto, dada a multiplicidade de discursos e de personagens presentes na obra, consideramos o romance como atópico. Pois, ao passar distante da generalização de um pessimismo em todos os âmbitos, foge do binarismo e afirma singularidades que frente ao fenômeno mesmo da existência manifestam seus interesses particulares e cosmovisões próprias. Os sujeitos apresentados não são unívocos e apresentam aquilo que Bakhtin (2013) chama de polifonia dos discursos.

Acreditamos que com o lançamento de *Os transparentes* no Brasil, publicado pela editora Companhia das Letras, junto com os recentes prêmios literários atribuídos a ele e também com a publicação de trabalhos acadêmicos, como este, possam propagar a ideia de que Ondjaki não é apenas um escritor que narra sua infância na Luanda dos anos de 1980. Neste romance, o autor angolano amplia ainda mais seu lugar enquanto informante de Luanda e, respectivamente, de Angola. Assim como suas obras autobiográficas (ou ainda suas memórias inventadas) apresentam aos leitores painéis sócio-históricos de um passado recente em Angola e suas obras infanto-juvenis apresentam elementos da oratura angolana, em *Os transparentes*, entramos em contato com um mundo afetivo e heterogêneo de uma Luanda contemporânea.

Segundo Rita Chaves (1999), devido às particularidades das situações históricas de Angola, torna-se inadequada uma pesquisa que não transite de maneira interdisciplinar entre áreas do conhecimento como a História, a Antropologia, a Sociologia e a Ciência Política (p. 29). Pautados nisso, buscamos realizar um trabalho que considerasse uma gama de estudiosos que transitassem nessas áreas. Posto isto, supomos como alcançados os objetivos iniciais deste trabalho, sendo o problema de pesquisa resolvido em consequência do uso de teorias que contribuíram para tal. Ao pretender compreender a representação da

Luanda contemporânea em *Os transparentes*, realizamos uma delimitação espaço-temporal que ainda pouco tem sido feita nos estudos da literatura angolana e da literatura de Ondjaki.

A discussão acerca do tema pôde ser ampliada e, por se tratar da marcação temporal do contemporâneo, ainda pode e deve ser mais debatida. Em termos da contribuição à sociedade brasileira, esperamos que este trabalho fortaleça, mais do que os estudos sobre os laços antepassados entre África e Brasil, o pensar sobre a contemporaneidade de uma Nação, ora mãe, ora irmã da nação brasileira.

Já em relação às discussões sobre Ondjaki, acreditamos ter ampliado a crítica que o discute como um escritor além de suas memórias autobiográficas. Todavia, o cuidado de pensar o autor como um escritor em trânsito, influenciado pelo contato com tantas culturas diferentes, foi essencial para contextualizar a sua subjetividade e a particularidade de sua obra que, através de alegorias, tanto discute a posição do povo luandense. Povo este que, muito mais do que Ondjaki, ainda carece de oportunidades significativas de fala. Com base nisso, Ondjaki parece seguir motivado a continuar construindo em sua literatura espaços de enunciação ao seu povo e sua cidade. Enquanto o povo angolano sofre com a impossibilidade de se expressar de maneira plena seu cotidiano, seus afetos, sua esperança e seu caos, a literatura de Ondjaki em *Os transparentes* segue como uma maneira válida para demonstrar, ao menos através de um entreolhar, a realidade e as alegorias de um país mais uma vez marcado por um período de reconstrução.

## Referências bibliográficas

### Do corpus da pesquisa:

ONDJAKI. **Os transparentes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

### Livros, teses, dissertações, artigos e outros:

**A BÍBLIA**. Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola, 1995.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

ALMEIDA, Ndalú de. **Uma Luanda urbana**: da cidade discursiva aos discursos sobre a cidade. 2010. Tese (Doutorado em Estudos Africanos) – Università degli Studi di Napoli L'Orientale, Itália, 2010.

ALMEIDA, Ndalú de. **Uma Luanda urbana**: da cidade discursiva aos discursos sobre a cidade. 2010. Tese (Doutorado em Estudos Africanos). Università degli Studi di Napoli L'Orientale, Itália. 2010.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo. Tradução de Catarina Mira. Lisboa: Edições 70, 2005.

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai**: a África na filosofia da cultura. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

BAYER, Adriana Elisabete. **Pepetela e Ondjaki**: com a juventude, a palavra faz o sonho. 2008. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**: Estudos de Teoria e História Literária. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.

CHAVES, Rita. **A formação do romance angolano**. Entre intenções e gestos. São Paulo: Universidade de São Paulo, Via Atlântica, 1999.

CHAVES, Rita. O passado presente na literatura angolana. In: \_\_\_\_\_. **Angola e Moçambique**: experiência colonial e territórios literários. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

CUNHA LIMA, Jorge de. **Fragmentos de um discurso urbano**. In: Revista USP, n. 5. São Paulo, 1996.

DAMASCENO, Igor Lucas; TOLENTINO, Eliana da Conceição. Memória e recriação na narrativa de Ondjaki. In: XII Congresso de Produção Científica da UFSJ, 2014, São João del Rei. **Anais do XII Congresso de Produção Científica da UFSJ**, 2014.

DOM Durakov. Direção de Andrei Konchalovsky. Rússia, 2002. Intérpretes: Yuliya Vysotskaya; Evgeniy Mironov; Sultan Islamov e outros. Vídeo (104 min), widescreen, colorido. Produzido por Bac Films; Hachette Première e Persona.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. Tradução de de Waltensir Dutra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

EDIFÍCIO Master. Direção de Eduardo Coutinho. Brasil, 2002. Intérpretes: Fernando José e outros. Vídeo (110 min), widescreen, colorido. Produzido por VideoFilmes.

EL ÁNGEL Exterminador. Direção de Luis Buñuel. México, 1962. Intérpretes: Silvia Pinal; Enrique Rambal; Claudio Brook e outros. Vídeo (95 min), widescreen, preto e branco. Produzido por Producciones Gustavo Alatriste.

ERVEDOSA, Carlos. Roteiro da literatura angolana. 4. ed. Luanda: União dos Escritores Angolanos, s.d.

ESSA palavra sonho. Direção de Ondjaki. 2013. (27 min).

ESTOCOLMO 10/2010. Direção de Ondjaki. 2010. (17 min).

FAENAS de amor. Direção de Ondjaki. 2005. (22 min).

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: Edufba, 2008.

GALEANO, Eduardo. **As palavras andantes**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1994.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade**: literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

HAMILTON, Russell G. A literatura dos PALOP e a Teoria Pós-colonial. **Via Atlântica**, n. 3, p. 12-23, 1999.

HUMAN RIGHTS WATCH. **Angola, a luta em tempos de paz**: o retorno e reassentamento em Angola. Vol. 15, n. 16 (A). 2003.

JAMESON, Fredric. Third World literature in the era of multinational capitalism. Social Text, Fall, 1986. In: BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

KRÓTKI film o milosci. Direção de Krzysztof Kieslowski. Polônia, 1988. Intérpretes: Grazyna Szapolowska; Olaf Lubaszenko; Stefania Iwinska e outros. Vídeo (86 min), widescreen, colorido. Produzido por Zespol Filmowy "Tor".

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. (coordenação da tradução: Mara Sofia Zanotto). São Paulo: Mercado das Letras, 1980.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5. ed. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2008.

MACÊDO, Tania. **Luanda, cidade e literatura**. São Paulo: Editora Unesp; Luanda (Angola): Nzila, 2008.

MATOS, Olgária. **Os arcanos do inteiramente outro**: uma interpretação de Macunaíma. São Paulo: Brasiliense, 1979.

NAMAI. Direção de Šarūnas Bartas. Lituânia, 1997. Intérpretes: Zivile Adomaiyte; Laima Akstinaite; Gediminas Akstinas e outros. Vídeo (120 min), widescreen, colorido. Produzido por Gémini Films e Madragoa Filmes.

NETTO e o domador de cavalos. Direção de Tabajara Ruas. Brasil, 2008. Intérpretes: Werner Schünemann; Tarcísio Filho; Evandro Elias e outros. Vídeo (95 min), widescreen, colorido. Produzido por Walper Ruas Produções.

NKRUMAH, Kwame. **A luta de classes em África**. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1977.

NZOVO, Tiago Bassika. **Habitação Social para além da Sobrevivência**: Caso dos Bairros Zango I e II em Luanda, Angola (2002-2012). (Projeto de Pesquisa) – Mestrado Profissional em Planejamento Territorial. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2012.

ONDJAKI. **A bicicleta que tinha bigodes**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

ONDJAKI. **AvóDezanove e o segredo do soviético**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ONDJAKI. **Bom dia camaradas**. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

ONDJAKI. **Dentro de mim faz sul seguido de acto sanguíneo**. Lisboa: Caminho, 2010.

ONDJAKI. **Materiais para a confecção de um espanador de tristezas**. Lisboa: Caminho, 2009.

ONDJAKI. **Momentos de aqui**. Lisboa: Caminho, 2001.

ONDJAKI. **O céu não sabe dançar sozinho**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2014.



- ONDJAKI. **Os da minha rua**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.
- ONDJAKI. **Quantas madrugadas tem a noite**. São Paulo: Leya, 2010.
- ONDJAKI. **Sobre o mar**: poesias. 2012. (Performance)
- ONDJAKI. **Uma escuridão bonita**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.
- ONDJAKI; BURCH, Jordi. **O rosto da paisagem**: uma estrada, dois olhares. Exposição fotográfica. Instituto Camões – Centro Cultural Português. Luanda, 2010.
- ONDJAKI; MAGDALENO, Marcelo. **No sul**. Letra de música. 2013.
- ONDJAKI; MAGDALENO, Marcelo. **Sobre o mar**. Concerto visual musical. 2013.
- OXALÁ Cresçam Pitangas. Direção de Kiluanje Liberdade e Ondjaki. Angola, 2007. Vídeo (62 min), widescreen, colorido. Produzido por Noland Filmes.
- PAVIANI, Aldo. **A lógica da periferização em áreas metropolitanas**. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura. (Org.) Território: globalização e fragmentação. 4. Ed. São Paulo: Hucitec, 1998.
- PECHMAN, Robert. **Nove cenas, algumas obs-cenas, da cidade**. In: KUSTER, Eliana; PECHMAN, Robert. O chamado da cidade: ensaios sobre a urbanidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- PINHEIRO, Hérica Aparecida Jorge da Cunha. **Os deslimites da poesia**: diálogos interculturais entre Manoel de Barros e Ondjaki. 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Universidade do Estado do Mato Grosso. Tangará da Serra, 2011.
- POZZATO, Sara Ferreira Marcenes. **Cartografia da palavra**: a relação espaço e literatura na obra de José Luandino Vieira. 2013. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Crítica da Cultura). Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2013.
- SANTANA, Paula Manuella Silva de. **Um ar de cinema em Ondjaki**: interferências e interlocuções em prol de uma modernidade angolana. 2010. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2010.
- SANTILLI, Maria Aparecida. **Estórias africanas**: história e antologia. São Paulo: Ática, 1985.
- SARAMAGO, José. **O homem duplicado**. Lisboa: Editorial Caminho, 2002.
- SCHMIDT, Aline Van Der. **Entre leões, coelhos, tranças e guerras**: dilemas contemporâneos na literatura infantil angolana de Ondjaki. 2013. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2013.

SEIDL, Surian. **A bicicleta que tinha bigodes**: para uma (re)significação de Angola através da leveza do olhar infantil. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos de Literatura). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

SIMIONATTO, Ivete. **Classes subalternas, lutas de classe e hegemonia** - uma abordagem gramsciana. Revista Katálysis, v. 12, n. 1, p. 41-49, 2009.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SUVIN, Darko. Displaced persons. New Left Review. Vol. 31. Jan.-Fev. de 2005. p. 107-123. In: MARTINS, Anderson Bastos. **Onde fica meu país?** O exílio e a migração na ficção pós-apartheid de Nadime Gordimer. 2010. Tese (Doutorado em Estudos Literários). Universidade Federal de Minas Gerais. 2010.

VERAS, Laurene. **Ondjaki e a memória cultural em Bom dia camaradas, Os da minha rua e AvóDezanove e o segredo do soviético**. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

VIEIRA, José Luandino. **A vida verdadeira de Domingos Xavier**. Lisboa: Edições 70, 1987.

VIEIRA, José Luandino. **João Vêncio**: os seus amores. 2.ed. Lisboa: Edições 70, 1987.

VIEIRA, José Luandino. **Luuanda**. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

VIEIRA, José Luandino. **Nós, os do Makulusu**. 4. ed. Porto: Edições 70, 1985.

VIEIRA, José Luandino. **Nosso musseque**. São Paulo: Leya, 2002.

VIEIRA, José Luandino. **Vidas Novas**. Luanda: Ed. Nzila, 2006.

#### **Das entrevistas e sítios da internet:**

**“Basta. Têm de se ir embora. É preciso uma ruptura em Angola”**. Disponível em: <<https://www.publico.pt/mundo/noticia/basta-tem-que-se-ir-embora-e-preciso-uma-ruptura-em-angola-1711155?page=-1>>. Acesso em 17/05/2016.

**“Vamos ser condenados”, diz ativista angolano Domingos da Cruz**. Disponível em:< <http://www.dw.com/pt/vamos-ser-condenados-diz-ativista-angolano-domingos-da-cruz/a-19098376>>. Acesso em 15/03/2016.

**12 ativistas do autodenominado Movimento Revolucionário detidos em Benguela já foram libertos.** Disponível em: <<http://www.dw.com/pt/12-ativistas-do-autodenominado-movimento-revolucion%C3%A1rio-detidos-em-benguela-j%C3%A1-foram-libertos/a-19163390>>. Acesso em 10/04/2016.

**Activistas detidos numa casa em Luanda por perturbação da ordem pública.** Disponível em: <<https://www.publico.pt/mundo/noticia/activistas-detidos-numa-casa-em-luanda-por-perturbacao-da-ordem-publica-1699733>>. Acesso em 14/03/2016.

**Alegações de Fraude Eleitoral e Detenções no Bié.** Disponível em: <[http://www.makaangola.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=4998:alegacoes-de-fraude-eleitoral-e-detencoes-no-bie&catid=29:politica&Itemid=268&lang=pt](http://www.makaangola.org/index.php?option=com_content&view=article&id=4998:alegacoes-de-fraude-eleitoral-e-detencoes-no-bie&catid=29:politica&Itemid=268&lang=pt)>. Acesso em 31/05/2016.

**Angola - diminui taxa de analfabetos.** Disponível em: <[http://www.rtp.pt/rdpafrica/noticias-africa/angola-diminui-taxa-de-analfabetos\\_4172](http://www.rtp.pt/rdpafrica/noticias-africa/angola-diminui-taxa-de-analfabetos_4172)>. Acesso em 29/03/2016.

**Angola é o país onde diferenças entre riqueza natural e bem-estar social são mais visíveis.** Disponível em: <<http://www.publico.pt/mundo/noticia/angola-e-o-pais-onde-riqueza-natural-e-pobreza-social-estao-mais-distantes-1594089>>. Acesso em 26/06/2015.

**Angola: Oposição reage à decisão do Tribunal Constitucional sobre os resultados das eleições de 2012.** Disponível em: <<http://www.dw.com/pt/angola-oposi%C3%A7%C3%A3o-reage-%C3%A0-decis%C3%A3o-do-tribunal-constitucional-sobre-os-resultados-das-elei%C3%A7%C3%B5es-de-2012/a-16252828>>. Acesso em 31/05/2016.

**As riquezas não são para todos.** Disponível em: <<http://dw.com/p/16sY1>>. Acesso em 21/03/2016.

**Ataque à Caravana da UNITA Causa Três Mortos.** Disponível em: <[http://www.makaangola.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=11982:ataque-a-caravana-da-Unita-causa-tres-mortos&catid=28&Itemid=231&lang=pt](http://www.makaangola.org/index.php?option=com_content&view=article&id=11982:ataque-a-caravana-da-Unita-causa-tres-mortos&catid=28&Itemid=231&lang=pt)>. Acesso em 31/05/2016.

**Ativistas angolanos condenados a penas entre 2 e 8 anos de prisão.** Disponível em: <<http://www.dw.com/pt/ativistas-angolanos-condenados-a-penas-entre-2-e-8-anos-de-pris%C3%A3o/a-19146663>>. Acesso em 29/03/2016.

**Ativistas angolanos condenados a penas entre 2 e 8 anos de prisão.** Disponível em: <<http://www.dw.com/pt/ativistas-angolanos-condenados-a-penas-entre-2-e-8-anos-de-pris%C3%A3o/a-19146663>>. Acesso em 29/03/2016.

**Carvão de Moçambique: Há uma região em brasa.** Disponível em: <<http://dw.com/p/16kQ8>>. Acesso em 25/03/2016.

**Conquistar alguns litros da riqueza petrolífera da Nigéria.** Disponível em: <<http://dw.com/p/16ozB>>. Acesso em 21/03/2016.

**Daddy's Girl: How na African 'Princess' Banked \$3 Billion In A Country Living On \$2 A Day.** Disponível em <<http://www.forbes.com/sites/kerryadolan/2013/08/14/how-isabel-dos-santos-took-the-short-route-to-become-africas-richest-woman/#6550e2c179fe>>. Acesso em 09/06/2016.

**É o Presidente de Angola que faz da sua filha uma milionária, acusa a Forbes.** Disponível em: <<https://www.publico.pt/mundo/noticia/e-o-presidente-de-angola-que-faz-da-sua-filha-uma-milionaria-acusa-a-forbes-1603123>>. Acesso em 09/06/2016.

**É proibido falar em Angola.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lfqoISH1Dhg&list=PLmkLHWZfMzPF06jzwCg0A9UrD19T-yHym>>. Acesso em 15/03/2016.

**Eleições de 2012 em Angola.** Disponível em: <<http://www.dw.com/pt/elei%C3%A7%C3%B5es-de-2012-em-angola/a-16070052>>. Acesso em 06/06/2016.

**Em reconstrução, Angola enfrenta desafio de crescer com justiça social.** Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2014-11/em-reconstrucao-angola-enfrenta-desafio-de-crescer-com-justica-social>>. Acesso em 09/06/2016.

**Entrevista com o escritor angolano Ondjaki.** Programa Imagem da Palavra. Rede Minas. Disponível em <<https://www.youtube.com/user/imagempalavratv>>. Acesso em 06/10/2013.

**Forbes considera chefe de estado de Angola o segundo pior presidente em África.** Disponível em: <<http://www.brasil.rfi.fr/africa/20130610-forbes-considera-chefe-de-estado-de-angola-o-segundo-pior-presidente-em-africa>>. Acesso em 26/06/2015.

**José Eduardo Agualusa: “Não conheço alguém que em privado defenda o regime angolano”.** Disponível em: <[http://rr.sapo.pt/noticia/39171/jose\\_eduardo\\_agualusa\\_nao\\_conheco\\_alguem\\_que\\_em\\_privado\\_defenda\\_o\\_regime\\_angolano](http://rr.sapo.pt/noticia/39171/jose_eduardo_agualusa_nao_conheco_alguem_que_em_privado_defenda_o_regime_angolano)>. Acesso em 28/03/2016.

**José Eduardo dos Santos: O Rei Sol angolano.** Disponível em <<http://expresso.sapo.pt/internacional/2016-01-02-Jose-Eduardo-dos-Santos-O-Rei-Sol-angolano>>. Acesso em 31/05/2016.

**Número de angolanos analfabetos caiu mais de 68% desde 1975.** Disponível em: <[http://24.sapo.pt/article/lusa-sapo-pt\\_2015\\_09\\_08\\_410499205\\_numero-de-angolanos-analfabetos-caiu-mais-de-68--desde-1975](http://24.sapo.pt/article/lusa-sapo-pt_2015_09_08_410499205_numero-de-angolanos-analfabetos-caiu-mais-de-68--desde-1975)>. Acesso em 29/03/2016.

**Ondjaki.** Disponível em: <[www.kazukuta.com/ondjaki](http://www.kazukuta.com/ondjaki)>. Acesso em 20/05/2016.

**Os filhos do musseque juntaram-se ao filho do regime em Angola.** Disponível em: <<https://www.publico.pt/mundo/noticia/os-filhos-do-musseque-juntaramse-ao-filho-do-regime-em-angola-1712176>>. Acesso em 15/03/2016.

**Oxalá Crescem Pitangas – Histórias de Luanda.** Disponível em: <<http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia/Oxala-Crescem-Pitangas-%96-Historias-de-Luanda-/12/11842>>. Acesso em 31/05/2016.

**Programa Leituras da TV Senado.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GeZWIIPJwuU>>. Acesso em 20/05/2016.

**Recursos naturais - bênção ou pesadelo?** Disponível em: <<http://dw.com/p/BMp2>>. Acesso em 25/03/2016.

**Sábado nos musseques.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nZWJcnZXj9Q>>. Acesso em 25/05/2016.

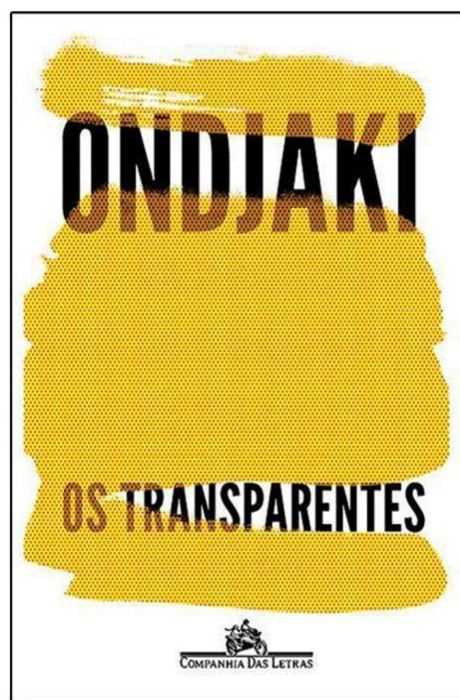
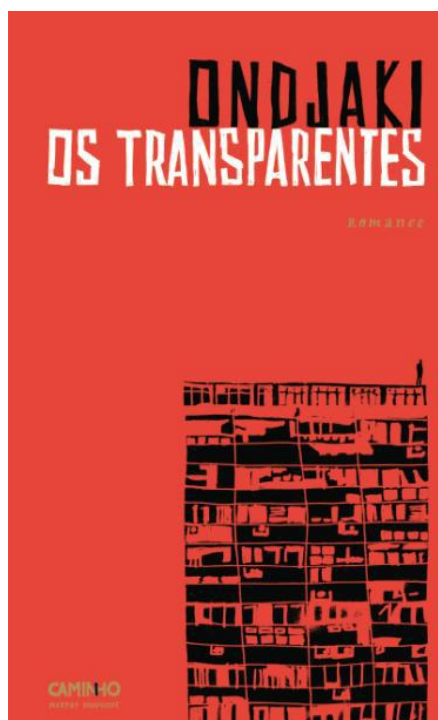
**Umas Palavras 2013 Ep. 06: Ondjaki.** Programa Umas Palavras. Canal Futura. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Yqi3lPAtZc>>. Acesso em 06/10/2013.

**UNITA garante ter provas de fraude nas eleições em Angola.** Disponível em: <<https://www.publico.pt/mundo/noticia/Unita-vai-apresentar-provas-de-fraude-nas-eleicoes-de-angola-1561378>>. Acesso em 31/05/2016.

## Anexos

### 1. Capas de *Os transparentes*.

À esquerda, edição portuguesa da Editora Caminho. À direita, edição brasileira da Companhia das Letras.



2. Prédio da Lagoa do Kinaxixi, região central de Luanda.

